



**REVISTA**  
**APROFUNDAMENTO**  
**BÍBLICO**

## **EXPEDIENTE**

### **Primeira Igreja Batista em Divinópolis-MG**

Pastor-Presidente: Pr. Alexsandro de Oliveira

### **Área Ministerial de Formação Cristã**

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

### **PALAVRA VIVA**

Revista de estudos bíblicos para jovens e adultos.

Trilho de Formação Cristã da Escola Bíblica Dominical.

Coordenação Editorial Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

**2024 – Ano VII – Nº 04**

### **Aprofundamento Bíblico**

**Autor** Fabiano Nogueira Cortez

### **Revisão**

Pr. Petrônio Almeida Borges Júnior

**Capa** Igor Batista



Filiada à Convenção Batista Brasileira,  
Convenção Batista Mineira  
e Associação das Igrejas Batistas do Oeste de Minas

Telefone: (37)3222-9664 | (37)3221-1910

Endereço: Rua Pernambuco, 454 - Centro. Divinópolis / MG | 35.500-008

E-mail: pibdiv@hotmail.com | Site: [www.pibdiv.org](http://www.pibdiv.org)

## SUMÁRIO

- 1 DOCTRINA E CONHECIMENTO DE DEUS, 4
- 2 COSMOVISÃO – DEUS E A CRIAÇÃO, 11
- 3 A ORIGEM DA BÍBLIA, 18
- 4 AS CARACTERÍSTICAS DA BÍBLIA, 27
- 5 INTERPRETAÇÃO BÍBLICA, 36
- 6 CONHECENDO O DEUS PAI, 44
- 7 CONHECENDO O DEUS FILHO, 53
- 8 CONHECENDO O DEUS ESPÍRITO SANTO, 63
- 9 A TRINDADE SANTA, 68
- 10 A DOCTRINA DO HOMEM, 78
- 11 ANJOS E DEMÔNIOS, 87
- 12 ESCATOLOGIA INDIVIDUAL E GERAL, 95
- BIBLIOGRAFIA, 109

## DOCTRINA E CONHECIMENTO DE DEUS

*Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos.  
(Salmo 19:1)*

*Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina. (Tito 2:1)*

### INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno em que vivemos, com as diversas “verdades” disponíveis, a defesa de um conhecimento objetivo da realidade conforme defendido pela fé cristã se torna cada vez mais difícil. *“Se o conhecimento em si é sempre relativo, segue-se que Deus não pode ser conhecido também. É exatamente essa uma das principais afirmações do ateísmo e do agnosticismo.”* (Ferreira, Franklin, 2007). Queremos estudar nessa lição a necessidade da teologia e como isso impacta no conhecimento de Deus. Mas será que isso é assim mesmo? Deus pode ou não pode ser conhecido? Essa é a dúvida que a doutrina da revelação de Deus procura responder.

### A NECESSIDADE DA TEOLOGIA

Se você em algum momento ficou se perguntando: “Deus realmente existe? Quem é Jesus Cristo? Eu preciso de frequentar uma Igreja?”, dentre diversas outras questões, não se preocupe, você não está sozinho. Essas perguntas são de natureza teológica e são úteis para nos guiar na construção do conhecimento bíblico correto, também chamado de sã doutrina.

Os apóstolos Paulo e João falaram sobre o estudo desse ensino bíblico correto, ou seja, aquele que é formulado a partir das escrituras (João 7:16,17; Atos 20:27; 1 Timóteo 4:6, 6:1; Tito 2:1; 2 João 1:9) pois esses ensinamentos nos ajudam a compreender melhor quem é Deus, quem é Jesus Cristo, a natureza da Igreja etc. Além disso, Jesus ordenou ensinar os discípulos na grande comissão – *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século”.* (Mateus 28:19,20).

Ao mesmo tempo, somos advertidos a conhecer a sã doutrina, ou seja, o ensino correto a fim de reconhecer os falsos mestres e rejeitar seu falso ensino (Romanos 16:17;

1 Timóteo 6:3-5; 2 João 1:10). Quando começamos a estudar a Bíblia, começamos a formular diversas questões a respeito do que está escrito e assim iniciamos o que é chamado de “processo teológico”. Esse processo segue uma determinada sequência que nos ajuda a formular melhor as questões apresentadas durante o estudo e elaborar respostas coerentes com toda a Bíblia.

De maneira geral, temos os seguintes conceitos na construção do processo teológico:

<b>O PROCESSO TEOLÓGICO<sup>1</sup></b>	
<b>EXEGESE</b>	O processo de buscar determinar o significado correto de uma passagem específica da escritura.
<b>TEOLOGIA BÍBLICA</b>	O estudo da revelação escriturística com base na moldura histórica apresentada na Bíblia.
<b>TEOLOGIA SISTEMÁTICA</b>	O estudo que responde à pergunta: “O que a Bíblia como um todo nos ensina hoje sobre um determinado tema?”
<b>TEOLOGIA HISTÓRICA</b>	O estudo de como os crentes de diferentes eras da história da Igreja compreenderam os diversos temas teológicos.
<b>TEOLOGIA FILOSÓFICA</b>	O estudo de temas teológicos, principalmente mediante o uso de ferramentas e métodos de raciocínio filosófico e de informações obtidas a partir da natureza e da razão (revelação geral), à parte da Bíblia.
<b>TEOLOGIA PRÁTICA</b>	O estudo de como aplicar melhor as verdades teológicas à vida da Igreja e do mundo (pregação, educação cristã, aconselhamento, evangelismo, missões, administração eclesiástica, culto etc.)
<b>APOLOGÉTICA</b>	O estudo da teologia que visa defender a doutrina cristã contra críticas e distorções, bem como fornecer provas de sua credibilidade.

<sup>1</sup> Retirado da Bíblia de Estudo NAA, pág. 2401

## Principais divisões no estudo teológico



Para o preparo e estudo dessa revista, faremos uso de algumas dessas informações, conforme apresentado na pirâmide do estudo teológico ao lado, usando argumentos culturais, filosóficos e principalmente bíblicos para que possamos entender e dialogar com a realidade à nossa volta.

Podemos resumir a importância de se estudar a teologia pelas seguintes razões:

1. Ela nos capacita a ensinar a nós mesmos e a outros o que a Bíblia toda afirma, cumprindo dessa forma a segunda parte da Grande Comissão – o ensino;
2. Ela nos ajuda a superar nossas ideias equivocadas, colocando o peso total do ensino das escrituras convencendo-nos mais rapidamente a superar esses equívocos;
3. Ela nos torna capazes de tomarmos decisões melhores posteriormente em novas questões de doutrina que possam surgir.
4. Por fim, a teologia nos ajudará a crescer como cristão, aumentando nosso conhecimento de Deus, de sua Palavra, melhorando nosso relacionamento com Ele e com a humanidade, nos tornando os crentes maduros que Cristo deseja (Efésios 4:11-14; Filipenses 3:12-16; Hebreus 5:12-14, 6:1-3).

Queremos nessa classe, com o auxílio dessa revista, combater diversos ensinamentos falsos, também chamados de heresia, por exemplo, que Jesus não é plenamente Deus, ou que Deus é uma pessoa e não três. Por fim, apresentamos as quatro aplicações da doutrina cristã: ORTODOXIA, que é a doutrina correta ou sã doutrina, ORTOPRAXIA, que

uma prática correta, ou vida santa, **CONFISSÃO**, que é uma declaração pública da fé cristã, e **ENSINO**, que é a transmissão fiel da crença cristã de uma geração para outra.

## **REVELAÇÃO GERAL E REVELAÇÃO ESPECIAL**

A primeira dúvida que vem à mente é se realmente é possível conhecer Deus! Ele é eterno, soberano, todo-poderoso, mas será que saberíamos disso se Ele não se revelasse? Pois bem, Deus quis se revelar ao homem e para isso utilizou alguns meios que veremos aqui. A “revelação” no contexto bíblico implica em um processo de “descobrimento” ou “desvendamento” de algo que estava escondido ou desconhecido. Nesse processo, Deus utilizou de duas maneiras para se revelar:

1. **A REVELAÇÃO GERAL:** É a revelação que se utiliza de meios naturais e suficientes para despertar no homem a consciência da existência de Deus. Existem os seguintes meios pelos quais Deus se revelou:
  - A natureza (Salmo 19:1-6; Atos 14:17; Romanos 1:18-21);
  - A providência divina e a condução da história (Atos 14:17; 17:22-31);
  - A natureza moral/religiosa do homem (Gênesis 1:26; Romanos 2:14-15).
2. **A REVELAÇÃO ESPECIAL:** É a revelação sobrenatural de Deus, através da qual o homem toma consciência de que é pecador e necessita de Jesus Cristo para a sua salvação. Existem os seguintes meios para essa revelação:
  - A Bíblia (2 Timóteo 3:15-17; 2 Pedro 1:20-21; Hebreus 1:1);
  - Jesus Cristo (João 1:18; Efésios 2:20; Hebreus 1:2-3; 1 João 5:9-12).

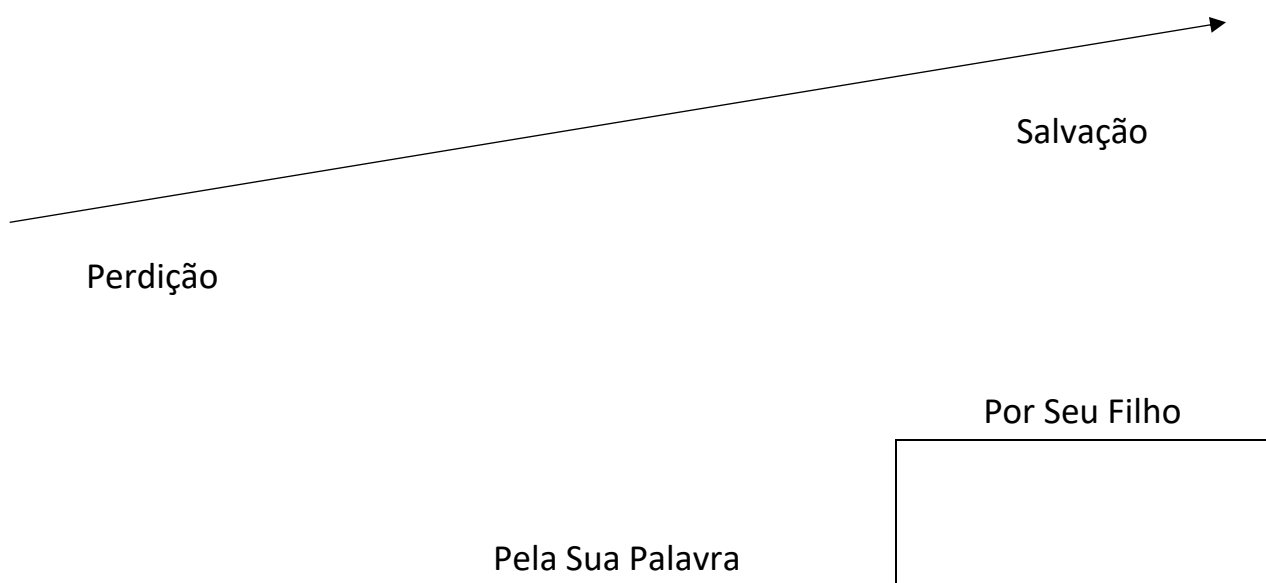
Podemos resumir as duas revelações no seguinte quadro (Adaptado de citação de John Stott na Teologia Sistemática de Franklin Ferreira, págs. 71-72):

<b>REVELAÇÃO GERAL</b>	<b>REVELAÇÃO ESPECIAL</b>
<b>UNIVERSAL – porque se destina a todo mundo e em todos os lugares</b>	<b>ESPECIAL – porque é dada a pessoas específicas em lugares específicos</b>
<b>NATURAL – porque se deu através da ordem natural</b>	<b>SOBRENATURAL – envolve a encarnação do Filho e a inspiração das escrituras</b>
<b>CONTÍNUA – pois vem desde a criação do mundo e continua dia após dia</b>	<b>FINAL – pois é completa em Cristo e nas escrituras</b>
<b>CRIACIONAL – pois revela a glória de Deus</b>	<b>SALVADORA – pois manifesta a graça de</b>

Podemos perceber que a revelação de Deus se dá então de maneira progressiva. Quando uma pessoa entende a primeira revelação de Deus, através da natureza, ele está dando o primeiro passo em direção a Deus. Mas isso não é o bastante. O homem precisa dar o segundo passo e crer na Palavra de Deus. Credo na Palavra de Deus, o homem está bem perto de dar o último passo em direção a Deus, que é crer em Jesus Cristo para a sua salvação.

Utilizando o salmo 19, podemos resumir biblicamente as formas para o conhecimento de Deus:

- Dos versos 1 ao 6, vemos o salmista descrever a grandeza dos céus e do firmamento que anunciam a glória de Deus. As maravilhas da natureza estão disponíveis para qualquer um que quiser ver, mas enxergar a ação de Deus por trás de toda essa beleza é apenas para os que veem além dela e buscam algo mais.





os 7 ao 10, o salmista passa a descrever as bênçãos que são o conhecimento da lei do Senhor, os seus mandamentos e seus juízos que são mais doces do que o mel, porém eles são refrigerio e alegria apenas para aqueles que aceitam que Deus existe e se revelou através de sua palavra.

Graficamente, podemos demonstrar o caminho para o conhecimento de Deus da seguinte forma:

## ARGUMENTOS FILOSÓFICOS PARA A EXISTÊNCIA DE DEUS

Alguns filósofos cristãos como Anselmo da Cantuária e Tomás de Aquino observando a natureza e usando a razão elaboraram alguns argumentos para demonstrar que há um Deus que cria, governa e sustenta todo o universo.

A maior parte das provas tradicionais da existência de Deus pode ser classificada em quatro tipos importantes de argumento<sup>2</sup>:

1. O ARGUMENTO COSMOLÓGICO: Considera o fato de que toda coisa conhecida do universo tem uma causa. Portanto, seu raciocínio é: o próprio universo deve ter necessariamente uma causa, e a causa de um universo tão grandioso só pode ser Deus. É insensato cogitar que o universo seja obra do acaso. Existe um Deus que criou e sustenta todas as coisas (Colossenses 1:16-17).
2. O ARGUMENTO TELEOLÓGICO: É na verdade uma subcategoria do argumento cosmológico. Concentra-se na evidência da harmonia, da ordem e do planejamento no universo, e argumenta que esse planejamento dá provas de um propósito inteligente (a palavra grega “telos” significa “fim”, “meta”, “propósito”). Como o universo parece ter sido planejado com um propósito, deve necessariamente existir um Deus inteligente e determinado que criou esse universo para funcionar assim. Quando pensamos em ciência, pensamos em experiências. Em todo o universo existe uma lógica inteligente que faz com que a ciência possa existir. Então, podemos pensar que se tudo o que existe no universo não obedecesse a um propósito inteligente, como poderiam ser repetidos os experimentos e obtidos os mesmos resultados? Com isso, Vemos

<sup>2</sup> Adaptado da Teologia Sistemática Completa e Atual de Wayne Grudem, pág. 218

que Deus, o planejador do universo, criou tudo de maneira lógica, obedecendo a leis que Ele mesmo desenvolveu (Jó 38:11,36; 39:19).

3. O ARGUMENTO ONTOLÓGICO: Esse argumento inicia com a ideia de que Deus é definido como um Ser “maior do que o qual não se pode imaginar”, (“*onto*” significa “Ser” no grego). Se conseguirmos pensar desse modo, então concluímos que de fato Deus existe. Essa característica da existência deve pertencer a tal ser, pois, maior é existir do que não existir. Se existisse um ser maior do que Deus, então este seria de fato o Deus, mas como isso é impossível, conclui-se que Deus é o Ser supremo de todo o universo (Êxodo 18:11; 2Crônicas 2:5).
4. O ARGUMENTO MORAL: Parte do senso humano do certo e do errado, e da necessidade de imposição da justiça, e argumenta que precisa existir um Deus que seja a fonte do certo e do errado e que um dia imporá justiça a todas as pessoas. Quando se pensa em atitudes questionáveis em todo o mundo, como, por exemplo: “matar é errado” ou que “quem fez algo ruim deve pagar pelo que fez”, está se tratando de valores universais que não estão atrelados a uma cultura ou grupos religiosos. Essa uniformidade de pensamento é explicada pela existência de uma mente superior que colocou esses valores dentro do homem. (Gênesis 3:22; Mateus 16:27).

## CONCLUSÃO

Vimos nessa lição, uma breve exposição da necessidade do estudo da teologia para termos uma visão organizada sobre esse Deus que se revelou ao ser humano.

Deus não pode ser conhecido apenas pela razão humana ou pela observação da natureza, principalmente porque a razão humana, estando contaminada pelo pecado, nega a existência de Deus (Salmos 14:1 e 53:1) e porque a natureza não basta para mostrar a necessidade de salvação do homem. Por conta disso, o Apóstolo Paulo diz que, *“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação”* (1 Coríntios 1:21). A sabedoria humana é deficiente para que venhamos a conhecer a Deus.

Dependemos de Deus para remover a cegueira e a irracionalidade provocada pelo pecado. A razão por si só não explica Deus, mas pode ser usada para apoiar a fé (Hebreus 11:3,6). Ele escolheu se revelar através das escrituras e por seu filho Jesus Cristo para

demonstrar seu amor pelo homem e para que esse homem fosse resgatado do pecado e da morte pela fé (João 3:16; 6:40).

Leia todo o Salmo 19, medite nas palavras do salmista e perceba que Deus está próximo e existe um tempo para que Ele possa ser encontrado – *“Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está próximo” (Isaías 55:6).*

## COSMOVISÃO – DEUS E A CRIAÇÃO

*“No princípio, criou Deus os céus e a terra.” (Gênesis 1:1)*

### INTRODUÇÃO

Vimos na lição anterior sobre a revelação geral e especial de Deus e hoje estudaremos um pouco mais sobre esse Deus que se revela. Precisamos das escrituras para nos mostrar sobre Deus. Esse tipo de conhecimento de Deus não se encontra por sabedoria ou esforços humanos. O foco da lição de hoje permitirá entender sobre a relação de Deus com sua criação conforme é ensinado na Bíblia. Faremos uma breve introdução sobre o termo “Cosmovisão” e a importância dele para entender o cristianismo e outras formas de se crer.

Para os cristãos é bem fácil entender Deus como criador de todas as coisas, mas como funciona essa relação de Deus com a natureza criada? E com o ser humano? Ele interfere ou interage com a realidade da existência?

Veremos alguns conceitos sobre doutrina da criação, como esses conceitos são interpretados por outras religiões e porque isso é importante para uma correta relação do homem com Deus, pois como é dito em Romanos 1:19 – *“porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, **porque Deus lhes manifestou**”*.

### COSMOVISÃO

Segundo Norman Geisler, em sua Enciclopédia de Apologética, Cosmovisão é o modo pelo qual a pessoa vê ou interpreta a realidade (Geisler, 2002, pág. 188). É um “paradigma”. É a estrutura por meio da qual a pessoa entende os dados da vida. Uma cosmovisão influencia muito a maneira como a pessoa vê Deus, vê o mundo, a natureza humana, seus valores e destino. Em geral, as pessoas não se dão conta que explicam a realidade através de uma série de pressupostos que já estão arraigados em sua consciência e apenas vivem suas vidas através deles, assim como um peixe não sabe que vive dentro d’água a não ser que seja retirado dela.

A partir desse conceito, vamos entender o que a Bíblia nos ensina a respeito de Deus e sua relação com a criação, esse ensino é conhecido como “Teísmo Cristão”.

Depois daremos uma breve explicação sobre a criação conforme outras cosmovisões, a saber: animismo, panteísmo, politeísmo, dualismo, ateísmo e deísmo.

Somos influenciados pela cultura e é importante termos uma noção do que nos cerca (como a água para o peixe) para podermos interagir com essa cultura e moldarmos nossa mente por uma perspectiva bíblica de um Deus que se revelou a nós, assim como Paulo ensinou em Romanos 12:2 – *“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”*

## A DOCTRINA DA CRIAÇÃO

Wayne Grudem em sua Teologia Sistemática define a doutrina da criação da seguinte forma: *“Deus criou todo o universo do nada; este era originariamente muito bom, e Ele o criou para glorificar a si mesmo”* (Grudem, 2022, pág. 392).

A Bíblia claramente demanda que acreditemos que Deus criou o universo do nada. A frase contida em Gênesis 1:1 deixa isso claro. O professor Adauto Lourenço, ao comentar esse versículo, disse que nele estão contidos os elementos com os quais a ciência trabalha da seguinte forma: *“No princípio”* nos dá uma ideia de que Deus criou o tempo, *“os céus”* nos dá uma ideia da criação do espaço e *“a terra”* nos dá uma ideia da criação da matéria. Apenas Deus é anterior aos elementos que Ele criou. Em muitos versículos por toda a Bíblia, essa doutrina é afirmada – Salmo 33:6,9; João 1:3; Atos 4:24, 17:24; Colossenses 1:16; Apocalipse 4:11 e ainda Hebreus 11:3 e Romanos 4:17 mostram que Deus criou tudo que existe a partir do nada (às vezes, usa-se a expressão latina *ex nihilo* – “do nada” para expressar esse conceito). É importante destacar que Deus criou não só o universo material, mas também o universo espiritual, conforme Neemias 9:6 e principalmente Colossenses 1:16 – *“pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele”*.

Como Deus criou todo o universo a partir do nada, isso implica que não existe matéria eterna. Tudo o que vemos – as montanhas, os mares, o próprio planeta Terra e até mesmo as estrelas – tudo veio a existir quando Deus os criou, apenas Deus é eterno conforme diz o salmista no Salmo 90:2 – *“Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade em eternidade, tu és Deus.”* Essa “eternidade de Deus” implica que Ele vive uma espécie diferente de existência sem

passagem de tempo, um conceito que para nós é difícil de imaginar, mas fica claro em algumas passagens – Jó 36:26; João 8:58; 2 Pedro 3:8; Apocalipse 1:8.

Isso nos lembra que Deus rege todo o universo e que nada na criação deve ser adorado em lugar de Deus ou além dele. Além disso, nos mostra que o universo tem sentido e propósito que é glorificar o próprio Deus – Salmo 19:1,2; Isaías 43:7; Apocalipse 4:11.

Por fim, quando Deus concluiu a obra da criação, alegrou-se com ela, declarando em cada etapa que ela era boa (Gênesis 1:4, 10, 12, 18, 21, 25) e no final dos 6 dias que ela era “muito boa” – *“Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era **muito bom**. Houve tarde e manhã, o sexto dia”* – Gênesis 1:31. Podemos extrair um importante ensino nesse versículo que é o seguinte: mesmo que o pecado tenha entrado no mundo, a criação ainda é boa aos olhos de Deus e deve ser vista como “boa” por nós. O mau uso da criação não implica que ela é inerentemente má, mas que o homem a utiliza com propósitos maus. Nós devemos desfrutar das bênçãos materiais com ações de graça (1 Timóteo 4:4-5), sabendo que esses bens são temporários e não eternos e por isso devemos depositar nossas esperanças em Deus (Salmo 62:10; 1 Timóteo 6:17) e na vinda de um reino que não pode ser abalado (Hebreus 12:28; 1 Pedro 1:4).

## **A RELAÇÃO DE DEUS COM SUA CRIAÇÃO**

O ensino bíblico a respeito do relacionamento entre Deus e a criação é único entre as religiões do mundo. Conforme vimos exaustivamente, a bíblia ensina que Deus é distinto da sua criação, não faz parte dela, pois Ele a fez e a governa (Deuteronômio 10:17; Salmos 103:19; Jeremias 10:7; 1 Timóteo 6:15-16). Existem dois termos teológicos que explicam a relação de Deus com o mundo (Jeremias 23:23,24):

1. **TRANSCENDÊNCIA:** Significa que Deus é muito maior que a criação, simplificando bastante, isso quer dizer que Ele está “acima” ou “além” da criação, sendo independente dela, não podendo ser determinado pelos conceitos humanos (Isaías 55:8-9; 1 Timóteo 6:16).
2. **IMANÊNCIA:** Significa que Deus está sobremaneira envolvido na criação, pois ela continuamente depende dele para existir e manter-se em atividade. Isso significa que Deus está presente e ativo dentro da criação e de toda raça humana. (Isaías 66:1-2; Atos 17:24-28).

O Deus da Bíblia não é uma divindade abstrata distante e desinteressada da sua criação. A Bíblia é a história do envolvimento de Deus com sua criação, especialmente com as pessoas. O apóstolo Paulo afirma simultaneamente a transcendência e a imanência de Deus quando fala de *“um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”* (Efésios 4:6). Esse conceito recebe o nome de TEÍSMO CRISTÃO.

## **ENSINOS ERRADOS SOBRE A RELAÇÃO DE DEUS COM A CRIAÇÃO**

Vimos que a criação é distinta de Deus, mas sempre dependente dele, que Deus está bem acima da criação, porém sempre envolvido nela – resumindo, o ser de Deus é ao mesmo tempo, transcendente e imanente. Qualquer entendimento diferente disso está deturpando o ensino bíblico a respeito da criação. As concepções analisadas a seguir não são exaustivas, mas são as mais representativas nos nossos dias:

1. ANIMISMO: É a crença que existe uma força ou energia que permeia todas as coisas. Nesse caso, a matéria é eterna e não existe um Deus que controla todas as coisas. Essa energia pode ser controlada pelas pessoas que passam a ter “poderes extraordinários”. Existem também seres “sobrenaturais” que influenciam as relações humanas e conseqüentemente, os seres humanos devem descobrir quais forças os influenciam, para que eles possam determinar sua ação futura. As religiões animistas afirmam que existe um conhecimento do sagrado que é percebido apenas por algumas pessoas dotadas de capacidades ou ofícios especiais, são os chamados xamãs ou adivinhos. As religiões de matriz indígena/africana têm essa origem. A astrologia, a Nova Era, a Wicca (bruxaria moderna), também recebem influência desse pensamento.
2. PANTEÍSMO: No processo de identificação da divindade com a criação, a evolução do animismo para o panteísmo é um passo natural. O panteísmo é a noção de que a divindade é a totalidade das coisas que existem (formada do grego *“panta”* = tudo e *“teísmo”* = deus). A divindade é considerada igual à energia e à matéria do universo. Tudo faz parte dessa divindade, e essa divindade engloba tudo. É o ser supremo e impessoal, embora possam existir divindades e espíritos menores que são pessoais. O ser humano também é divinizado, pois é permeado por uma energia divina (o fluido universal do Espiritismo, o axé do Candomblé ou a energia cósmica da Nova Era – o conceito da *“força”* dos filmes *Star Wars* – Guerra nas Estrelas para os antigos – é inspirado nessa energia). Enfim, tudo que existe é reduzido a uma unidade

completa. O hinduísmo filosófico, budismo, a Nova Era e o espiritismo kardecista são religiões com fortes elementos do panteísmo. Qualquer filosofia que interprete a criação como “emanação” de Deus (ou seja, procede de Deus, mas permanece parte de Deus, inseparável dele) pode ser chamada de panteísmo.

3. POLITEÍSMO: A crença de que existem muitos deuses é conhecida como politeísmo. No grego, o termo “*pólys*” significa “muitos”. Assim, politeísmo seria a ideia que existem várias divindades, talvez em competição, talvez em harmonia, à nossa volta, sendo cada uma responsável por um aspecto da criação. Dentro do politeísmo, existem a monolatria e a polilatria. Uma vez que existem vários deuses dentro do politeísmo, você pode adorar apenas um desses deuses, que é a monolatria, onde “mono” vem de “único” e “latria” vem de “adoração”, ou adorar vários deuses, que seria a polilatria. Um politeísta monólatra é alguém que acredita em vários deuses, mas adora um único deus contra os outros. Enquanto um politeísta que pratica polilatria é um politeísta que acredita na adoração de vários deuses. A monolatria também é conhecida como henoteísmo, com “*hen*” significando “um”, em grego. Foi Max Müller, um historiador alemão das religiões, que cunhou esse termo para falar de pessoas que vivem no contexto da existência de vários deuses, mas que escolhem um único deus para adorar. Exemplos disso são as antigas religiões do antigo Egito, de Roma e da Grécia – na Grécia antiga, acreditava-se em vários deuses como Zeus, Diana, Apolo etc. e as pessoas podiam escolher a qual desses deuses elas prestariam adoração (Atos 19:28). O hinduísmo também apresenta essa característica. O mormonismo também é uma religião politeísta, pois crê que o deus da nossa terra tem um pai que é deus em outro planeta. Eles esperam também se tornarem deuses de seus próprios planetas. Na verdade, quando se estuda essas religiões antigas pode-se dizer que esses “deuses” são homens e mulheres com poderes especiais, mas com as mesmas vontades e os mesmos sentimentos do “homem comum”, como podemos assistir nos modernos filmes de “super-heróis”.
4. DUALISMO: É a ideia de que Deus e o universo material existem eternamente lado a lado. Assim existem duas forças supremas no universo: Deus e a matéria. O problema do dualismo é que ele sugere um conflito eterno entre Deus e os aspectos malignos do universo material. Essa filosofia nega a soberania absoluta de Deus sobre a criação e que a criação veio a existir por causa da vontade divina, devendo ser usada exclusivamente para os desígnios divinos e que ela



existe para glorificá-lo. Esse ponto de vista também nega que todo o universo foi criado inerentemente bom e incentiva as pessoas a enxergar a realidade material como algo mau em si mesmo. Como destacado no item anterior, um exemplo de dualismo na cultura moderna é a série de filmes “*Star Wars*” que postula a existência de uma “*Força*” universal, que tem um lado bom e outro mau. Aí não existe um Deus santo e transcendente que tudo governa e certamente triunfará de tudo. O gnosticismo filosófico e a teosofia seriam o mais próximo do dualismo em nossa realidade hoje. Qualquer doutrina que coloca o espírito e matéria em lados opostos, possui origem nesse ensino.

5. ATEÍSMO: O prefixo “*a*” aparece como uma negação. Ateísmo seria a negação de Deus. Esse pensamento é profundamente materialista. Existem também os agnósticos que defendem não saber se há Deus. Contudo, nenhum dos dois acredita que seja necessário postular Deus para explicar o universo, ou seja, a matéria sempre existiu. Na realidade, para os ateus, o universo é tudo que existe, sendo que até a mente veio da matéria. Os ateus que acreditam que os seres humanos têm alma também insistem que a alma é dependente do corpo assim como a sombra depende da árvore., também afirmam que o pensamento é apenas reação química do cérebro. Os ateus afirmam que não faz sentido indagar quem fez o universo, assim como é sem sentido perguntar quem fez Deus. Esse ensino também pode ser encontrado no materialismo (existe apenas a matéria) ou de naturalismo (existe apenas a natureza). Perceba que qualquer ensino que diga que não existe um Deus separado ou distinto da criação é um tipo de ateísmo.
6. DEÍSMO: Deísmo é a ideia de que Deus não está envolvido diretamente na criação. O deísmo geralmente defende que Deus criou o universo e é bem maior do que ele (Deus é “transcendente”), mas nega que Deus esteja atualmente envolvido no mundo, eliminando assim a imanência divina da ordem criada. Deus é encarado como um “relojeiro” divino que dá corda no “relógio” da criação no início, mas depois deixa que ele funcione sozinho. O deísta é um teísta. Ele acredita em deus, mas um deus que está distante, longe e que não pode ser alcançado. Existem hoje, muitos cristãos de “fachada” ou “mornos”, que são deístas na prática, pois vivem quase totalmente alheios à genuína oração, à adoração, ao temor de Deus ou à confiança contínua em que Deus vá atender às necessidades que surgirem.

Por fim, podemos destacar a existência do SINCRETISMO: que trata da fusão de vários elementos religiosos de diferentes origens criando uma outra visão de mundo. Ex.: Candomblé.

## **CONCLUSÃO**

A doutrina da criação é uma pedra fundamental da cosmovisão cristã. Os pontos essenciais deste ensino desfrutam de consentimento universal entre os teólogos ortodoxos. Entre esses pontos citamos os seguintes:

- Há um Deus teísta;
- A criação do universo foi a partir “do nada”;
- O universo material é bom em si mesmo, pois Deus o criou bom e quer que o utilizemos de modo que lhe sejam agradáveis;
- Deus é soberano do universo que Ele mesmo criou;
- A Ele devemos tudo o que somos e temos.

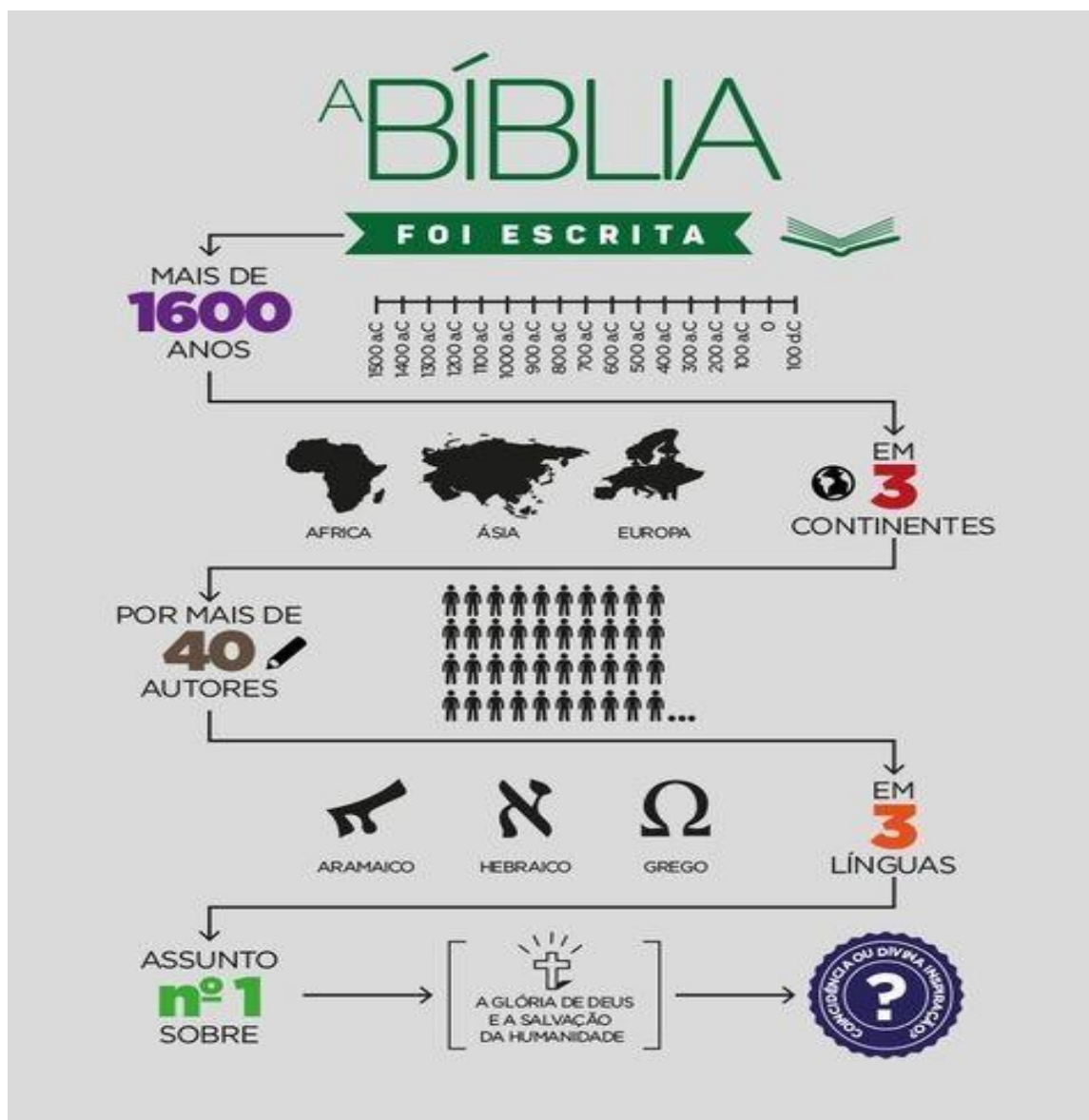
E como já foi dito, qualquer ensino que não atenda à alguma desses pontos deturpará o ensino bíblico. *“Grandes são as obras do Senhor, consideradas por todos os que nelas se comprazem”* Salmos 111:2.

## A ORIGEM DA BÍBLIA

*E, começando por Moisés, percorrendo por todos os Profetas, expunha-lhes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras. (Lucas 24:27)*

### INTRODUÇÃO

Como a Bíblia surgiu? Quais os livros que a compõem? Qual a história dela? Você sabe o que é Cânon? Como o Antigo Testamento foi formado? E o Novo Testamento? Essas e outras questões serão o tema da nossa lição.



## A REVELAÇÃO ESPECIAL – A BÍBLIA

A Bíblia é a revelação escrita de Deus, a qual nos mostra quem Ele é e o que tem feito na história da redenção. No princípio, Deus falou diretamente com algumas pessoas como Adão (Gênesis 2:16-17), Noé (Gênesis 6:13-21), Abrão (12:1-3), mas a partir de Moisés, além de falar diretamente com ele, Deus também ordenou que Moisés escrevesse sobre os acontecimentos (Êxodo 17:14) e sobre as leis (Êxodo 34:27). Desde então, começaram os registros das histórias que temos na Bíblia (Josué 24:26; 1 Crônicas 29:29; 2 Crônicas 35:25; Habacuque 2:2, Lucas 1:3), sendo que aproximadamente 40 autores diferentes escreveram os livros bíblicos. Interessante destacar que o próprio Deus registrou a lei dada a Moisés no Sinai (Êxodo 31:18).

A primeira língua usada para escrever a Bíblia foi o hebraico em quase todo Antigo Testamento, sendo que alguns poucos textos foram escritos em aramaico (Esdras 4:8 – 6:18, 7:12-26; Daniel 2:4 – 7:28), já o Novo Testamento foi todo escrito em grego. A Bíblia levou aproximadamente 1600 anos para ser escrita (de 1500 a.C. até 100 d.C.) em 3 continentes (África, Ásia e Europa). Mesmo com todos esses autores, línguas e locais diferentes e em um período tão grande a Bíblia possui uma unidade de pensamento e um poder transformador com características únicas que chegamos à conclusão de que sua origem é realmente divina – *“porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.”* (2 Pedro 1:21).

Conforme o professor Paulo Won, existem 3 vantagens na comunicação escrita da Palavra de Deus<sup>3</sup>:

1. Transmissão: a forma escrita garante a transmissão e a preservação mais precisa do conteúdo revelado originalmente.
2. Exame contínuo: oportunidade de examinar, de maneira repetida, um mesmo texto, podendo ser facilmente atestado no estudo e leitura da Bíblia.
3. Acessibilidade: o registro escrito permitiu não só a preservação da mensagem original, mas também que mais pessoas tivessem acesso a essa informação de forma confiável.

Dessa forma, os três fatores acima resumem bem a ideia de que Deus, na sua soberania, dirigiu a história de sua própria revelação a fim de que ela se tornasse, em primeiro lugar, textos escritos e, posteriormente, um livro contendo toda a Palavra de

---

<sup>3</sup> WON, Paulo. E Deus falou na Língua dos homens. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, pág. 37. Adaptado

Deus ao ser humano. É mais proveitoso para nós estudarmos as palavras de Deus escritas na Bíblia. É a Palavra escrita de Deus que ele nos ordena estudar (Josué 1:8).

## **A FORMAÇÃO DA BÍBLIA**

A Bíblia que temos nas nossas mãos hoje, possui 66 livros, divididos em 2 testamentos – 39 livros do Antigo Testamento e 27 livros do Novo Testamento. O termo “testamento” se refere às alianças feitas por Deus, sendo que a Antiga Aliança foi aquela feita com o povo no deserto, conforme registrado no livro de Êxodo 24:9 – *“Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez convosco a respeito de todas estas palavras.”* E a Nova Aliança se refere à aliança feita por Jesus com seu sangue conforme registrado no Evangelho de Lucas 22:20 – *“Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós.”*

A palavra Bíblia vem do grego “*biblion*” que significa “livro” e era o nome dado ao papiro, material usado para se escrever no passado (Jeremias 36:2,28), vindo a nomear o conjunto de livros usados pela Igreja Cristã por volta do ano 150 d.C. A lista de livros que compõe a Bíblia é chamada de “cânnon”, termo que teve origem no grego “*kanon*” e que significava originalmente “vara de medir” e, por conseguinte, “regra”, “padrão” ou “norma”, sendo que por volta do século IV, veio a nomear a coleção encerrada de livros considerados inspirados. Importante destacar que a Bíblia também é chamada de “Escritura” (2 Timóteo 3:16).

Conforme vimos, o primeiro registro escrito foi feito em pedra (Êxodo 31:18), mas devido à dificuldade de carregar e armazenar, o uso de pedras mostrou-se inviável. Começou-se a usar o papiro, material já bastante utilizado no antigo Egito, porém, ele tinha o problema de ser muito frágil e se deteriorava com facilidade (Jeremias 36:18). Desenvolveu-se então, o pergaminho, que consiste em uma folha feita de couro animal tratado, tendo sido utilizado inclusive pelo apóstolo Paulo – *“Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos.”* (2 Timóteo 4:13). Esse material provou-se tão duradouro que em 1947, foram encontrados rolos de pergaminho no deserto de Qumran, os chamados “Manuscritos do Mar Morto” que tinham quase todo o Antigo Testamento completo (faltava o Livro de Ester) e foram datados entre o século 3 a.C. e o primeiro século d.C.

Entre os séculos II e IV d.C., com o cânon bíblico fechado, surge o formato do livro, conforme conhecemos hoje, quando folhas de papiro ou pergaminho foram encadernados para uso dentro das Igrejas, passando a ser chamado de códice.

Por fim, é importante destacar que a divisão da Bíblia em capítulos e versículos foi feita de forma artificial muitos anos depois que os livros foram escritos. A divisão em capítulos remonta à Idade Média com Stephen Langton (1150-1228), arcebispo da Cantuária, que teve seu método aperfeiçoado pelo Cardeal Hugo de Saint-Cher (1220-1263). A divisão dos capítulos em versos ou versículos da Bíblia Hebraica partiu das mãos de um rabino judeu chamado Isaac Nathan ben Kalonymus (1450-?), mas foi Robert Stephanus Estienne (1503-1559), em 1555, que desenvolveu o sistema que adotamos nos dias de hoje. Essa divisão da Bíblia mostrou-se muito importante por facilitar a localização de qualquer porção das Escrituras.

## O CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

Conforme vimos na seção anterior, a Bíblia é dividida em dois testamentos, ou seja, duas listas de livros considerados canônicos: o Antigo e o Novo Testamento. Nessa seção e na próxima falaremos sobre a formação desses dois cânones.

O livro “Introdução Bíblica” destaca que o processo de canonização passa por 3 elementos básicos:<sup>4</sup>

1. Inspiração de Deus: foi Deus quem deu o primeiro passo no processo de canonização, quando inspirou o texto. Não é possível reconhecer a autoridade divina num livro, se ele não fosse revestido de nenhuma autoridade.
2. Reconhecimento por parte do povo de Deus: uma vez que Deus houvesse autorizado e autenticado um documento, os homens de Deus o reconheciam. Esse reconhecimento ocorria de imediato, por parte da comunidade a que o documento fora destinado originalmente.
3. Coleção e preservação pelo povo de Deus: o povo de Deus entesourava a Palavra de Deus, ou seja, o livro era recebido, guardado e preservado formando uma coleção de livros.

---

<sup>4</sup> GEISLER, Norman e NIX, William. Introdução Bíblica – Como a Bíblia chegou até nós. São Paulo: Editora Vida, 2006, pág. 74. Adaptado.

O Cânon que nós, cristãos, chamamos de Antigo Testamento é a mesma Bíblia Hebraica utilizada pelos judeus e demorou mais de 1000 anos para ser formado. Não existem dados suficientes para compor a história completa da formação do cânon do AT, mas é possível traçar um esquema global de seu desenvolvimento.

Desde o início, os escritos proféticos foram reunidos pelo povo de Deus e reverenciados como escritos sagrados, autorizados pela inspiração divina:

- As leis de Moisés foram preservadas ao lado da arca do tabernáculo de Deus (Deuteronômio 31:24-26) e, mais tarde, no templo (2 Reis 22:8).
- Josué acrescentou suas palavras “no livro da lei de Deus” (Josué 24:26).
- Samuel informou os israelitas a respeito dos deveres de seu rei (1 Samuel 10:25). Ele cuidava de uma escola de profetas, cujos alunos eram chamados de “filhos dos profetas” (1 Samuel 19:20).
- De acordo com Ezequiel, havia um registro oficial de profetas e seus escritos no templo (Ezequiel 13:9).
- Daniel refere-se aos “livros” que continham a “lei de Moisés” e os “profetas” (Daniel 9:2,6,11-13).
- Crônicas faz uma revisão da história de Israel desde Gênesis até Reis.
- Neemias 9 resume a história de Israel conforme o registro de Gênesis a Esdras.
- Percebe-se que os escritos proféticos sempre foram considerados “escritura”, havendo uma “consciência canônica” que guiava o uso dos documentos do AT na vida religiosa de Israel, estando incluídos os livros chamados sapienciais, como Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares.

Essa coleção de livros que formou a Bíblia Hebraica já estava fechada na época do NT, sendo citado por Jesus em algumas ocasiões e organizada em 2 partes – a lei e profetas (Mateus 5:17, 7:12) ou em 3 partes – Lei de Moisés, profetas e Salmos (Lucas 24:44), conforme o uso na vida comunitária de Israel. Os judeus chamam a Bíblia Hebraica de “*TaNaKh*” baseada nessa divisão tripartite de: T de *Torá* (os cinco livros da lei de Moisés), N de *Nevi'im* (os profetas) e K de *Ketuvim* (os Escritos), uma coleção de livros poéticos e históricos.

Por fim, é importante destacar que a organização e a sequência de livros da Bíblia Hebraica são, até os dias de hoje, feitas de forma diferente do nosso Antigo Testamento, porém com o mesmo conteúdo, como exemplo disso, podemos citar que os livros de Samuel, Reis e Crônicas não são divididos em 2 livros, ou os 12 profetas menores são

contados como um único livro. Dessa forma, o cânon do AT ficou fechado da seguinte maneira:

BÍBLIA HEBRAICA	ANTIGO TESTAMENTO
<p><b>Torá:</b> Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio</p> <p><b>Profetas (anteriores):</b> Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis</p> <p><b>Profetas (posteriores):</b> Isaías, Jeremias, Ezequiel</p> <p><b>Profetas menores (os doze):</b> Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias</p> <p><b>Escritos:</b> Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Jó, Rute, Lamentações, Daniel, Ester, Esdras-Neemias, 1 e 2 Crônicas</p>	<p><b>Pentateuco:</b> Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio</p> <p><b>Históricos:</b> Josué, Juízes, Rute, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester</p> <p><b>Poéticos/Sabedoria:</b> Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos</p> <p><b>Profetas:</b> Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias</p>

## OS APÓCRIFOS

Nesse momento do nosso estudo, é importante fazermos uma breve análise dos livros chamados de “Apócrifos”. O termo “apócrifo” veio do grego e significa “oculto” ou “escondido” e veio a designar o conjunto de 7 livros a mais que a Bíblia Católica tem em relação à Bíblia Protestante: Tobias, Judite, Eclesiástico, Sabedoria, Baruque, 1 e 2 Macabeus e acréscimos no Livro de Ester (o sonho de Mardoqueu, o decreto da morte dos judeus, a oração de Mardoqueu e a oração de Ester) e no Livro de Daniel (história de Suzana, Bel e o Dragão, Oração de Azarias, O Cântico dos três homens). Os católicos chamam esses livros de Deuterocanônicos, que significa “segundo Cânon”.

Conforme vimos, o cânon hebraico foi encerrado por volta do ano 400 a.C. e Malaquias foi o último profeta comissionado por Deus a escrever um livro. Depois dele não houve mais nenhuma revelação profética da parte de Deus – são os chamados 400



anos de silêncio até o surgimento de João Batista e Jesus. Mas os judeus continuaram a escrever livros sobre a história judaica e livros de sabedoria.

Nesse período, anterior ao nascimento de Cristo, a Bíblia Hebraica foi traduzida para o grego – a chamada “Septuaginta”, também conhecida pela abreviação LXX – e continha os textos citados acima e não incluídos nas Escrituras Hebraicas. Assim, uma versão mais longa do AT acabou circulando na igreja primitiva nos locais de língua grega. Os líderes faziam distinção entre os livros canônicos e esses livros adicionais.

Em 382 d.C., Jerônimo foi comissionado a produzir uma nova tradução latina da Bíblia. Ele trabalhou a partir da Bíblia Hebraica, e não da Septuaginta e alertou que os apócrifos poderiam ser lidos para a edificação da Igreja, mas não deveriam ser considerados para a formulação doutrinária. Agostinho interferiu no entendimento de Jerônimo e considerou os Apócrifos como canônicos porque o Espírito Santo havia falado por meio dos escritores da Bíblia hebraica e dos tradutores da Septuaginta e sua posição acabou prevalecendo quanto a traduzir e incluir os apócrifos na Vulgata Latina, que foi a tradução oficial da Igreja Católica largamente utilizada nos mil anos seguintes.

No período da Reforma Protestante, esses livros voltaram a ser questionados e os reformadores insistiam que o Antigo Testamento deveria corresponder à Bíblia Hebraica e foram sendo retirados das traduções que os reformadores começaram a fazer a partir dos textos originais do AT e do NT. Em resposta a isso, a Igreja Católica Romana condenou essa afronta às escrituras e proclamou a Vulgata Latina como a versão oficial da Bíblia no Concílio de Trento, oficializando os livros apócrifos como canônicos.

Portanto, um dos principais pontos de divisão entre católicos e protestantes é o cânon das escrituras, especificamente o Antigo Testamento, estando por trás de várias diferenças doutrinárias entre esses dois ramos do cristianismo, como a oração pelos mortos e o purgatório. Os livros apócrifos não afirmam ser inspirados e não são citados nenhuma vez como escritura no NT. Resumindo a “visão incorreta” afirma que a autoridade das escrituras é baseada na autoridade da igreja; “a visão correta” é que a autoridade da igreja deve ser encontrada na autoridade da escritura, conforme o quadro<sup>5</sup>:

POSIÇÃO CORRETA SOBRE O CÂNON	POSIÇÃO INCORRETA SOBRE O CÂNON
<b>A Igreja descobre o cânon</b>	A Igreja determina o cânon

<sup>5</sup> GEISLER, Norman L.; Enciclopédia de Apologética, Editora Vida, 2002, pág. 108.

<b>A Igreja é filha do cânon</b>	A Igreja é mãe do cânon
<b>A Igreja é ministra do cânon</b>	A Igreja é magistrada do cânon
<b>A Igreja reconhece o cânon</b>	A Igreja regula o cânon
<b>A Igreja é testemunha do cânon</b>	A Igreja é juíza do cânon
<b>A Igreja é serva do cânon</b>	A Igreja é mestra do cânon

## **O CÂNON DO NOVO TESTAMENTO**

As bases para um cânon do NT não residem, como alguns afirmam, nas necessidades ou nas práticas da Igreja dos séculos 2, 3 e 4 d.C., e sim no gracioso propósito de Deus que revela a si mesmo, cuja palavra carrega sua própria autoridade divina. Assim como novas manifestações da palavra-revelação divina acompanharam e seguiram cada ato redentor da história antiga do povo de Deus (a aliança com Adão e Eva, com Abraão, com Moisés, a Monarquia, o exílio e a restauração), assim também, por ocasião da vinda do Messias prometido, uma nova e generosa da revelação divina necessariamente se seguiu (2 Timóteo 1:8-11; Tito 1:1-3).

A probabilidade de uma escritura do NT fosse colocada lado a lado com o AT foi antecipada no própria AT, embutida na promessa do supremo ato de redenção através do Messias, em fidelidade à sua aliança (Jeremias 31:31-34; cf. Hebreus 8:7-13, 10:16-18). Jesus ensinou seus discípulos, após a ressurreição, que a Lei, os Profetas e os Salmos não somente predisseram o sofrimento e a ressurreição do Messias, como em seu nome se pregasse o arrependimento para todas as nações, começando em Jerusalém (Lucas 24:44-48). Segue-se que naturalmente que esta proclamação resultaria em uma nova coleção de Escrituras, que dariam complemento aos livros da antiga aliança.

Deus, que falou muitas vezes e de muitas maneiras no passado, escolheu falar à humanidade, nestes últimos dias, por meio de seu filho (Hebreus 1:1-2). Levar esta mensagem salvífica a Israel e às nações gentílicas era um elemento crucial da missão de Jesus Cristo (Isaías 49:6; Atos 26:23). Jesus comissionou os apóstolos para serem seus representantes oficiais e a tarefa deles era “fazer lembrar”, através da obra do Espírito Santo, as suas palavras e obras, em “Jerusalém, na Judeia, na Samaria e até os confins da terra” (João 14:26, 16:13-14; Atos 1:8). Com o tempo, a pregação apostólica chegou à forma escrita com os livros do NT, que funcionam agora como “mandamento do Senhor e Salvador, que os apóstolos ensinaram” (2 Pedro 3:2).

De forma semelhante à canonização do AT, as pessoas que coletaram os escritos apostólicos, os copiaram, compartilharam e os utilizaram no culto e na pregação, pois

estavam convencidas de que tais livros carregavam as palavras de Jesus, tinham autoridade apostólica e, em certo sentido, eram dados por Deus.

Desde muito cedo, os Evangelhos foram recebidos como “Escritura”, obtendo aceitação universal já no final do primeiro século. As cartas do Apóstolo Paulo, também foram reconhecidas como “Escritura” pelo Apóstolo Pedro (2 Pedro 3:16). No final do segundo século, uma coleção “básica” de livros do NT (21 dos 27 livros) foi reconhecida praticamente em todos os lugares: os 4 Evangelhos, Atos, as 13 cartas Paulinas, 1 Pedro, 1 João e Apocalipse, isso pode ser reconhecido em um documento do ano 170 d.C. chamado de Cânon Muratoriano. Aos poucos, as demais cartas: Hebreus, Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João e Judas, que eram aceitas em algumas igrejas, mas não em todas, começaram a aumentar sua circulação e passaram a fazer parte das listas de livros considerados canônicos (Colossenses 4:16).

Essas listas se fizeram necessárias para dar certeza de quais livros eram reconhecidos por toda a Igreja e se distanciar de grupos hereges que começaram a surgir e que produziam seus próprios livros ou adulteravam os escritos apostólicos. Por volta do ano 240 d.C., Orígenes (um estudioso do cânon bíblico) reconheceu os 27 livros do NT. Cerca de 60 anos depois, Eusébio, historiador da Igreja, também escreveu em seu livro “História Eclesiástica” reconhecendo os mesmos 27 livros como “Escritura” e nenhum mais. Por fim, em 367 d.C., Atanásio, bispo de Alexandria, escreveu sua carta anual de Páscoa listando os 27 livros que compunham o NT. Ao final do quarto século, o cânon do NT estava consolidado e sendo recebido nos sínodos de Hipona (393 d.C.) e Cartago (397 e 419 d.C.).

## O NOVO TESTAMENTO

**Evangelhos:** Mateus, Marcos, Lucas e João

**Histórico:** Atos dos Apóstolos

**Cartas Paulinas:** Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito e Filemom

**Cartas Gerais:** Hebreus, Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João e Judas

**Apocalipse**

## CONCLUSÃO

Nessa lição vimos o surgimento dos primeiros escritos bíblicos a partir de Moisés e o desenvolvimento do cânon bíblico ao longo de aproximadamente 1600 anos até a

morte do Apóstolo João no final do primeiro século da era cristã. A Igreja nasce a partir da Bíblia e não o contrário como é afirmado pelo catolicismo, ou seja, a Igreja não decide quais são os livros inspirados, mas os reconhece. A Bíblia é a única revelação escrita de Deus ao homem e suficiente para a fé e a prática.

Devemos louvar à Deus pela sua Palavra, pois através dela, Ele se revela e fala conosco, trazendo o entendimento da Sua vontade – *“Pois, segundo o seu querer, **ele nos gerou pela palavra da verdade**, para que fôssemos como que primícias das suas criaturas.”* (Tiago 1:18).

---

Lição 04

## AS CARACTERÍSTICAS DA BÍBLIA<sup>6</sup>

*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, (2 Timóteo 3:16)*

### INTRODUÇÃO

Vamos abordar nessa lição, doutrinas importantes sobre as características da Bíblia e que explicam por que devemos considerar a Bíblia como “Palavra de Deus”. Estudaremos estudar os conceitos de Inspiração, Inerrância, Autoridade, Suficiência, Necessidade e Clareza das Escrituras, bem como os erros comuns que cercam esses conceitos. Com essa lição aprenderemos o motivo de termos a Bíblia como nossa regra de fé e prática.

### A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

A própria Bíblia afirma: *“Toda a Escritura é inspirada por Deus”* (2 Timóteo 3:16). A Palavra inspiração é usada para definir essa doutrina e refere-se à orientação divina dos escritores da Bíblia pelo mover do Espírito Santo (2 Pedro 1:21). Mas deveríamos também pensar no processo como uma “expiração” (exalação): a Escritura é fruto da expiração criativa de Deus.

A doutrina da Inspiração afirma a participação integrada tanto do autor divino – o Espírito Santo – quanto os autores humanos. Moisés, Samuel, Jeremias, Mateus, Paulo e os demais autores, estavam totalmente envolvidos no processo de composição do texto,

---

<sup>6</sup> ALISSON, Gregg R.; 50 Verdades Centrais da Fé Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2021. Tópicos adaptados.

eles consultaram escritos anteriores, fizeram entrevistas, selecionaram as narrativas que queriam incluir, refletiram cuidadosamente, mantendo suas personalidades, estilos pessoais e assim por diante, mas sempre sob orientação do Espírito Santo que assegurou que o que eles escrevessem fosse o que Deus queria que escrevessem: a Palavra de Deus, dotada de autoridade divina e totalmente verdadeira.

A inspiração possui algumas características listadas a seguir:

1. É plenária: “toda” a Escritura é inspirada por Deus (2 Timóteo 3:16). A inspiração não se restringe apenas às partes “importantes” da Escritura, ou seja, às passagens que levam as pessoas à salvação, ou instruem sobre fé e obediência. Ao contrário, suas referências históricas, suas afirmações sobre o mundo, genealogias, salmos imprecatórios, as ordens divinas para que Israel destruísse os inimigos etc., tudo que há nela foi inspirado pelo E.S.
2. É verbal: estende-se às “palavras” da Escritura. Esse é o sentido da afirmação de Paulo: toda a “Escritura” é inspirada por Deus, já que o termo “escritura” se refere às palavras propriamente ditas. Dessa forma, Jesus constrói seu argumento sobre a ressurreição dos mortos com um verbo no tempo presente, confrontando seus críticos: “*Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos.*” (Mateus 22:32 citando Êxodo 3:6). Também Paulo defende sua tese da existência de um único herdeiro das promessas abraâmicas em um substantivo no singular: “*Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao teu descendente, que é Cristo.*” (Gálatas 3:16 citando Gênesis 12:7).
3. É concursiva e convergente: o Espírito e os autores humanos “escreveram juntos”. A inspiração não foi apenas a influência de cuidado providencial, nem foi algo que fez crescer a consciência religiosa, nem se restringiu somente aos pensamentos ou às ideias que povoaram a mente dos autores humanos. Essa obra particular do E. S. foi realizada unicamente nos profetas e apóstolos, enquanto eles e o Espírito escreviam colaborativamente a Palavra de Deus.

Embora a Escritura seja inspirada, as maneiras pelas quais essa inspiração ocorreu são basicamente um mistério. Incluem a pesquisa histórica (Lucas 1:1-4), a observação da vida (Eclesiastes), a memória assistida pelo Espírito (João 14:26), a revelação milagrosa (2 Coríntios 12:1-4), ocasionalmente o ditado (Apocalipse 2 e 3) e o bom conselho (1 Coríntios 7:25-26,39-40)

Existem alguns erros no que tange a Doutrina da Inspiração:

1. A negação da obra de supervisão do Espírito Santo: essa posição reduz a Bíblia a um livro meramente humano.
2. A negação da autoria humana das Escrituras: chamada de teoria do ditado mecânico considera os autores humanos como meros secretários passivos do E. S., mas esse ensino não explica as diferentes personalidades presentes no texto bíblico.
3. A negação da inspiração plenária: considera que algumas partes da Bíblia são inspiradas e outras não, gerando a dificuldade de estabelecer um critério confiável para definir quais partes são inspiradas e quais não são.
4. A negação da inspiração verbal: nega que o Espírito orientou os pensamentos dos autores, mas não as palavras que eles utilizaram.

## **A INERRÂNCIA DA ESCRITURA (VERACIDADE)**

A **inerrância** é um atributo da Escritura que garante que tudo o que ela afirma corresponde à realidade e que ela não declara nada que contrarie os fatos. Também significa que a escritura nunca se contradiz.

Jesus disse: *“A tua palavra é a verdade”* (João 17:17). Veracidade significa correspondência com a realidade. A inerrância é compatível com os fenômenos da Escritura, isto é, com as variadas técnicas de redação empregadas pelos autores humanos. Seguem alguns exemplos:

1. Linguajar comum: a Escritura não usa linguagem técnica, precisa, mas sim, um linguajar comum, do dia a dia. Quando narra a criação dos dois luminares em Gênesis 1:16-18, Moisés não está compondo um texto científico, mas usa a linguagem popular, do mesmo modo como falamos hoje que o sol se “levanta e se põe”.
2. Citações livres: às vezes, os escritores do NT citam o AT de forma exata, palavra por palavra (Hebreus 1:7 x Salmos 104:4). Outras vezes, usam paráfrases, resumem ou aludem a essas passagens (Hebreus 3:2 x Números 12:7).
3. Traduções das palavras de Jesus: como Jesus ensinou em aramaico e NT foi escrito em grego, há muito poucos registros de suas palavras exatas (Marcos 5:41, 7:34, 15:34). Em vez disso, temos o registro exato da voz de Jesus; isto é, as traduções em grego de seus ditos em aramaico são versões fiéis do que Jesus realmente disse.

4. Diferenças na ordem dos acontecimentos: por exemplo, Mateus apresenta a sequência real das tentações de Jesus (Mateus 4:1-11), enquanto Lucas as apresenta fora da ordem cronológica (Lucas 4:1-13). Essas duas formas de narrar as tentações não são contraditórias, porque Mateus tem o objetivo de narrar as tentações na ordem que aconteceram, enquanto Lucas tem outro objetivo, mostrar as tentações sem narrá-las em sequência.
5. Relatos divergentes sobre um mesmo evento: alguns relatos narram o mesmo evento, mas o fazem com diferenças significativas. Por exemplo: Mateus 8:5-13 dá menos detalhes do que Lucas 7:1-10, ao narrar o evento em que Jesus cura o escravo do centurião. Também ocorre de uma narrativa contar parte de um episódio, enquanto outra narrativa conta uma parte diferente. Por exemplo: Judas se enforcou (Mateus 27:1-10), seu corpo caiu e se rompeu (Atos 1:15-19).

Relacionada a essa discussão, está a questão da infalibilidade, que significa que a Escritura não está sujeita a falhas, mas sempre cumpre o propósito que Deus lhe designou (Isaías 55:11). A Palavra de Deus é inerrante e infalível, não contém erro e não está sujeita a falha (Salmos 12:6; João 10:35).

Alguns erros relacionados à doutrina da Inerrância:

1. A negação da Inspiração e, portanto, da inerrância das Escrituras: essa posição rejeita a ideia de que o Espírito Santo supervisionou a escritura da Bíblia, reduzindo-a a um mero livro humano, dessa forma, é possível dizer que todo escrito humano possui erros, portanto, segundo essa doutrina a Bíblia também contém erros.
2. A oposição entre infalibilidade e inerrância: os proponentes dessa ideia redefinem erro como “engodo intencional”, dessa forma, eles afirmam que os autores da Bíblia nunca enganam “propositadamente” os leitores e, ao mesmo tempo, defendem a tese de que a Escritura contém erros. É uma forma fraudulenta de defender a inerrância bíblica da boca para fora, mas, na verdade, negá-la.
3. A afirmação de que há centenas de erros na Bíblia: na verdade, quando todos os erros são listados, eles não passam de sessenta e poucos. Assim, a afirmação é exagerada e, embora alguns dos problemas sejam mais graves do que outros, a solução ou pode ser apresentada, ou não precisa ser apresentada. Por quê? Em alguns casos, estamos milhares de anos atrasados para resolver os problemas. Além disso, às vezes a evidência bíblica é tão limitada que não dispomos de informações suficientes para chegar a uma solução. Portanto, a Igreja, sem

ignorar essas passagens problemáticas, pode abordá-las, uma a uma, com uma postura de fé, sem cair no desespero nem na incredulidade.

## A AUTORIDADE DA ESCRITURA

A **autoridade** da Escritura é a propriedade que lhe dá, como Palavra inspirada do Deus soberano, o direito de ordenar aquilo que os cristãos devem crer e o que devem fazer e ser, bem como de proibir aquilo em que eles não devem crer e o que não devem fazer e ser.

A autoridade Bíblica é um corolário de sua inspiração: como o autor da Escritura é Deus, ela tem autoridade divina. A Escritura revela a verdade de Deus e seus caminhos. Por sua autoridade, a Escritura exige que o povo de Deus reflita a imagem divina em sua humanidade redimida. Essa afirmação é diferente de muitas concepções contemporâneas da autoridade da Escritura:

1. A autoridade da Escritura é funcional: ela tem autoridade porque funciona de uma determinada maneira – a Escritura mostra o caminho da salvação, capacita os crentes a viverem uma vida consagrada e instrui os cristãos na sã doutrina.
2. A autoridade da Escritura é instrumental: ela tem autoridade porque Deus a utiliza como um meio para se revelar ao seu povo.
3. A autoridade da Escritura é conferida: ela tem autoridade porque a igreja lhe concede autoridade – a igreja reconhece e proclama que a Bíblia tem autoridade
4. A autoridade da Escritura é tradicional: ela tem autoridade porque sempre ocupou uma posição da mais alta honra no cristianismo – a Escritura é o livro sagrado que constitui o alicerce do cristianismo e sempre esteve no centro da liturgia da Igreja.

Em certo sentido, todas essas concepções têm um fundo de verdade: a autoridade bíblica é funcional, instrumental, conferida e tradicional. Contudo, tanto individualmente quanto em conjunto, essas ideias são incompletas. A autoridade bíblica é prioritariamente uma questão ontológica: ela diz respeito à própria natureza da Escritura, isso quer dizer que como a Palavra de Deus foi inspirada pelo Espírito de Deus, ela tem autoridade suprema sobre os homens, alguns exemplos disso: os profetas falaram a palavra do Senhor – “Assim **diz** o Senhor” (Êxodo 4:22; Isaías 7:7; Jeremias 33:2; Amós 5:4; Zacarias 1:3), os apóstolos eram representantes comissionados de Cristo (Mateus 10:40; João 14:26; Atos 1:8), até mesmo Jesus Cristo como homem aceitou e se submeteu à autoridade do AT (Mateus 22:23-46; Marcos 7:1-13; João 10:33-36).



A autoridade da Escritura foi uma das doutrinas mais contestadas da Reforma. O princípio formal do protestantismo foi “*Sola Scriptura*” – apenas a Escritura é a autoridade suprema da Igreja. Somente a Escritura tem a prerrogativa de determinar doutrina e prática da igreja. Esse princípio contrariava a posição católica romana de que a autoridade é constituída de Escritura, Tradição e Magistério da Igreja.

Os principais erros da Doutrina da autoridade das escrituras são:

1. Rejeitar a inspiração da Escritura, o que leva à negação da autoridade intrínseca à Bíblia
2. Desprezar ou rejeitar o princípio *Sola Scriptura*: não apenas o Magistério e a tradição da Igreja Católica, mas outros escritos, as “palavras proféticas”, a experiência pessoal e até mesmo a razão não podem substituir a autoridade da Bíblia.

## A SUFICIÊNCIA E A NECESSIDADE DA ESCRITURA

A **suficiência** é um atributo da Escritura que a descreve como capaz de prover tudo aquilo de que as pessoas necessitam para serem salvas e tudo de que os cristãos precisam para agradar a Deus plenamente.

Ela é a revelação do Evangelho da morte e ressurreição de Cristo para o perdão dos pecados, juntamente com a explicação de como se apropriar da salvação. É esse Evangelho, recebido pela fé somente, que salva. Além disso, quando chama os cristãos a realizarem uma obra, Deus os capacita completamente de modo a poderem cumprir sua vontade, e ele faz isso por meio de sua Palavra (e, certamente, com a ação do ES).

A escritura não é suficiente de uma forma absoluta. Aliás, há muita coisa sobre Deus e seus propósitos que Ele preferiu não revelar (Deuteronômio 29:29). A Suficiência da Escritura se limita ao seu propósito, que é instruir os que não creem a respeito do caminho da salvação e preparar os crentes para toda boa obra, de modo que possam agradar plenamente a Deus. Uma crença verdadeira deve ser estabelecida a partir da Escritura, e qualquer crença que a contradiga é heresia.

Ao comentar sobre a inspiração da Escritura – “as sagradas letras” (o AT da Bíblia), Paulo destaca o atributo da suficiência: “*e que, desde a infância, sabes as sagradas letras, que podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.*” (2 Timóteo 3:15-17). Além disso, em três momentos, a Escritura adverte sobre acrescentar ou retirar elementos da Palavra de Deus: “*Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os*

*mandamentos do Senhor, vosso Deus, que eu vos mando.*” (Deuteronômio 4:2); em outro momento, ela registra: *“Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso.”* (Provérbios 30:5,6); e por fim, a Escritura faz uma severa advertência no livro de Apocalipse, que mesmo se referindo ao livro escrito por João, providencialmente aparece na última parte das Escrituras: *“Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro.”* (Apocalipse 22:18,19). A ESCRITURA É SUFICIENTE!

A **necessidade** é um atributo da Escritura segundo o qual ela é essencial para se conhecer o caminho da salvação, crescer em santidade e discernir a vontade de Deus. Por ser o poder de Deus para o resgate dos pecadores, o evangelho deve ser comunicado – lido, pregado, transmitido, narrado e muito mais. Somente ouvindo a Palavra de Deus é que as pessoas podem invocar Jesus Cristo e serem salvas.

Além disso, a Escritura é necessária para progredir em santidade. Ela revela todas as ordens e proibições, todas as advertências e promessas, todas as narrativas e canções, todas as profecias e todos os provérbios pelos quais o povo de Deus pode se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Ela é essencial para discernir a vontade de Deus. Em termos de conteúdo, nada que esteja fora das Escrituras é necessário para formular a sã doutrina, comunicar aquilo em que se deve crer, vetar o que é proibido e ordenar o que deve ser obedecido.

A Escritura não é necessária de forma absoluta. A bem da verdade, antes que a Escritura fosse escrita, pessoas como Abraão, Isaque e Jacó tinham um relacionamento com Deus, andavam com Ele e conheciam sua vontade. A necessidade da Escritura é condicionada pelo prazer de Deus em revelar a si mesmo e seus caminhos por meio de uma Palavra escrita. Como Deus quer revelar sua verdade dessa maneira, a Escritura se torna necessária para a salvação, a santificação e o conhecimento de sua vontade.

A Bíblia se vê como a revelação necessária de Deus. Jesus disse isso quando foi tentado no deserto: *Jesus, porém, respondeu: “**Está escrito:** Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.”* (Mateus 4:4). Paulo enfatizou o único meio pelo qual as pessoas podem ser salvas – o Evangelho (Romanos 10:13-17). Por fim, para progredir na fé é preciso alimentar-se da Palavra de Deus (1 Pedro 1:23-25, 2:1-3).

A ESCRITURA É NECESSÁRIA!

Os principais erros referentes a essas doutrinas são:

1. A ênfase excessiva no Espírito de Deus, em detrimento da Palavra de Deus: essa posição extrema resulta em subjetivismo, zelo sem conhecimento, emocionalismo e caos. Ela minimiza a exortação da Escritura ou não dá atenção a ela.
2. A ênfase excessiva na Palavra de Deus, em detrimento do Espírito de Deus: essa posição extrema resulta em insensibilidade espiritual, conhecimento sem paixão e intelectualismo estéril. Ela despreza a orientação e a absoluta necessidade de iluminação do Espírito Santo para compreender a Escritura.
3. A usurpação da autoridade suprema da Escritura por alguma outra fonte: a tradição como acontece na Igreja Católica, escritos extrabíblicos como o Livro de Mórmon e outros ou uma profecia/revelação/experiência pessoal como acontece com algumas pessoas diminuem ou destroem a suficiência e a necessidade da Escritura.

## **A CLAREZA DAS ESCRITURAS**

A definição simples desse conceito é que a Bíblia é escrita de maneira que possa ser compreendida pelo povo de Deus.

O único pré-requisito para a compreensão das Escrituras é a capacidade normalmente adquirida de ler (quando existe uma Bíblia disponível para pessoas alfabetizadas) ou de entender a comunicação oral (quando a Bíblia é lida em voz alta ou transmitida por áudio). Isso significa que entender as Escrituras não depende de gênero, idade, experiência, grau de instrução ou mesmo contexto cultural.

A própria Escritura é caracterizada pelo pressuposto de sua contínua inteligibilidade: ela pressupõe que as pessoas irão entendê-la, mesmo que estejam em contextos muito distantes das configurações originais nas quais ela foi escrita. Mesmo que algumas pessoas argumentem que por ser um livro muito antigo e por isso, a Bíblia não pode ser compreendida hoje, ela tem a perspectiva de que as pessoas possam compreendê-la, em parte, devido ao fato de que as Escrituras abordam realidades comuns a todas as pessoas, em todas as épocas e em todos os lugares, além disso, a clareza das escrituras está ligada à iluminação do Espírito Santo, que é o ministério por meio do qual ele ajuda os cristãos na compreensão adequada da Escritura.

A clareza das Escrituras não deve ser confundida com a ideia de que ela é “fácil de entender”. Embora algumas passagens sejam óbvias, nem todas são. Clareza não se traduz em facilidade de compreensão. O próprio Deus ajuda nessa tarefa: essa doutrina é afirmada no contexto da igreja, em que Deus instalou um ofício de ensino: “*Devem ser*

*considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino.”* (1 Timóteo 5:17). Pastores e mestres têm a responsabilidade de ajudar os membros da igreja a compreender e a aplicar melhor a Escritura. Dependendo do texto, essa aplicação apropriada pode ser a obediência aos seus mandamentos, confiança em suas promessas, confissão de pecado e coisas semelhantes.

As Escrituras afirmam diretamente sua própria clareza: *“As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei”* (Deuteronômio 29:29) – o que esse texto significa é que muitas coisas sobre Deus e seus caminhos estão além da compreensão humana, mas as coisas reveladas pertencem ao povo de Deus por serem acessíveis e inteligíveis.

Moisés estava terminando de escrever o Pentateuco quando explicou que o mandamento que Deus ordenava não era difícil demais e que a Palavra estava muito perto da boca e do coração para ser cumprida (Deuteronômio 30:11-14). Moisés confiava que mesmo em contextos diferentes do povo de Deus, seus escritos continuariam claros no futuro. Paulo tinha a mesma perspectiva quando narrou quatro histórias da época de Moisés (1 Coríntios 10:1-11), sobre idolatria (Êxodo 32), imoralidade sexual (Números 25:6-9), tentação ao Senhor (Números 21:4-9) e murmuração (Números 14), bem como o julgamento de Deus sobre esses pecados – ele esperava que os coríntios aprendessem com essas histórias e, assim, evitassem os mesmos pecados e incorressem na mesma condenação.

Um erro comum que as pessoas cometem com frequência é igualar clareza com “facilidade de compreensão”, Pedro fala sobre isso em relação aos escritos de Paulo: *“ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender”* (2 Pedro 3:16); não todas as cartas de Paulo, mas algumas. Isso significa que essas “coisas difíceis” não são impossíveis de entender, mas que exigem esforço para ser entendidas. Os líderes, pastores e mestres devem exercer essa função na Igreja com zelo, ajudando os membros a entender e aplicar corretamente as Escrituras (Neemias 8:2,8; 1 Timóteo 5:17; Efésios 4:11).

Principais erros referentes a essa doutrina:

1. Negar que os leitores contemporâneos possam entender a Bíblia porque é um livro ultrapassado que apresenta uma visão de mundo antiquada (1 Coríntios 10:6).

2. Entregar a responsabilidade de interpretar as Escrituras a uma determinada casta de pessoas – o clero católico, os pastores protestantes, os estudiosos da Bíblia e outros (1 Pedro 2:1-3; Colossenses 3:16).
3. Preguiça ou desânimo em aplicar-se pessoalmente à leitura da Bíblia.

## CONCLUSÃO

Essa lição traz conceitos importantes sobre os atributos da Palavra de Deus. Esses conceitos permitem que entendamos o propósito de Deus de se revelar e ordenar a escrita sobre Ele mesmo e seus preceitos e a partir disso, cremos que a Bíblia é inspirada, inerrante, autoridade maior na vida do crente, suficiente, necessária e clara.

---

Lição 05

## A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA

*Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. (2 Timóteo 2:15)*

## INTRODUÇÃO

Temos estudado até aqui como a Bíblia chegou até nós e porque a consideramos a Palavra de Deus. Mas o último tema, tão importante quanto esses que já vimos, é saber como interpretar a Bíblia e aplicá-la na nossa vida.

Queremos, nessa lição, falar sobre hermenêutica, exegese, versões e traduções da Bíblia e alguns erros e dificuldades na hora de interpretá-la, esperando que todos possam “manusear” bem a palavra da verdade, assim como Paulo recomendou ao seu discípulo Timóteo.

## HERMENÊUTICA E EXEGESE

Existem dois conceitos-chave, quando se fala em estudar a Bíblia: hermenêutica e exegese.

A palavra **Hermenêutica** deriva do grego *hermeneia* (interpretação) que, por sua vez, deriva do nome do deus grego *Hermes* – que era o deus responsável por levar, traduzir e interpretar as mensagens dos deuses para os humanos. No nosso caso, ela se refere à disciplina (tanto a arte quanto a ciência) da interpretação bíblica. “*É ciência quanto às regras e métodos a serem seguidos, e é arte quanto à profundidade do significado na comunicação, geralmente excedendo aos limites das regras e métodos.*”<sup>7</sup>

A palavra **Exegese** é um termo composto que significa “conduzir para fora”. Ela consiste em ir ao texto hebraico/grego para interpretar cada palavra no seu contexto, seu significado morfológico, a sintaxe entre as palavras e entender o significado daquilo que é dito pelo autor inspirado. Dessa forma, devemos destacar a regra de ouro para a interpretação das escrituras: “todo texto deve ser analisado no seu contexto.”

É o contexto que vai definir o significado de cada palavra dentro da frase, que por sua vez é definida dentro do parágrafo que é definido dentro do capítulo e assim por diante até termos todo o conjunto da Bíblia. É por isso que dizemos que a Bíblia

---

**BÍBLIA ⇔ LIVRO ⇔ CAPÍTULO ⇔ PARÁGRAFO ⇔ VERSÍCULO ⇔ PALAVRA**

---

interpreta a própria Bíblia:

A hermenêutica anda junto com a exegese, onde a hermenêutica é a teoria e a exegese é a prática. Podemos exemplificar a relação entre elas da seguinte forma, a hermenêutica é a receita do bolo e a exegese é o modo de preparo desse bolo. Ou dito de outra forma, a exegese é uma ferramenta da hermenêutica. Uma boa exegese nos ajudar a “extrair” do texto o seu significado e não devemos confundir com uma palavra muito parecida, a “*eixegese*”, que é usada quando um intérprete das escrituras “impõe” ao texto os seus preconceitos ou contexto cultural de sua própria época diferente do que autor bíblico realmente quis escrever.

## **DIFICULDADES PARA INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS**

---

<sup>7</sup> Cone, Christopher – *Hermenêutica e método teológico*, pág. 139.

Existem alguns desafios para a realização de uma boa interpretação das escrituras e que devem ser levados em consideração para uma boa exegese:

- a. O ABISMO TEMPORAL: existe uma distância temporal enorme entre os textos sagrados e nós como público leitor. O Pentateuco, por exemplo, foi escrito a aproximadamente 3500 anos atrás, assim não temos mais acesso aos autores originais para perguntar o que eles queriam dizer, mas apenas o texto que eles deixaram.
- b. O ABISMO GEOGRÁFICO: a Bíblia foi escrita na região que compreende do Iraque ao Egito até Roma. Esse distanciamento geográfico é um empecilho para nós entendermos algumas coisas ditas na Palavra de Deus e muitas vezes nos levam a acreditar que existem contradições no texto bíblico, porque não entendemos bem certas questões geográficas que surgiram naquele tempo.
- c. O ABISMO CULTURAL: se nos tempos de hoje, já existem imensas diferenças culturais até mesmo dentro do próprio país, imaginem a diferença cultural entre nós e as culturas descritas na Bíblia. Entender bem os padrões culturais dos tempos antigos ajuda a superá-los e compreender como a Palavra de Deus pode ser aplicada aos dias de hoje.
- d. O ABISMO LINGUÍSTICO: como já vimos, a Bíblia foi escrita em hebraico no AT (como algumas poucas partes em aramaico) e em grego no NT. Essas línguas possuem particularidades muito diferentes do português. Isso inclui sintaxe, morfologia, semântica e gramáticas distintas. Os princípios gramaticais do hebraico diferem do grego e os dois diferem bastante do português e compreendê-los nos ajuda a entender a intenção de cada autor do texto bíblico.
- e. O ABISMO LITERÁRIO: os estilos bíblicos de literatura são, às vezes, muito diferentes dos nossos. Salmos, parábolas, epístolas, livros de profecia possuem estruturas que muitas vezes não estamos acostumados a interpretar e entender as regras próprias de cada estilo nos ajuda a uma compreensão mais profunda de cada livro da Bíblia.
- f. O ABISMO ESPIRITUAL: não podemos nos esquecer que a Bíblia é um livro que possui um autor divino. Todos os abismos anteriores podem ser encontrados em literaturas humanas antigas, mas o abismo espiritual é algo que encontramos apenas na Palavra de Deus. Dessa forma devemos clamar pela iluminação do Espírito Santo para que ele nos ajude a superar a dificuldade de fazer uma boa interpretação das Escrituras.

## UMA FORMA PRÁTICA DE INTERPRETAÇÃO<sup>8</sup>

Existe um método simples que nos ajuda a iniciar os estudos de interpretação das escrituras. Podemos chamá-lo de “método mineiro de interpretação” por causa de sua sigla, **OIA**, que são as iniciais de observar, interpretar e aplicar. Deixando a brincadeira, esse método se chama de **Estudo Bíblico Indutivo** que consiste nessas 3 etapas mencionadas que explicaremos a seguir. É importante destacar que antes de iniciar qualquer estudo bíblico, peça a Deus em oração, que o Espírito Santo dirija seu estudo e o ilumine na compreensão das Escrituras.

a. **OBSERVAÇÃO**: Neste momento, você está apenas tentando responder à pergunta: o que o texto diz? Essa pergunta é desdobrada em 6 perguntas úteis para extrair todas as informações do texto: Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê? Como? Ao fazer isso, observe:

- Palavras repetidas várias vezes em uma passagem, ou seja, uma palavra-chave;
- Qualquer coisa que possa ser colocada em uma lista;
- Palavras que indicam uma mudança de assunto ou tempo;
- Palavras que contrastam ou comparam uma coisa com outra;
- Palavras que indicam causa e efeito;
- Termos de conclusão de uma passagem.

Não adicione ou retire nada do texto. Evite a tentação de tentar fazer com que o texto “signifique” qualquer coisa ainda. Observe o que está lá e registre.

Após extrair o máximo de informações do texto, é hora de passar para a próxima etapa.

b. **INTERPRETAÇÃO**: é nessa etapa que você irá descobrir o que o texto significa. É possível que, assim como muitas pessoas, você tenha sido levado a crer em determinado sistema de crenças, sem jamais ter estudado a Palavra de Deus por si mesmo. Continuando em oração, você vai trabalhar para descobrir o que o autor do texto está tentando comunicar. Observe algumas dicas:

---

<sup>8</sup> Adaptado da Bíblia de Estudo Indutivo – BEI, Editora VIDA



- Conforme já mencionamos, o contexto é que manda: observe a coerência com os versículos próximos, com o capítulo ou livro e com toda a Bíblia. Uma dica interessante é usar as referências cruzadas, que são listas de versículos normalmente localizados no rodapé da página com outros versículos que falam do mesmo assunto;
- Procure sempre o conselho integral da Palavra de Deus: enquanto for lendo e estudando toda a Bíblia, você adquirirá a capacidade de discernir se determinado ensino é bíblico ou não;
- Lembre-se de que as Escrituras jamais contradizem as Escrituras: Deus inspirou os autores da Bíblia, é por essa razão que ela não pode contradizer-se;
- Não baseie suas convicções numa passagem obscura das Escrituras: passagens obscuras são aquelas que não se pode entender com facilidade, portanto, não devem ser utilizados como textos doutrinários básicos;
- Interprete as Escrituras literalmente: busque o ensino claro das Escrituras com as palavras em seu sentido natural, reconheça as figuras de linguagem – metáforas (João 6:48), símile (Apocalipse 1:14b) hipérboles (Salmos 119:20), metonímia (Mateus 10:34), sinédoque (Lucas 16:29), prosopopeia (Isaías 55:12), ironia (1 Reis 22:1-23), eufemismos (João 11:11), além de tipos (Hebreus 10:20) e símbolos (Apocalipse 1:20). Além disso, identifique os gêneros literários (histórias, profecias, poesias, provérbios, parábolas, cartas etc.) e os tempos verbais para uma melhor compreensão de todo texto;
- Procure o sentido único da passagem: o autor tinha uma intenção ao escrever o texto, tenha isso em mente ao interpretar qualquer passagem bíblica. Não force o sentido dos versículos a fim de dar apoio a um ensino que não transparece com clareza.

Após observar e anotar tudo que o texto diz e interpretar as passagens que estão sendo estudadas, é hora da etapa final.

- c. APLICAÇÃO: estudar a Palavra de Deus, sem pô-la em prática, é enganar-se a si próprio (Tiago 1:22-25), por isso, a aplicação é de vital importância. A aplicação

é a assimilação da Palavra, a incorporação da verdade, a “execução” da Palavra de Deus. Conforme 2 Timóteo 3:16-17, a Palavra de Deus é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação em justiça:

- **Ensino:** também conhecido como doutrina, é o que a Palavra de Deus ensina a respeito de certo assunto, qualquer que seja ele. Dessa forma, ao rejeitar uma falsa doutrina que você acreditava antes de estudar a Palavra de Deus, aplicará o que acabou de aprender;
- **Repreensão:** é o texto que expõe as áreas do seu pensamento ou comportamento não enquadradas pela Palavra de Deus. Aceitando a repreensão, você é liberto do pecado;
- **Correção:** em geral, é o passo mais difícil de aplicar. Você consegue ver o que está errado, mas é relutante em corrigir o erro. Nessa hora sabemos que Deus está junto de seus filhos, dando a eles a capacidade de confessar seus pecados e abandoná-los (1 João 1:8-10, 2:1);
- **Educação em justiça:** à medida que você investe tempo no estudo da Palavra de Deus, o Senhor vai equipando-o através de seus ensinamentos, ordens, promessas, exortações, advertências e através da vida dos personagens bíblicos, dessa forma, você fica mais preparado para “toda a boa obra”.

## TRADUÇÕES E VERSÕES DA BÍBLIA

### PANORAMA DAS TRADUÇÕES BÍBLICAS



Traduzir significa passar de uma língua para outra e por não conhecer as línguas originais – hebraico, aramaico e grego, o leitor precisa recorrer a versões traduzidas da Bíblia. Quais as melhores traduções bíblicas para você conseguir ler as Escrituras? É necessário ver os tipos de tradução. Há traduções que pensam em equivalência dinâmica e outras que pensam em equivalência formal. O que isso quer dizer?

- Traduções em equivalência dinâmica são aquelas traduções mais preocupadas em trazer o significado, o sentido interpretativo da frase que é dita nos originais do que se prender à estrutura formal no original. Ex.: *“Por isso, arregassem as mangas, ponham a mente para funcionar e estejam prontos para receber o dom que está para chegar com a vinda de Jesus. (1 Pedro 1:13)” – A Mensagem.*
- Traduções de equivalência formal estão preocupadas em trazer aquilo que foi dito nos originais, não importando se o sentido se perde de alguma forma. Essas traduções estão mais preocupadas em dar uma estrutura e forma mais próxima da intenção original do autor do que em tornar o sentido mais claro. Ex.: *“Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios e esperai inteiramente na graça que se vos ofereceu na revelação de Jesus Cristo,” (1 Pedro 1:13) – Almeida Revista e Corrigida.*

Observem os exemplos acima como diferem na escrita. Elas são chamadas de “versões da Bíblia” em português, que nada mais são do que traduções que variam entre mais formais ou mais dinâmicas da Bíblia. Hoje existem diferentes versões que se adaptam ao gosto do leitor. Na nossa Igreja é adotado o texto padrão da versão chamada “Almeida Revista e Atualizada” – ARA. Verifique qual é versão que você usa, normalmente a versão vem escrita no verso da primeira ou segunda página da Bíblia.

Quando for estudar a Bíblia, procure ler o mesmo texto em várias versões, desde uma mais formal até uma mais dinâmica, para tornar a compreensão mais clara. Além disso, para se aprofundar nos estudos, é muito útil contar com o apoio de dicionários e comentários bíblicos, atlas geográfico, dentre outros materiais. Uma boa Bíblia de Estudo já traz muito material de consulta que auxilia bastante ao esclarecer o pano de fundo, propósito, contexto, e vários outros itens a respeito dos livros da Bíblia. A internet também é uma fonte interessante de pesquisa, mas deve ser usada com cuidado, pois muito conteúdo bom se mistura com conteúdo ruim e pode confundir mais do que esclarecer.

Ao longo da história da Bíblia, inúmeras traduções foram surgindo, segue um breve panorama das versões mais famosas<sup>9</sup>:

- Septuaginta – É uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita no Egito, para a comunidade judaica no período Inter bíblico, que não mais entendia o texto bíblico em hebraico. O termo “Septuaginta” significa “Setenta” e é derivado da tradição de que foram 72 sábios de Israel (seis de cada tribo) que fizeram a tradução. Também conhecida pelo símbolo LXX.
- Vulgata Latina – É a tradução mais importante feita para o latim, feita pelo biblista Jerônimo, no final do quarto século e começo do quinto século (mais ou menos 400 d.C.). Foi a Bíblia oficial da Igreja Católica até o Concílio Vaticano II realizado na década de 1960.
- Reina-Valera – A Reina-Valera é, no mundo de fala espanhola, o que Almeida é no mundo de fala portuguesa: a tradução mais apreciada pelos evangélicos. O nome vem de Casiodoro de Reina, que fez a tradução original, em 1569, e de Cipriano de Valera, que fez a revisão, em 1602.
- King James Version – Esta tradução da Bíblia, que já completou quatro séculos e ainda é bastante usada no mundo de fala inglesa, surgiu em 1611. Foi encomendada por um rei britânico, razão pela qual se chama de “Versão do Rei James”.
- Outras traduções – Na era cristã, surgiram novas traduções, para línguas como o copta (no Egito), o etíope, o siríaco (no norte da terra de Israel), a alemã que foi traduzida por Martinho Lutero durante a Reforma Protestante, a Bíblia de Genebra que tem forte presença entre os calvinistas e várias outras.
- João Ferreira de Almeida – acredito ser importante destacar a vida de João Ferreira de Almeida, que como vimos acima, empresta seu nome para várias versões da Bíblia em português utilizada pelos evangélicos. Ele nasceu em 1628, em Torre de Tavares, concelho de Mangualde (Portugal). Filho de pais católicos, mudou-se para a Holanda, passando a residir com um tio, onde aprendeu o latim e se iniciou no estudo das normas da Igreja Católica. Aos 14 anos, em 1642, aceitou a fé evangélica, na Igreja Reformada Holandesa. Em 1644, iniciou uma tradução do espanhol para o português, dos

---

<sup>9</sup> Adaptado do site da SBB – <https://biblia.sbb.org.br/historia-da-traducao-da-biblia>

Evangelhos e de Atos dos Apóstolos, os quais, copiados a mão, foram rapidamente espalhados pelas diversas comunidades dominadas pelos portugueses. Ele foi enviado pela Igreja Reformada Holandesa para o sudoeste da Ásia, desenvolvendo trabalho ministerial nos atuais Sri Lanka, Malásia e Indonésia. Em 1681, foi publicada a primeira edição do Novo Testamento de Almeida. Veio a falecer em outubro de 1691 na Batávia (atual Jacarta), na Indonésia, deixando a esposa e um casal de filhos. Nessa altura, tinha traduzido o Antigo Testamento, para a língua portuguesa, até Ezequiel 48:21. A tradução do Antigo Testamento foi completada em 1694 por Jacobus Op Den Akker, pastor holandês. Após passar por muitas mudanças, ela foi impressa na Batávia, em dois volumes: o primeiro, em 1748 e o segundo, em 1753.

## CONCLUSÃO

Apresentamos aqui uma forma mais simples de como iniciar seu próprio estudo bíblico. Volte no método de Estudo Bíblico Indutivo e escolha um texto bíblico para começar. Peça iluminação do Espírito Santo e se dedique, pois com o tempo, esse estudo passa a fazer parte do dia a dia.

Desejamos que através de um estudo bíblico bem fundamentado resulte em boa doutrina e conseqüentemente em uma vida impactada conforme o apóstolo Paulo orienta em 1 Timóteo 1 :5 – *“Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia”*.

Com essa lição, terminamos uma revisão dos principais ensinamentos que envolvem a Bíblia Sagrada – formação, características e interpretação. Releia esse material, estude para que se lembre do motivo de considerarmos que a Bíblia é a Palavra de Deus.

---

Lição 06

## CONHECENDO O DEUS PAI

*“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome;”*  
(Mateus 6:9)

## INTRODUÇÃO

O ensino cristão sobre Deus Pai é uma ideia única entre todas as religiões. A adoção dos crentes como filhos de Deus também é um ensino original da Bíblia. O Cristianismo, de fato, coloca o ser humano redimido num relacionamento de intimidade com Deus bem diferente do que se encontra em outras religiões. Embora a ideia de paternidade de Deus exista em seitas e outras tradições influenciadas pela fé cristã, essa é uma realidade que vem a nós principalmente pela revelação especial.

A tradição cristã identifica uma das pessoas divinas como Deus Pai. Mas o que significa a paternidade de Deus? Em qual sentido Deus é nosso Pai? O objetivo da lição de hoje é entender este conceito à luz da história e das escrituras.

Estudaremos nessa lição também, de forma resumida, os atributos e os nomes de Deus que são apresentados na Escritura.

## **ANÁLISE HISTÓRICA**

Na literatura pagã antiga existem várias histórias de deuses finitos, como Zeus, por exemplo, que tiveram relações sexuais com mulheres e se tornaram pais de semideuses que eram verdadeiros “super-homens”, como Hércules. Uma análise superficial desta matéria mostra que esse conceito de divindade é essencialmente o de seres humanos dotados de poderes sobrenaturais, contudo esses seres não se importavam com os humanos comuns. Não existia, portanto, a noção de um deus que fosse Pai dos fiéis, que os amasse e cuidasse deles.

No islamismo, a negação da paternidade de Deus decorre do fato de que, para o Alcorão, Jesus não pode ser o filho de Deus. O Deus do Islã, Alá, é todo-poderoso e misericordioso, mas a ideia de paternidade não está presente. O islamismo registra 99 nomes para Alá, mas nenhum deles é “pai”. Alá não pode ter filhos como Jesus, e não se relaciona com as pessoas como pai, o máximo que se permite no Alcorão é chamar os fiéis de “amigos de Deus”.

Nas seitas, existe uma característica comum que é a tendência de chamar o seu líder de “pai” ou “mãe”. Na Igreja da Unificação, seu líder, Sun Myung Moon é chamado de “pai”. As seitas se constituem de uma família substituta que coloca seus adeptos no papel de crianças, dependentes da liderança.

Os mórmons deturpam todo o ensino bíblico dizendo que Deus Pai é “Elohim”, um ser humano elevado à divindade que se tornou nosso pai celeste, tendo relações com nossas mães celestes, gerando espíritos sem corpos. O primeiro filho foi Jesus Cristo, o segundo foi Lúcifer e “Elohim” continua até hoje seu trabalho de gerar filhos espirituais!!!!!!

## NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento, a paternidade de Deus é vista principalmente no relacionamento entre Deus e a nação de Israel. Mas antes disso, a criação do homem à imagem e semelhança de Deus sugere uma relação de filiação, pelo menos num sentido metafórico (Gênesis 2:18-25).

O que fica claro na história da criação, é que o ser humano foi criado para ter um relacionamento pessoal com Deus. Antes do pecado, Deus caminhava no jardim e isso era algo habitual e o fato de Adão e Eva se esconderem parece romper a rotina normal da vida (Gênesis 3:1-10). O normal era uma comunhão natural entre Deus e as pessoas. O pecado destruiu a relação filial entre Deus e o homem, que teria de ser restaurada através do plano de redenção (Gênesis 3:15).

A primeira menção explícita da paternidade de Deus é feita em relação à eleição de Israel como o povo de Jeová (Êxodo 4:22,23). O povo de Israel é o “filho primogênito” de Deus e não temos como não subestimar o privilégio que o filho primogênito tem na cultura do antigo Oriente Médio.

A ideia de paternidade de Deus também está fortemente vinculada com a redenção, no ensino dos profetas. Isaías diz que a paternidade de Deus com seu povo é duradoura apesar da infidelidade (Isaías 63:16; 64:8). O contexto é do relacionamento dentro da aliança. E essa aliança destaca o amor de Deus pelo seu povo como retratado em Jeremias 31:3,9 – *“De longe se me deixou ver o Senhor, dizendo: com amor eterno eu te amei; ... porque **sou pai para Israel**, e Efraim meu primogênito.”*

Em resumo, a noção de paternidade de Deus no AT, volta-se para o relacionamento entre Deus e seu povo eleito, num sentido coletivo. Deus trata seu povo com todo carinho, amor e disciplina que um pai naturalmente tem por seus filhos.

## NO NOVO TESTAMENTO

Nosso relacionamento da paternidade de Deus chega a um novo nível com a revelação do Filho de Deus, Jesus Cristo. De fato, foi exatamente a natureza inédita das reivindicações Jesus, de que Deus era o seu Pai, que provocou a ira dos escribas e fariseus (João 5:18, 19:7). Nos evangelhos, Jesus ensinava a paternidade de Deus, mas aplicou isto a indivíduos, e não apenas à nação, como algo coletivo. No sermão da montanha, Jesus chamou Deus *“vosso Pai, que está nos céus”* e *“vosso Pai Celeste”* (Mateus 5:16, 45,48), além disso, em Mateus 6:9, Jesus instrui seus discípulos sobre a

forma de orarem a Deus como “Pai nosso”. Nesses versículos, a paternidade de Deus se torna referencial da vida cristã.

A paternidade do Pai em relação a Jesus é revelada publicamente no batismo de Jesus: “... **Tu és meu filho amado, em ti me comprazo**” (Lucas 3:22). Outro fato que se destaca no texto é a existência do Pai como uma pessoa distinta do filho, o que é confirmado, por exemplo, em Mateus 16, quando Jesus pergunta aos discípulos: “*Quem diz o povo ser o Filho do Homem?*” (Mateus 16:13), ao que Pedro responde: “*Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo*” (Mateus 16:16). Por todos os evangelhos, vemos o ensino de Jesus, sobre a paternidade de Deus, inclusive, evangelho de João é bastante extenso nesse ensino: João 1:34, 3:35-36, todo o capítulo 10, 17:5.

Nas epístolas, a paternidade de Deus se torna um dos temas centrais da vida cristã. Duas ideias essenciais devem ser destacadas. A primeira é o vínculo entre a paternidade de Deus e o **senhorio** de Deus (Gálatas 1:4), de onde aprendemos a dar graças a Deus por tudo (Efésios 5:20; Colossenses 3:17) pois pelo poder dele, a tudo controla e governa toda a vida. Em Romanos 8:14-17 aprendemos que, uma vez regenerados, somos, agora, filhos de Deus. E essa condição privilegiada tem a ver com a obra do Espírito Santo que nos dá testemunho e promove em nós a garantia de tal regeneração: “**Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.**”

A partir desse ensino, temos a segunda ideia essencial do ensino sobre a paternidade de Deus nas epístolas, que é efeito do testemunho do Espírito em nosso coração que transmite tal grau de confiança em nosso relacionamento com Deus, que agora temos a ousadia, o direito e, principalmente, a **intimidade** filial de chamá-lo de “paizinho”, “papai” ou “meu pai”, que é o mesmo que dizer, *Aba, Pai* (Marcos 14:36; Romanos 8:15; Gálatas 4:6). Em resumo: A paternidade soberana de Deus aponta para sua paternidade íntima para conosco, através da paternidade do Filho.

## **ATRIBUTOS DE DEUS**

Todas as substâncias, coisas ou pessoas, possuem uma série de características. Por exemplo: podemos relatar assim algumas características próprias do algodão: é de uma substância de cor branca, macio, com baixa densidade, inflamável e que pode ser facilmente dividido.



Deus também possui características próprias dele, as quais denominamos “atributos divinos”. Podemos, então, definir atributos divinos como sendo aquilo que Deus tem revelado como sendo verdadeiro a seu próprio respeito.

A palavra atributos, no plural, é um pouco infeliz, pois, pode indicar que a personalidade divina pode ser dividida ou que um atributo é interrompido para que outro seja exercido. Mas, na verdade, é incorreto pensarmos que Deus é uma parte amor e outra justiça, ou que a bondade de Deus é interrompida para que seu juízo seja exercido. Poderíamos então dizer que os chamados “atributos divinos” são, na realidade, um só atributo indivisível e único, mas utilizamos o termo “atributos” por uma questão de compreensão.

A maneira mais simples de classificar os atributos divinos é dividi-los em atributos comunicáveis e atributos incomunicáveis. Essa classificação diz respeito a comunicabilidade dos atributos em certo nível às criaturas inteligentes (homens e anjos).

1. **ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS:** São aquelas qualidades que pertencem só a Deus e mais ninguém, portanto, não podem ser atribuídos aos seres criados. Alguns exemplos:
  - a. **Existência autônoma:** Deus é autoexistente, isto é, ele tem em si mesmo a base da sua existência, significa dizer que ele sempre existiu e nada foi a causa para sua existência (João 5:26). Esta autoexistência coloca-O independente em Seu pensamento (Romanos 11:33-35), em Sua vontade (Daniel 4:35), em Seu poder (Salmos 115:3) e em Seu conselho (Salmos 33:11);
  - b. **Onipresença:** Deus está presente em todo lugar (Salmos 139:7-12);
  - c. **Onipotência:** é a capacidade divina de realizar tudo que Ele decidiu fazer (Gênesis 17:1; Êxodo 6:3; Jó 42:2; 2 Coríntios 6:18);
  - d. **Onisciência:** é a capacidade divina em conhecer o passado, o presente e o futuro detalhadamente, sem quaisquer limitações (Salmos 147: 4; Hebreus 4:13), inclusive do que poderia ser (1 Samuel 23).
  - e. **Imutabilidade:** é o atributo pelo qual se percebe que não há mudança em Deus (Tiago 1:17). Não somente em seu Ser, mas também em seu poder (Romanos 4:20-21), em seus propósitos e planos (Isaías 46:10), em suas promessas (2 Coríntios 1:20) e em seus atributos (Malaquias 3:6);
  - f. **Infinitude:** é o atributo de Deus pelo qual Ele é isento de toda e qualquer limitação. Isso implica que Ele não é limitado de maneira nenhuma pelo universo (Isaías 66:1) e por esse mundo caracterizado pela relação tempo-

espaço (Salmos 90:2). A infinitude de Deus é simplesmente idêntica à sua perfeição (Jó 11:7-10; Salmos 145:3);

g. Eternidade: significa que Deus não tem começo e nem fim. Sua existência é eterna (Gênesis 21:33; Salmos 90:2).

2. ATRIBUTOS COMUNICÁVEIS: Os atributos comunicáveis de Deus são aqueles encontrados em suas criaturas inteligentes, no caso, os seres angelicais e na humanidade. Apesar de serem características compartilhadas entre Criador e criaturas, continua existindo um abismo entre a natureza destes atributos no divino e no humano. Por exemplo, o amor de Deus é infinito e perfeito, mas o amor do homem é finito pois ele é um ser finito e imperfeito. Observemos alguns desses atributos:

a. Amor: pode ser entendido quando a bondade de Deus é exercida para com as criaturas. Também podemos afirmar que este amor é a perfeição de Deus (João 3:16; Romanos 5:8);

b. Bondade: entendemos como a disposição de Deus que O move a tratar generosamente Suas criaturas (Salmos 145:16; Mateus 7:11);

c. Graça: Refere-se ao amor dirigido a quem não tem direito a ele. O termo graça é utilizado principalmente para indicar a dádiva da salvação (Efésios 2:8);

d. Misericórdia: é o amor manifestado para com aqueles que estão na miséria ou aflição (Efésios 2:4; Tiago 5:11);

e. Longanimidade: refere-se à virtude pela qual Deus tolera os rebeldes e os maus, a despeito da sua prolongada desobediência, ou seja, Ele não nos concede imediatamente o castigo merecido pelo nosso pecado (1 Pedro 3:20).

f. Santidade: a palavra santidade significa separação e indica o abismo que há entre Deus e suas criaturas, especialmente no campo moral, indicando que, ao contrário dos homens, Deus está separado de qualquer impiedade ou pecado (Isaías 6:3; Apocalipse 4:8).

g. Justiça: A justiça divina é fruto da sua santidade. A justiça divina é o tratamento dirigido à Sua criatura a depender de como ela reage aos mandamentos ditados por Deus. Se o homem obedece às leis divinas, Deus recompensa-o. Caso haja desobediência, há punição (Deuteronômio 7:11-13; 2 Tessalonicenses 1:7-9).

h. Verdade: Revela que tudo que provém de Deus é verdade. Também expressa fidelidade, ou seja, tudo que provém dele é genuíno e fiel (Hebreus 10:23; João 17:3).



## OS NOMES DE DEUS

A Bíblia registra vários nomes de Deus. Esses nomes valem por toda a revelação progressiva de Deus em Sua relação com o seu povo, ou simplesmente pela pessoa, de modo que constitui sinônimo de Deus, nesse caso, alguns desses nomes se relacionam com Seu caráter e atributos, outros com seus feitos.

Segundo o pensamento oriental, jamais um nome era considerado como um simples vocábulo, mas sim, como expressão da natureza da coisa por ele designada. Saber o nome de uma pessoa era ter poder sobre ela, os nomes dos diversos deuses eram utilizados nos encantamentos para se exercer poder sobre eles.

Então, no sentido mais geral da palavra, o nome de Deus é sua autorrevelação. É um designativo dele, não como Ele existe nas profundezas do seu Ser Divino, mas como Ele se revela especialmente em suas relações com o homem. Verificaremos aqui as principais designações para Deus no AT e NT.

Veja no final da lição uma tabela mais completa com os nomes de Deus e suas referências.

1. **YHWH**: É especialmente no nome YHWH (יהוה), que gradativamente superou os nomes anteriores, que Deus se revela o Deus de Graça. Sempre foi tido como o mais sagrado e o mais distintivo nome de Deus, o nome incomunicável. Os judeus temiam usá-lo por causa do que está escrito em Levítico 24:16: *“Aquele que blasfemar o nome de YHWH será morto”*, daí, ao lerem as Escrituras, substituíram-no por *“Adonai”*. Como é possível perceber, esse conjunto de quatro consoantes é

impronunciável, então, os massoretas (escribas judeus que se dedicaram a preservar e cuidar das escrituras que atualmente constituem o Antigo Testamento entre os anos 500 e 1000 d.C.), embora deixando as consoantes intactas, ligaram a elas as vogais de 'Adonai' para permitir a sua leitura, mas a pronúncia original e sentido de origem, estão perdidos na obscuridade. Muitas formas de se escrever e pronunciar esse nome surgiram a partir daí, nomes como Yahweh, Iavé, Javé, Jeová dentre outros são utilizados, mas nenhum deles é a forma correta de se pronunciar. Seu significado, como explicado pelo próprio Deus a Moisés em Êxodo 4:14 significa *"EU SOU O QUE SOU"*. Esse nome não é empregado a ninguém mais, senão unicamente em referência ao Deus de Israel.

2. EL, ELOHIM E ELYON: O nome mais simples pelo qual Deus é designado no AT é o nome 'EL', possivelmente derivado de 'ul', quer no sentido de ser primeiro, ser senhor, quer no de ser forte e poderoso. O nome 'Elohim' mostra Deus como o Ser forte e poderoso, como objeto de temor. O nome raramente ocorre no singular, exceto na poesia. O plural deve ser considerado como intensivo e, portanto, serve para indicar plenitude de poder. O nome 'Elyon' significa "subir, ser elevado", e designa Deus como alto e exaltado Ser.
3. ADONAI: Este nome relaciona-se com os anteriores e possui o significado de "julgar, governar" e, assim, revela Deus como Governante Todo-poderoso, a quem tudo está sujeito e com quem o homem se relaciona como servo.
4. THEÓS: É o equivalente grego usado no NT para 'El', 'Elohim' e 'Elyon', que é dos nomes aplicados a Deus o mais conhecido. Assim como 'Elohim', pode, por acomodação, ser empregado com referência a deuses pagãos, embora, estritamente falando, expressa a divindade essencial.
5. KÍRIOS: Substitui o 'Adonai' do AT, esse nome designa Deus como o Poderoso Senhor, o Possuidor, o Governador que tem poder e autoridade legal. É empregado não somente com referência a Deus, mas também a Cristo.

## CONCLUSÃO

Nas escrituras, Deus é o Pai de Jesus Cristo e daí surgem quatro implicações

- Existe amor paternal para com Jesus (João 5:20, 15:9);
- Existe comunhão entre o Pai e o Filho, portanto, neste sentido, a paternidade implica companhia (João 16:32, 8:29);

- O Pai exerce autoridade. Ele ordena, e o Filho obedece e cumpre. Jesus disse que ele veio para fazer a vontade do Pai (João 6:38, 17:4-5, 4:34) e
- O Pai quer exaltar o Filho e o Filho exalta o Pai (João 17:1, 5:22).

Em relação a nós, devemos enfatizar que Paulo ensinou que as bênçãos da salvação vêm como dom de Deus, o Pai, que é a fonte da nossa eleição (Efésios 1:3-4). E essa eleição tem como alvo a adoção dos fiéis. Aqueles que o pai elegeu, ele deu ao Filho (João 10:29). Estes pertencem ao Filho e, assim, não podem ser perdidos. Jesus dará a todos eles a vida eterna (João 10:28-29). E, no fim, Jesus entregará o resultado de seu trabalho ao Pai (1 Coríntios 15:28).

<b>NOMES</b>	<b>SENTIDO/SIGNIFICADO</b>	<b>REFERÊNCIAS BÍBLICAS</b>
<b>Jeová/lavé</b>	O autoexistente, O Eterno, O nome próprio e pessoal de Deus – “EU SOU O QUE SOU”	Êxodo 3:14-15, 6:3; Salmos 68:4, 76:1; Jeremias 31:31-34
<b>Jeová Jiré</b>	O Senhor proverá	Gênesis 22:8-14
<b>Jeová Nissi</b>	O Senhor é minha bandeira	Êxodo 17:15
<b>Jeová Shalom</b>	O Senhor é paz	Juízes 6:24
<b>Jeová Sabaoth</b>	O Senhor dos Exércitos	1Samuel 1:3, 17:45; Salmos 24:10, 46:7,11
<b>Jeová Macadeshém</b>	O Senhor é vosso santificador	Êxodo 31:13
<b>Jeová Raah</b>	O Senhor é o meu pastor	Salmos 23:1
<b>Jeová Tsidkênu</b>	O Senhor é nossa justiça	Jeremias 23:6, 33:16
<b>Jeová El Gemolah</b>	O Senhor é o Deus da retribuição	Jeremias 51:56
<b>Jeová Nakeh</b>	O Senhor que fere	Ezequiel 7:9
<b>Jeová Shamá</b>	O Senhor que está presente	Ezequiel 48:35
<b>Jeová Rafá</b>	O Senhor que sara	Êxodo 15:26
<b>Jeová Eloim</b>	Senhor, o poderoso	Juízes 5:3; Isaías 17:6
<b>Adonai</b>	Senhor, Mestre – O Nome de Deus usado em lugar de Jeová quando o nome próprio de Deus passou a ser considerado muito sagrado para	Êxodo 4:10-12; Josué 7:8-11

	ser pronunciado.	
<b>Elohim</b>	Poderoso – termo plural aplicado a Deus, que geralmente se refere a sua majestade ou à sua plenitude.	Gênesis 1:1,26-27, 3:5, 31:13; Deuteronômio 5:9, 6:4; Salmos 5:7, 86:15, 100:3
<b>El Elion</b>	Altíssimo (literalmente, o Poderoso mais forte).	Gênesis 14:18; Números 24:16; Isaías 14:13-14
<b>El Roi</b>	O Poderoso que vê	Gênesis 16:13
<b>El Shadai</b>	Deus Todo-Poderoso	Gênesis 17:1-20
<b>El Olam</b>	Deus Eterno ou Deus da Eternidade	Gênesis 21:33; Isaías 40:28
<b>El Elohe Israel</b>	Deus, o Deus de Israel	Gênesis 33:20
<b>Ieshua</b>	Jesus, o Senhor é Salvador ou é Salvação	Mateus 16:13-16; João 6:42; Atos 2:36; Tito 2:13; 2 Pedro 1:11
<b>Christós</b>	Cristo, Messias, o Ungido	Mateus 16:13-16; João 1:41, 20:31; Atos 2:36; Romanos 6:23; Tito 2:13; 2 Pedro 1:11
<b>Kírios</b>	Senhor, Mestre	Lucas 1:46; Atos 2:36; Judas 4
<b>Sotêr</b>	Salvador; aquele que livra do perigo ou da morte	Lucas 1:47, 2:11
<b>Theós</b>	Deus, um substantivo genérico que pode referir-se a qualquer deus ou ao verdadeiro Deus; aplicado ao Senhor Jesus como verdadeiro Deus	Lucas 1:47; João 20:28; Tito 2:13 2 Pedro 1:11

## CONHECENDO O DEUS FILHO

*“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus.” (João 1:1)*

### INTRODUÇÃO

A Bíblia tem uma mensagem radical e impactante sobre Jesus Cristo. Ela diz que Jesus Cristo não é apenas um ser humano ou apenas um famoso mestre religioso, mas o Senhor do Universo. Diante do testemunho das escrituras, somos confrontados pelo antigo trilema: ou Jesus é Deus, ou um mentiroso ou um lunático. O famoso escritor C. S. Lewis disse o seguinte a respeito de Jesus:

*“Um homem que fosse somente um homem e dissesse as coisas que Jesus disse não seria um grande mestre de moral. Seria um lunático – no mesmo grau de alguém que pretendesse ser um ovo cozido – ou então o diabo em pessoa. Faça sua escolha. Ou esse homem era, e é, o Filho de Deus, ou não passa de um louco ou coisa pior. Você pode querer calá-lo por ser um louco, pode cuspir nele e matá-lo como a um demônio; ou pode prosternar-se a seus pés e chamá-lo de Senhor e Deus. Mas que ninguém venha com paternal condescendência, dizer que ele não passava de um grande mestre humano. Ele não nos deixou essa opção e não quis deixá-la. (...) Ora, parece-me óbvio que ele não era nem um lunático nem um demônio; conseqüentemente, por mais assustador ou insólito que pareça, tenho de aceitar a ideia de que ele era, e é, Deus. Deus chegou sob forma humana no território do inimigo<sup>10</sup>.”*

Na lição de hoje, vamos trabalhar a doutrina de Cristo, apontando sua humanidade e sua divindade, suas obras, as profecias do AT e seu cumprimento no NT, dando razão ao que C. S. Lewis disse acima.

### AS PROMESSAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Logo após o pecado entrar na raça humana, Deus prometeu que enviaria um redentor para desfazer a sua maldição (Gênesis 3:15). Este redentor, o descendente da mulher, iria esmagar a cabeça da serpente, destruindo assim as suas obras, embora ele mesmo devesse sofrer em seu calcanhar.

---

<sup>10</sup> Lewis, C.S., Cristianismo Puro e Simples, pág. 69-71.

Toda a posterior história de Israel seria a preparação da nação para receber este redentor, o Messias: Jacó profetizou que a tribo de Judá reinaria sobre todas as outras tribos de Israel (Gênesis 49:10). Moisés faz uma promessa de que viria um profeta semelhante a ele e que todos deveriam ouvi-lo (Deuteronômio 18:18). Deus faz uma aliança com Davi, prometendo que seu trono seria estabelecido para sempre (2 Samuel 7:16; Salmos 89:3-4).

A esperança do redentor que viria um dia foi ampliada pelos profetas, principalmente Isaías. Em Isaías 7:14 encontramos uma profecia entendida como uma afirmação da divindade de Jesus: *“Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel.”* Isaías também previu o nascimento daquele que teria os nomes de: *“Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”* (Isaías 9:6). Esses adjetivos representam atributos de Deus, então a promessa do Messias era a promessa da encarnação de uma pessoa divina.

Por fim, o Messias também viria da casa de Davi, segundo Isaías 11:1 – *“Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo.”* A identidade como ser humano estaria além de qualquer dúvida e ainda seria legalmente o rei, por ser descendente de Davi.

Esse nome “Messias” é a transliteração do hebraico *“Mashiah”* que significa *“Ungido”* que no Novo Testamento recebe a tradução grega de *“Christós”* que é transliterado para *“Cristo”* (João 1:41), portanto *“Cristo”* não é um sobrenome de Jesus, mas um título que combinava as características da realeza e da dignidade sacerdotal (Jeremias 33:14-18; Ezequiel 46:1-8; Zacarias 4:1-14, 6:13).

## O ANJO DO SENHOR

Além das promessas de um redentor, o AT apresenta uma figura chamada de o **Anjo do Senhor**, sendo que algumas vezes, alguns textos não fazem distinção entre o Anjo do Senhor e o próprio Senhor:

- ✓ Ele ajudou Agar no deserto, quando estava abandonada (Gênesis 16:7).
- ✓ Ele interveio quando Abraão estava pronto para sacrificar Isaque no altar (Gênesis 22:11).
- ✓ O Anjo do Senhor foi o protetor de Israel, na saída do Egito (Êxodo 14:19).
- ✓ O Anjo do Senhor falou com Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:2).



- ✓ Ele apareceu diante de Gideão e o chamou para ser juiz (Juízes 6:11-18).
- ✓ Em Daniel 3, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego recusaram-se a adorar a imagem de ouro, construída por Nabucodonosor, e foram jogados numa fornalha ardente; quando eles caíram na fornalha, o rei ficou espantado ao ver um quarto homem, um que era semelhante a um filho dos deuses.

Os intérpretes cristãos entendem que o que ocorreu foi uma teofania, ou seja, o aparecimento de Deus – *“As teofanias são manifestações de Deus para o homem, podendo ocorrer tanto sob uma forma simbólica como humana, e tem a finalidade de transmitir o conhecimento da vontade de Deus para aquela pessoa.”*<sup>11</sup> À luz da doutrina da Trindade, é possível que estas teofanias representam a presença do Cristo pré-encarnado entre seu povo.

## O CUMPRIMENTO DAS PROMESSAS NO NOVO TESTAMENTO – A PESSOA DE JESUS

Na época do Novo Testamento existia uma grande expectativa pela chegada do Messias e que Jesus, desde o seu nascimento, revela a qualidade excepcional de sua pessoa e vida, e que durante todo seu ministério, suas ações chamavam a atenção e levantavam a questão: *“Será este, porventura o Cristo?!”* (João 4:29).

Maria recebe do anjo o anúncio de sua gravidez miraculosa, visto que era virgem. O Espírito Santo, através de uma obra sobrenatural, foi o agente da concepção de Jesus (Mateus 1:18; Lucas 1:34-35). José, planejando abandonar Maria, recebe a visita de um mensageiro de Deus em sonho (Mateus 1:19-20). Por último, é importante destacar que quando chegou a hora, Jesus nasceu como qualquer outro bebê humano. Sua concepção foi sobrenatural, mas o nascimento foi normal (Lucas 2:6-7).

Nesse ponto, é importante destacar a doutrina da **“Encarnação”**, que afirma que a segunda pessoa da Trindade assumiu a natureza humana. Por isso, é justo dizer que o Verbo se fez carne (João 1:14). Também precisamos saber que na encarnação do verbo de Deus, cada pessoa da Trindade agiu na encarnação de Cristo (Mateus 1:20; Lucas 1:35; Atos 2:30; Romanos 8:3; Gálatas 4:4; Filipenses 2:7).

## UNIÃO HIPOSTÁTICA

---

<sup>11</sup> Dicionário Bíblico Wycliffe, pág. 1909

O que foi apresentado acima recebe o nome de “União Hipostática”, que é o termo teológico usado pela Igreja antiga para descrever que Jesus é **uma pessoa com duas naturezas**.

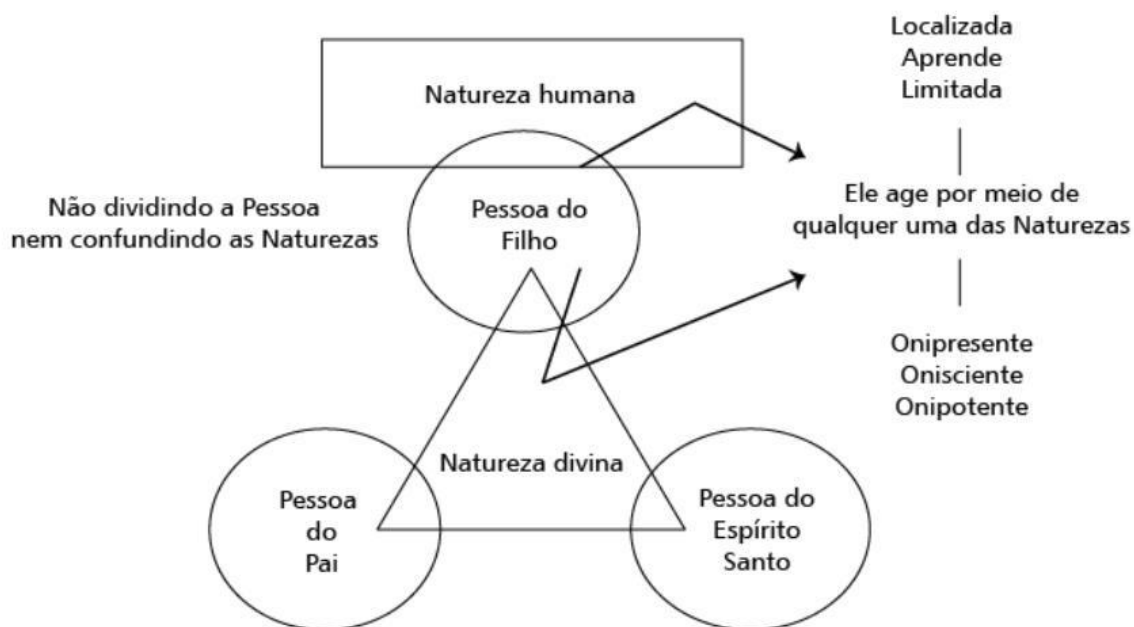
Essa doutrina descreve como o Deus Filho, Jesus Cristo, tomou para si a natureza humana, ao mesmo tempo, permanecendo 100% Deus.

Jesus sempre foi Deus (João 8:58, 10:30), mas na encarnação, Jesus se fez carne – Ele passou a ser um “ser humano” (João 1:14). A adição da natureza humana à natureza divina resulta em Jesus, o Deus-homem.

As duas naturezas de Jesus, humana e divina, são inseparáveis. Jesus vai ser sempre Deus-homem, 100% Deus e 100% homem. É uma doutrina que somos incapazes de compreender totalmente, mas negar a plenitude da humanidade ou da divindade da pessoa de Jesus incorre em negar aquilo que a Bíblia apresenta,

Negar esse ensino, resulta em erros como no mormonismo que ensina que Jesus foi o primeiro “filho espírito” do Pai e não o singular Filho de Deus, ou seja, nega a humanidade de Jesus. Ou o erro das Testemunhas de Jeová que negam a divindade de Jesus, defendendo que ele é simplesmente a primeira criatura feita por Deus.

Podemos expressar essa verdade nessa figura<sup>12</sup>:



## A HUMANIDADE E A DIVINDADE DE JESUS

<sup>12</sup> Retirado de Ferreira, Franklin; Curso Vida Nova de Teologia Básica: teologia sistemática, pág. 128.

No curto período em que Jesus viveu entre nós, sua plena humanidade foi demonstrada na Bíblia. Além da explicação acima, podemos destacar:

- ✓ Ele precisou de roupas para não ficar com frio (Lucas 2:12);
- ✓ Ele cresceu física e intelectualmente (Lucas 2:52);
- ✓ Ele ficou cansado e parou na fonte de Jacó (João 4:6);
- ✓ Pediu água, mostrando que estava com sede (João 19:28);
- ✓ Demonstrou emoções (João 2:15; 11:33, 35, 13:21; Marcos 3:17);
- ✓ Foi ferido (Lucas 22:63; João 19:2);
- ✓ E morreu de fato (Mateus 27:45-61; Marcos 15: 33-47; Lucas 23:46-55; João 19:28-42; Atos 2:23).

Além da humanidade, o NT também afirma a plena divindade de Jesus, isto fica evidente ao se considerar alguns textos do AT sobre Deus sendo aplicados de forma consistente à pessoa de Jesus Cristo, por exemplo:

- ✓ “O trono dele é para sempre” (Salmos 45:6-7, 93:2 cf. Hebreus 1:8);
- ✓ “Ele enche o céu e a terra” (Jeremias 23:24 cf. Efésios 4:10);
- ✓ “Ele é o criador” (Gênesis 1:1 cf. João 1:1-3; Isaías 44:24 cf. Colossenses 1:16);
- ✓ “O rei eterno” (Salmos 145:13; Daniel 7:14 cf. Lucas 1:33);
- ✓ “O juiz de toda a terra” (Gênesis 18:25 cf. 2 Coríntios 5:10);
- ✓ “Nossa esperança” (Salmos 39:7 cf. 1 Timóteo 1:15);
- ✓ “Fonte da nossa força” (Salmos 119:28 cf. Filipenses 4:13) e
- ✓ “Único Salvador” (Isaías 43:11, 49:26 cf. Mateus 1:21; 1 Timóteo 1:15; Atos 15:11; Hebreus 5:9, 7:25).

Os autores do NT também atribuíram nomes divinos a Jesus:

- ✓ Deus (Mateus 1:23; João 1:1; Romanos 9:5; Tito 1:3, 2:13);
- ✓ Senhor (Mateus 12:8; Marcos 2:28; Romanos 14:9);
- ✓ “Senhor meu e Deus meu” (João 20:28);
- ✓ Filho de Deus e Deus verdadeiro (1 João 5:20) e

✓ Alfa e Ômega (Apocalipse 1:8).

Todas essas declarações e textos destacados demonstram claramente a humanidade e divindade de Cristo. E qualquer pessoa diante dessas afirmações precisa responder ao “trilema” apresentado por C. S. Lewis na introdução dessa lição, Jesus era um lunático, um mentiroso ou era verdadeiramente Deus?

## O DEUS FILHO

O apóstolo João chama Cristo de “Logos” porque é por meio dele que todo mundo é criado e sustentado. O termo Logos era um termo muito usado na filosofia pré-socrática, e pelos estóicos (Atos 17:18) na região de Éfeso, onde João escrevia o seu livro. E vem de Heráclito a ideia de que o Logos é aquilo que dá força para tudo. João diz: “no princípio era o Logos”, na criação de todas as coisas o Logos eterno existia e que esse Logos era Deus e dava sustentação e sentido para todas as coisas. Esse Logos era Deus e esse Logos estava com Deus.

João 1:1 já nos dá a ideia de unidade e diversidade entre Pai e Filho. O Filho era Deus e o Filho estava com Deus. Para ele “estar com” precisa estar separado, mas ele era Deus também.

Esse Filho estava no início de todas as coisas. Ele é o próprio Deus e é o objeto de amor e autocomunicação eterna dentro da Trindade.

Ele é o Filho amado em quem o Pai se apraz (Mateus 3:17; Marcos 1:11),

Ele mantém uma relação exclusiva com Deus (Mateus 11:27),

É o Filho Unigênito (João 1:18, 3:16; 1 João 4:9), o Filho eterno (João 17:5, 24; Hebreus 1:5ss; 5:5-6), a quem o Pai concede vida em si mesmo (João 5:26), tem poder criador e recriador (João 1:3; 5:21,26), domínio (Lucas 10:22, 22:29; João 16:15, 17:10) e foi condenado à morte por causa da sua filiação (João 10:33; Mateus 26:63ss) como sacrifício de Deus em nosso lugar.

O Filho também é “a imagem de Deus” em sentido absoluto. Antes de encarnar, o Filho já existia na forma de Deus (Filipenses 2:6), era rico (2 Coríntios 8:9), vestido de glória (João 17:5) e retornou a esse estado depois da ressurreição e ascensão.

Jesus é a imagem do Deus invisível (Colossenses 1:15; 2 Coríntios 4:4), o reflexo de sua glória e “a expressão exata do seu ser” (Hebreus 1:3), o primogênito de toda criação

(Colossenses 1:15) em quem todas as coisas foram criadas (Colossenses 1:16), preeminente sobre todas as coisas (Colossenses 1:18 cf. Apocalipse 1:5-6).

À sua imagem, os crentes são transformados (2 Coríntios 3:18; Filipenses 3:21). Ele está acima de todos e é bendito para sempre (João 1:1, 20:28; Romanos 9:5; Hebreus 1:8-9; 2 Pedro 3:18; 1 João 5:20; Apocalipse 1:8,9,17,18).

## OS ESTADOS DE JESUS

A palavra “estado” pode ser usada como “condição”. Conforme já vimos, Jesus sempre existiu, pois é Deus (João 1:1), assumiu a forma de servo, assumindo a natureza humana (Filipenses 2:7-8) e após a sua ressurreição e ascensão, foi exaltado ao lado do pai (Atos 1:9, 7:55-56). É um erro achar que Jesus Cristo passou a existir no dia do seu nascimento e que deixou de existir após a sua morte. Jesus, sendo Deus, sempre existiu e o ensino bíblico mostra que ele se revelou em três estados diferentes:

ESTADO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
<b>PRÉ-ENCARNAÇÃO</b>	Jesus sempre existiu, antes mesmo da criação, desfrutando da Glória de Deus. Tudo foi criado por meio dele.	João 1:1-3, 8:58, 17:5,24; Colossenses 1:17; Apocalipse 22:13
<b>ENCARNADO (chamado de estado de humilhação)</b>	Jesus se esvaziou da Glória de Deus, humilhando-se, pois assumiu forma humana, se fazendo de servo e se submetendo à morte na cruz.	João 1:14; Marcos 10:45; 2 Coríntios 8:9; Filipenses 2:7-8; Gálatas 4:4-5; Hebreus 2:9
<b>GLORIFICAÇÃO OU EXALTAÇÃO</b>	Após cumprir sua missão, ao morrer e ressuscitar, Jesus subiu aos céus, foi exaltado sobre tudo e todos, recebendo a Glória de Deus e está assentado no trono celestial.  Ele voltará uma segunda vez e receberá ainda maior glória, a glória	Lucas 24:26; João 7:39; 11:25-26; Atos 1:11; 2:33, 5:31; Romanos 8:17,34; Efésios 1:20-23; Filipenses 2:9-11; 1 Tessalonicenses 4:16; Apocalipse 5:13; Hebreus 1:13;

## A IMPECABILIDADE DE JESUS<sup>13</sup>

Seria possível que Jesus pecasse? Sua tentação foi genuína ou somente uma farsa?

Ainda que o Novo Testamento seja claro em afirmar que Jesus era plenamente humano exatamente como nós, também afirma que Jesus era diferente em um aspecto importante: **ele era isento de pecado**. Alguns objetam que, se Jesus não pecou, então não era “verdadeiramente” humano, pois todos os humanos pecam. Mas os que fazem essa objeção simplesmente não percebem que os seres humanos estão agora numa situação “anormal”. Deus não nos criou pecaminosos, mas santos e justos. Adão e Eva no Jardim do Éden eram “verdadeiramente” humanos antes de pecar, e nós agora, apesar de humanos, não alcançamos o padrão que Deus deseja para nós quando nossa humanidade plena, impecável, for restaurada.

**As Escrituras dão testemunho da impecabilidade de Cristo:** nas palavras dos apóstolos (João 6:69; Atos 2:27, 3:14, 4:30, 7:52; 13:35; Romanos 8:3 – aqui Paulo toma o cuidado de não dizer “carne pecaminosa”, mas *“isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado;”* – 2 Coríntios 5:21; Hebreus 4:15, 7:26; 9:14; 1 Pedro 1:19, 2:22, 3:18; 1 João 2:1, 3:5), no testemunho de Jesus (João 8:29, 46, 15:10) e no testemunho dos incrédulos (Mateus 27:4, 19; Lucas 23:41; João 18:38).

Além disso, devemos chamar a atenção para uma declaração surpreendente de Jesus: *“Eu sou a luz do mundo”* (João 8:12), se compreendermos que a luz representa tanto a veracidade quanto a pureza moral, então Jesus está alegando aqui ser a fonte da verdade e a fonte da pureza moral e da santidade no mundo – uma alegação estarrecedora que poderia ser feita só por alguém isento de pecado. Por essa razão, precisamos atribuir a Cristo não somente integridade natural, mas também perfeição moral, isto é, impecabilidade.

No entanto, dessa consideração surge um problema: as tentações de Jesus foram reais?

Devemos destacar que as tentações de Cristo foram reais, embora insuficientes para vencê-lo, podemos ainda argumentar que a pessoa que resiste à tentação conhece todo o poder da tentação.

---

<sup>13</sup> Adaptado das Teologias Sistemáticas de Franklin Ferreira & Alan Myatt pág. 521-523; Wayne Grudem pág. 741-747; Millard J. Erickson pág. 691-693.

A impecabilidade de Cristo “aponta para uma tentação muito mais intensa, não menos intensa”.

Alguém que cede à tentação não sente todo o seu poder, pois cede enquanto a tentação ainda não chegou à sua força total, não chegou ao seu extremo.

Simplesmente não se pode concluir que, quando o pecado não foi cometido, a tentação não foi experimentada; o contrário pode muito bem ser verdade.

Vamos usar a tentação de transformar pedras em pães (Mateus 4:3) para nos ajudar nessa questão: por sua natureza divina, Jesus tinha a capacidade de realizar esse milagre, mas, se o fizesse, já não estaria obedecendo só na força de sua natureza humana, mas teria fracassado na prova em que Adão também fracassou e não teria conquistado a salvação para nós. Assim, Jesus recusou-se a recorrer à sua natureza divina para tornar sua obediência mais fácil para ele. De modo semelhante, parece certo concluir que Jesus enfrentou cada tentação ao pecado, não por seu poder divino, mas somente na força de sua natureza humana (embora, é claro, não fosse “somente”, porque Jesus, ao exercer o tipo de fé que os homens devem exercer, estava dependendo perfeitamente de Deus Pai e do Espírito Santo em todos os momentos).

A força de sua natureza divina estava ali como um tipo de “barreira” que, em todo o caso, o impediria de pecar (e, por conseguinte, podemos dizer que ele não podia pecar), mas ele não podia fiar-se na força de sua natureza divina para enfrentar as tentações com maior facilidade, e sua recusa em transformar pedras em pão no início de seu ministério é uma clara indicação disso.

Devemos deixar claro que a Bíblia não nos explica de maneira clara como as duas naturezas da pessoa de Jesus, divina e humana, se uniam em uma pessoa no enfrentamento das tentações.

Por fim, precisamos extrair uma aplicação prática desse ensino para nós: em toda a situação em que estivermos lutando contra uma tentação devemos refletir sobre a vida de Jesus e perguntar se não houve situações semelhantes enfrentadas por ele.

Em geral, depois de refletir por alguns instantes, seremos capazes de perceber alguns casos na vida de Cristo em que ele enfrentou tentações que, embora não iguais em todos os aspectos, foram bem parecidas com as situações que enfrentamos todos os dias e por mais difícil que seja compreender, as Escrituras afirmam que nessas tentações, Jesus se tornou capaz de nos compreender e nos ajudar em nossas tentações – *“Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos,*

*portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.” (Hebreus 4:15).*

## **CONCLUSÃO**

Sobre o “trilema” apresentado no início da lição, qual sua escolha?

Você conhecia o termo “união hipostática”?

A doutrina da encarnação, do Deus Filho, de Jesus, o Deus-homem, é maravilhosa e incentivamos que você estude mais sobre ela.

Resumimos aqui o que Franklin Ferreira e Alan Myatt apresentaram em sua Teologia Sistemática em relação às aplicações práticas sobre a divindade de Cristo<sup>14</sup>:

*O conhecimento real de Deus é possível através de Jesus, pois “ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (João1:18);*

*Deus filho, “por amor de nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, e encarnou, pelo Espírito Santo, na virgem Maria”. Por isso a morte de Cristo é suficiente para salvar os pecadores de todos os tempos e lugares, pois quem morreu não foi uma criatura, mas o Deus infinito;*

*Na pessoa de Jesus, seres humanos são unidos a Deus por toda a eternidade, não por meio de seres humanos ou anjos, mas pelo próprio Deus que “cruzou o abismo criado pelo pecado”;*

*Jesus deve ser louvado e obedecido porque ele não é apenas uma criatura, mas Deus, consubstancial ao Pai.*

---

<sup>14</sup> Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt, pág. 512



## CONHECENDO O DEUS ESPÍRITO SANTO

*“Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele” (Mateus 3:16)*

### INTRODUÇÃO

O nome *pneuma* vem do grego e significa sopro, respiração ou espírito. A palavra *pneumo* na nossa língua é usada para falar de coisas que envolvem ar como o nosso pulmão. Quando você pega pneumonia, fala diretamente de uma doença no seu pulmão. Ao falar do Espírito Santo (ES, daqui em diante) no grego, a palavra é a mesma, porque o Espírito é conhecido como o sopro de Deus, ou o Espírito do Senhor.

A doutrina do ES é chamada de pneumatologia e é importante porque é através dele que Deus fala, age e se comunica conosco hoje no período do NT. Ele é a principal manifestação divina hoje, no período da igreja, porque é a partir do ES que Deus age e atua nas nossas vidas agora.

Não é objetivo dessa lição estudar todos os aspectos da doutrina do ES. Vamos falar sobre o entendimento equivocado que algumas religiões e seitas tem sobre o ES, mostrar o que a Bíblia apresenta sobre as manifestações do ES no AT e no NT e por fim dar mais atenção às questões sobre a divindade do ES, pois temos a classe Dons e Ministérios que aprofunda bastante sobre a doutrina do Espírito Santo.

### ANÁLISE COMPARATIVA<sup>15</sup>

A maioria das religiões entende que existe uma força divina na natureza. Por causa disso, o ser humano é incuravelmente religioso. Várias ideias sobre a natureza do poder divino na experiência da humanidade nos são apresentadas. O ES é uma pessoa divina ou uma força impessoal usada por Deus para influenciar o mundo? As religiões que negam a doutrina da Trindade (estudaremos mais sobre essa doutrina na próxima lição) têm dificuldade com a doutrina do Espírito Santo. Essas religiões têm, basicamente, três opções:

---

<sup>15</sup> Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt – pág. 660-663

- Podem identificar o ES com a divindade unipessoal ou impessoal em que creem, isto equivale a negar a existência do ES;
- Podem identificar o ES como uma das divindades do sistema politeísta;
- Podem reduzir o ES a uma espécie de força impessoal, algo como o poder de Deus implementado na criação.

O Espírito Santo como uma pessoa distinta é uma ideia única da fé cristã e por isso é difícil achar paralelos nas demais religiões. Segue uma breve lista sobre o que algumas religiões e seitas apresentam sobre isso:

1. RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA – não se pode falar de ES nas religiões de matriz africana, a não ser que isso seja feito a partir de influências cristãs. De acordo com o sincretismo afro-brasileiro que ocorre na Umbanda, por exemplo, existe a divindade suprema – Olorum – diferente das três divindades subordinadas – Obatala (Pai), Oxalá (Filho) e Ifá (Espírito Santo).
2. KARDECISMO – o espiritismo kardecista trata o Espírito Santo como o conjunto dos espíritos das pessoas que já teriam sido totalmente aperfeiçoadas por meio de sucessivas reencarnações. Ele relaciona o “outro consolador” (João 14:16,26) a esse conjunto de espíritos que foram os espíritos que comunicaram a doutrina espírita para Kardec, ou seja, o Espírito Santo seria a terceira revelação de Deus, ou o próprio espiritismo.
3. ISLAMISMO – o islamismo nega a existência do ES, pois entende que Deus é uma unidade absoluta e, portanto, elimina qualquer noção de ES. Assim como o espiritismo, o islamismo relaciona o “outro consolador” com a pessoa de Maomé, ou seja, Maomé seria o espírito da verdade e mensageiro de Deus.
4. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ – negam veementemente a pessoalidade do ES. Eles ensinam que o ES é uma força controlada que Jeová Deus usa para realizar uma variedade de propósitos. Seria comparada a eletricidade, uma força que pode ser adaptada para realizar grande variedade de operações. Essa força emanaria de Deus para cumprir sua vontade.
5. MORMONISMO – eles ensinam que o Espírito é uma divindade distinta de Jesus e de Deus Pai, sendo que o Pai e o Filho são pessoas de carne e osso e o Espírito Santo é uma pessoa somente espiritual. Ainda segundo o mormonismo, o ES emana de Deus e é o administrador das obras de Cristo e do Pai na terra.

## O ESPÍRITO SANTO NO ANTIGO TESTAMENTO

No AT, a revelação do Espírito de Deus como uma pessoa divina distinta não é tão clara quanto no NT. A ênfase do AT está na unidade de Deus, realçando o monoteísmo, em contraste com o politeísmo, que era normal nas culturas que circundavam o povo de Israel. Não obstante, o ES está presente no AT fazendo sua obra distintiva na administração da criação e no plano da redenção. De forma sucinta podemos destacar que o ES capacitava os homens de Deus para trabalhos específicos:

- José foi capacitado com habilidades de liderança e sabedoria (Números 27:18; Deuteronômio 34:9);
- Bezalel foi capacitado pelo Espírito para construção do tabernáculo (Êxodo 31:3-5);
- Otoniel, Gideão, Jefté e Sansão foram capacitados pelo Espírito na época dos Juízes para libertar Israel dos povos que o dominavam (Juízes 3:10, 6:34, 11:29, 13:25, 14:6,19, 15:14);
- Saul foi capacitado pelo Espírito para vencer uma batalha (1 Samuel 11), mas também foi retirado dele, impedindo que ele reinasse (1 Samuel 16:14) e se apossou de Davi quando ele foi ungido como rei (1 Samuel 16:13);
- Os profetas falavam pelo poder do Espírito (Ezequiel 2:2; Miqueias 3:8; Zacarias 7:12). O profeta Isaías predisse que o Espírito ungiria o Messias (Isaías 11:2-3; 61:1 cf. Lc 4.18).

Isso significa que o ministério do ES no AT estava relacionado principalmente com aquilo que ele preparava para um trabalho específico ao reino de Deus. O ES não tinha uma função fundamentalmente salvífica, mas ministerial.

Os homens não recebiam o ES simplesmente porque foram salvos, mas o recebiam para que fizessem coisas a Deus. Tanto é que o ES os deixava quando eles não eram mais aprovados para este ministério.

Franklin Ferreira e Alan Myatt afirmam que: “Na antiga aliança, a obra do Espírito foi mais limitada, porque a sua pessoa não estava plenamente revelada. No Novo Testamento, o Espírito será revelado como o Consolador, que levará a cabo a obra inédita de chamar um povo para Deus em meio a todas as nações, tribos e povos” (Ferreira & Myatt, 680).

## O ESPÍRITO SANTO NO NOVO TESTAMENTO

O NT relata a inauguração de uma nova etapa da história da redenção, realizada com a vida de Jesus. A presença e a atividade do ES revelam-se desde a inauguração da nova aliança.

Durante o ministério de Jesus, a obra do Espírito Santo foi intensa. O próprio Espírito foi quem o gerou (Mateus 1:18,20). O Espírito capacitaria todo o seu ministério (Lc 1:35). O Espírito veio sobre o seu batismo (Mateus 3:16; Marcos 1:10; Lucas 3:22; João 1:32). Jesus estava na plenitude do Espírito (Lucas 4:1). Foi o Espírito que o levou ao deserto para ser tentado (Mateus 4:1; Lucas 4:1-2). Porém, era pelo poder do Espírito também que ele voltou para Galileia (Lucas 4:14). Também pelo Espírito Santo que ele expulsava demônios (Mateus 12:28). Jesus disse que precisava ir ao Pai para que o outro Consolador, o Espírito, viesse sobre os discípulos (João 14:16-17).

No Pentecoste (Atos 2), esse outro consolador, o Espírito é derramado como cumprimento da profecia de Joel 2:28-29 para o florescimento dos dons, fruto e vida do Espírito Santo na igreja. O Espírito passa a habitar dentro do corpo do crente. Assim, o Espírito aplica os benefícios da salvação aos eleitos. Ele justifica, santifica, edifica a igreja e cumpre o plano de Deus na história. Ele é quem foi dado para convencer o mundo do pecado, justiça e juízo (João 16:8-11). É ele quem converte e salva o homem.

## DEUS-ESPÍRITO SANTO<sup>16</sup>

As escrituras nos apresentam o ES como um ser pessoal (João 16:14), chamado de “Paracletos” (João 14:26, 15:26, 16:7), que segundo Berkhof, nome este que não pode ser considerado o nome de alguma força abstrata.

As escrituras conferem ao ES atributos pessoais, tais como inteligência (João 14:26, 15:26; Romanos 8:16), vontade (Atos 16:7; 1 Coríntios 12:11) e sentimentos (Isaías 63:10; Efésios 4:30). O ES também realiza atos próprios de uma pessoa como sondar, falar, testificar, ordenar, revelar, lutar, criar, interceder, vivificar os mortos, entre outros. Quem realiza estas coisas não pode ser um simples poder ou influência, mas tem de ser

---

<sup>16</sup> Adaptado da teologia Sistemática de Franklin Ferreira e Alan Myatt, pág. 684

pessoal. A Escritura mostra o ES relacionando-se com outras pessoas, como os apóstolos, Cristo, o Pai e o Filho, o que implica sua personalidade.

Por último, a Escritura distingue entre o Espírito e o seu poder (cf. Lucas 1:35, 4:14; Atos 10:38; Romanos 15:13; 1 Coríntios 2:4). Erickson afirma: “Todas essas considerações levam a uma conclusão: o ES é uma pessoa, não uma força, e tal pessoa é Deus, tão plenamente e da mesma maneira que o Pai e o Filho o são”

## **CONCLUSÃO**

Na próxima lição iremos discutir o tema “TRINDADE”. Por hora é importante destacar algumas aplicações práticas a respeito do que vimos hoje sobre a compreensão correta da pessoa do Espírito Santo:

- É necessário afirmar que o ES é uma pessoa, não uma força ou energia impessoal;
- Ele é um ser pessoal, portanto podemos ter um relacionamento pessoal com Ele;
- É por meio do ES que Deus não está distante, na verdade, está tão perto que, de fato, habita em cada pessoa que nele crê;
- É necessário dar ao ES, que é plenamente divino, a mesma glória que é dada ao Pai e ao Filho.

## A TRINDADE SANTA

*“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.” (2 Coríntios 13:13)*

### INTRODUÇÃO

Estudamos nas 3 lições anteriores, as pessoas de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Na lição de hoje estudaremos um ensino encontrado apenas nas escrituras e que é um ensino singular da fé cristã:

- Só existe um único Deus;
- Esse Deus existe eternamente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo;
- Cada uma dessas três Pessoas é plenamente Deus.

Após analisar esses três ensinamentos, abordaremos como a Bíblia apresenta a Trindade e como acontece o desenvolvimento histórico dessa doutrina, os erros a seu respeito e algumas aplicações práticas sobre ela.

Certamente uma das coisas mais importantes a se dizer sobre Deus é a doutrina da Trindade. Ela diz respeito a quem Deus é, como ele é, como age e como devemos nos aproximar dele.

Essa doutrina é muito disputada e sofre muitos ataques de pessoas de variadas teologias, mas que é certamente uma das coisas mais claras que a Escritura fala a respeito de Deus. Sem medo de exagero, podemos dizer que a doutrina da Trindade é uma das doutrinas mais fundamentais da fé cristã.

Existe uma célebre frase citada por diversos teólogos sistemáticos e atribuída à Agostinho de Hipona que afirma o seguinte: **“a doutrina da trindade é aquela que se você tenta entender, você perde a cabeça; mas que se negar, perde a alma.”**

## **SÓ EXISTE UM ÚNICO DEUS**

A indicação bíblica mais clara da unidade de Deus é o Shemá de Deuteronômio 6:4 – *“Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o **único** Senhor”*. A Bíblia fala que não há outros deuses (Êxodo 20:2,3; Deuteronômio 32:37; Isaías 44:6). Israel não seguia um tipo de monolatria (vide a lição 2), como seguiam os outros povos à sua volta, onde entre os vários deuses, eles escolhiam o seu. Eles eram monoteístas, acreditando em um único Deus.

Os outros deuses eram deuses falsos que não eram poderosos nem tinham função nenhuma no mundo. Eram só deuses de pedra e de barro. É por isso que Deus zomba dos deuses que os homens criam (Isaías 44), não há outros que Ele compartilhe sua glória (Isaías 42:8) e antes dele nenhum existia (Isaías 43.10). Não há outro deus (Isaías 45:6). Deus é o primeiro e o último (Isaías 48:12).

No Novo Testamento, Jesus cita Deuteronômio 6:4 para lembrar que Deus é um (Marcos 12.29), lembrou que só há um que bom (Mateus 19:16-22; Marcos 10:17-22). Paulo afirma a unidade de Deus diante dos deuses gregos (1 Coríntios 8:4-6) e em Romanos 3:30, afirma *“que Deus é um só”*. E Tiago 2:19 destaca que até os demônios reconhecem que há um só Deus – *“Crês, tu, que Deus é um só? Fazes bem. Até os demônios creem e tremem”*.

É por isso que tudo aquilo que concerne à natureza divina deve ser expresso de forma exata no singular, já que a natureza de Deus é única. A Trindade possui uma única e indivisível razão *“uma única e indivisível ação e uma única vontade”* (Ferreira & Myatt, pág. 181), um único e indivisível ato na eternidade e na história onde ele se coloca.

## **DEUS EXISTE ETERNAMENTE EM TRÊS PESSOAS**

Já demonstramos nas três lições anteriores, que a Bíblia reconhece três pessoas como Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, portanto faremos apenas a citação de alguns versículos que falam da divindade dessas três Pessoas:

O Pai é Deus – Jesus orou ao Pai dizendo *“Pai nosso”* e ensinou os discípulos a fazerem o mesmo (Mateus 6:9-13; João 17). Somos adotados e podemos chamar Deus de *“Aba, Pai”* (Romanos 8:15; Gálatas 4:6).

O Filho é Deus – a declaração mais evidente de que Jesus é Deus está em João 1:1 – *“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”* e Tomé se ajoelha diante de Jesus chamando-o de Deus – *“Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!”*

O Espírito Santo é Deus – em Atos 5:3-4, Pedro deixa claro que Ananias e Safira mentiram a Deus pela Pessoa do Espírito Santo. Além disso, Paulo afirma que somos santuário de Deus – *“Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?”* (1 Coríntios 3:16).

### **CADA UMA DESSAS TRÊS PESSOAS É PLENAMENTE DEUS**

O fato de Deus ser três pessoas significa que o Pai não é o filho; eles são pessoas diferentes. Significa que o Pai não é o Espírito Santo, mas são pessoas diferentes. E significa que o Filho não é o Espírito Santo. Essas diferenças se mostram em muitas passagens do Novo Testamento.

Em João 1:1, conforme citado, o fato do Verbo (que se revela como Cristo nos versículos 9-18) estar “com” Deus prova que ele é diferente de Deus Pai. Em João 17:24, Jesus diz – *“para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo”* revelando a diferença de pessoas que compartilham de glória e tem uma relação de amor desde antes que o mundo fosse criado.

Também lemos que Jesus é nosso Sumo Sacerdote e Advogado perante Deus Pai em Hebreus 7:25 – *“Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles.”* e em 1 João 2:1 – *“Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo;”* Para interceder por nós perante o Pai, é necessário que Cristo seja uma pessoa diferente do Pai.

Além disso, o Espírito Santo não é o Pai e tampouco é o Filho. Eles se distinguem em vários versículos. Em João 14:26, Jesus afirma – *“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”*, esse versículo mostra Jesus fazendo uma oração ao Pai que enviará um “outro” que não é nem o Pai e nem o Filho e que mais adiante se revela como o Espírito Santo (v. 26). Ainda em Romanos 8:27, o



Espírito Santo “intercede” por nós e isso indica uma diferença entre o Espírito Santo e Deus Pai, a quem se faz a intercessão.

Para finalizar essa questão das três pessoas apresentamos a afirmação que Norman Geisler faz em sua Teologia Sistemática: *“Além de afirmar que Deus é um em natureza ou essência, as Escrituras afirmam que há três pessoas distintas que são Deus. Todos são chamados Deus, e todos têm características essenciais de uma pessoa. Tradicionalmente, entendemos que personalidade é alguém que tem intelecto, sentimentos e vontade. Na Bíblia, todas estas três características são atribuídas a todos os três membros da Trindade”* (Geisler, pág. 791).

## **O DESENVOLVIMENTO DA TRINDADE NA BÍBLIA**

Conforme já estudamos, Deus se revela progressivamente nas Escrituras. E à medida que Deus vai se revelando, principalmente no Novo Testamento, os versículos que falam sobre Deus no Antigo Testamento ganham um novo entendimento.

O Antigo Testamento fornece uma revelação parcial: Quando Deus delibera: *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;”* (Gênesis 1:26). O plural implica mais de uma pessoa. Pelo menos Deus e o Espírito de Deus (Gênesis 1:1-2) estão incluídos na divindade. No entanto, existe apenas um Deus (Deuteronômio 6:4).

No Salmo 45, uma pessoa chamada “Deus” dirige-se a outra Pessoa chamada “Deus”: *“O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu reino. Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros.”* (Salmos 45:6,7). No Salmo 110, uma Pessoa chamada “Senhor” se dirige a outra Pessoa chamada “Senhor”: *“Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés.”* (Salmos 110:1).

O Novo Testamento oferece então uma revelação mais completa a respeito de Deus: no início do ministério de Jesus, Deus Pai fala palavras elogiosas sobre Jesus (Deus Filho) enquanto Deus Espírito Santo desce sobre o que está sendo batizado (Mateus 3:16,17). Na Conclusão do seu ministério, Jesus instrui seus discípulos a fazerem discípulos dos povos das nações, o que inclui *“batizá-los em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”* (Mateus 28:19).

O apóstolo Paulo demonstra a ação dos três na missão da Igreja: *“Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos.”* (1 Coríntios 12:4-6). Ele também declara uma bênção trinitária: *“A graça do*

*Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todas vós.” (2 Coríntios 13:13).*

Por fim, o apóstolo Pedro destaca que o envolvimento da trindade na salvação dos discípulos: *“eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas.” (1 Pedro 1:2).*

## **DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA DOCTRINA DA TRINDADE**

Conforme estudamos até aqui, a Bíblia nos apresenta inúmeros versículos falando de um único Deus, mas também inúmeros versículos falando de três pessoas que se apresentam como Deus.

Imaginem, então, o “drama” dos primeiros discípulos de Jesus, como diz Michel Horton em seu livro *Cristianismo Essencial*: *“Todos os primeiros cristãos eram judeus e proclamavam o Deus dos seus pais como o único Deus; porém, eles foram confrontados com o drama revelador de Deus feito carne. Jesus é Deus, mas ele se distinguiu do Pai. Depois, com a descida do Espírito no Pentecostes, os seguidores de Cristo foram defrontados com a realidade da terceira pessoa da Trindade.”<sup>17</sup>*

À medida que o tempo foi passando e o cristianismo avançava, foram surgindo convertidos e críticos que tentavam dar uma explicação para esses versículos que pareciam contraditórios – um único Deus e três pessoas – que emergiam da Escrituras como Deus. A Igreja desenvolveu e expressou então uma “consciência trinitária.

É importante destacar que o termo “Trindade” não aparece na Bíblia, mas é um termo técnico criado para explicar essa doutrina – termo utilizado pela primeira vez por Tertuliano entre o final do século 2 e início do século 3 e significa “triunidade” ou “três em unidade”.

A expressão dessa doutrina ganha seu contorno definitivo no Concílio de Nicéia em 325 d.C., em resposta à heresia ariana, foi reafirmada no Concílio de Constantinopla em 381 d.C., que lançou mais luz sobre a divindade do Espírito Santo e no Concílio de Calcedônia em 451 d.C., que esclareceu o ensino sobre a pessoa de Jesus (conforme estudamos na lição 7).

---

<sup>17</sup> Horton, Michael. *Cristianismo essencial* (p. 40) – Kindle

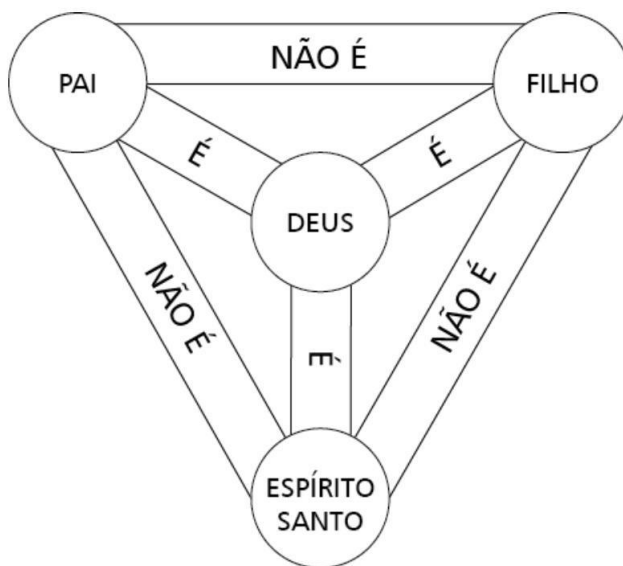
A doutrina da Trindade explica que temos um único Deus que se manifesta em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. De forma que cada um dos três é totalmente Deus, mas que eles não são um e outro.

De forma mais clara, devemos afirmar que o Pai não é o Filho, o Filho não é o Pai, o Pai não é o Espírito e o Espírito não é o Filho, mas cada um deles é completamente Deus e um está contido no outro. “O Pai está em mim e eu estou no Pai” (João 14:10), diz Jesus. O Espírito está no Pai e o Pai no Espírito. O Espírito está no Filho e o Filho no Espírito. Essa habitação e comunhão mútuas das pessoas da Trindade é chamada de “**pericorese**”

Muitas pessoas buscam algum tipo de analogia na natureza para explicar a Trindade, mas é o tipo de coisa que não temos como comparar na realidade. Com o que compararemos a Trindade? Com a água que tem três estados? Com o ovo que tem clara, gema e casca? Com o sol que fornece calor, luz e energia? Nenhuma dessas ilustrações é suficiente para dizer quem Deus realmente é.

Não temos nada na criação que uma parte sozinha represente o todo, apesar de alguns teólogos utilizarem a expressão  $1^3=1$  ou  $1 \times 1 \times 1=1$  para dar uma noção de como visualizar a trindade.

Graficamente, podemos usar a seguinte imagem sobre Deus<sup>18</sup>:



A UNIDADE DE DEUS	A DIVERSIDADE DE DEUS
O PAI É O DEUS ÚNICO	O PAI NÃO É O FILHO

<sup>18</sup> Retirado de Ferreira, Franklin; Curso Vida Nova de Teologia Básica: teologia sistemática, pág. 76.

<b>O FILHO É O DEUS ÚNICO</b>	O FILHO NÃO É O ESPÍRITO SANTO
<b>O ESPÍRITO SANTO É O ÚNICO DEUS</b>	O ESPÍRITO SANTO NÃO É O PAI

## OS PRINCIPAIS ERROS SOBRE A TRINDADE<sup>19</sup>

Conforme vimos acima, a doutrina da Trindade, apesar de não ter esse nome escrito na Bíblia, é totalmente bíblico. Mas aqueles que não creem nessa doutrina, apresentam algumas afirmações que deturpam o ensino bíblico sobre essa questão:

1. A afirmação de que Deus é uma única pessoa: o **unitarismo** rejeita a divindade do Filho e do Espírito;
2. A afirmação de que há três deuses: o **triteísmo** rejeita a doutrina bíblica que Deus é um;
3. A negação das diferenças entre as três Pessoas: para o **modalismo**, “Pai”, “Filho” e “Espírito Santo” são diferentes nomes da mesma Pessoa. Esse ponto de vista não explica a passagem em que as três pessoas estão ativas ao mesmo tempo (por exemplo, o batismo de Jesus);
4. A negação da divindade do Filho: o **arianismo** não explica as passagens que afirmam que Jesus é Deus;
5. A negação da divindade do Espírito Santo: essa posição não explica as passagens que dizem que o Espírito Santo é Deus.

Além disso, a doutrina da Trindade elimina noções equivocadas a respeito de Deus:

1. Deus se sentia solitário, por isso criou pessoas para lhe fazerem companhia. Ao contrário, o Deus Triúno é uma comunhão eterna e perfeita;
2. Deus precisava amar e ser amado, por isso criou pessoas para preencherem essa carência. Pelo contrário, Pai, Filho e Espírito amam-se eternamente;
3. Deus ansiava por glória, por isso criou pessoas para espalharem sua fama. Nada disso, as três pessoas honram umas às outras eternamente.

O que está em jogo nessa doutrina? Em uma palavra: Tudo! O cristianismo não existe se Deus não é Triúno. Porém, já que Deus existe eternamente como três Pessoas em uma essência divina, a Igreja conhece o único Deus verdadeiro, experimenta a

<sup>19</sup> Alisson, Gregg R., 50 Verdades Centrais da Fé Cristã, pág. 113,114.

salvação, dedica-se à oração, é transformada e cumpre a missão de ajudar outros a conhecerem a Trindade.

## **A RELAÇÃO ENTRE AS PESSOAS DA TRINDADE<sup>20</sup>**

Teologicamente, o estudo da Trindade possui duas divisões. O primeiro é o estudo é sobre a **Trindade ontológica** que estuda a Trindade em seu ser, na sua eternidade e comunhão perfeitas, pode-se afirmar que não existe hierarquia na Trindade. Dizendo de outra forma, o ser de Deus, ou Deus em si mesmo, na eternidade, não possui inferioridade ou subordinação entre as pessoas de Trindade.

As distinções entre as pessoas da Trindade são relacionais, isto é, sempre houve um relacionamento pessoal na Trindade, uma relação marcada por comunicação e amor mútuo. O Pai sempre foi o Pai, e desde a eternidade teve consigo o seu eterno Filho. Nunca houve um tempo em que o Pai não tivesse seu amado Filho. O Pai e o Filho se amam tão intensamente, um amor eterno, que se revela na pessoa do Espírito, o vínculo eterno de amor entre o Pai e o filho. O Espírito Santo é o transbordar do amor pessoal da Trindade: por meio dele, pecadores salvos são inseridos nessa comunhão de amor.

Esse ensino da autossatisfação divina mostra que, em Deus, não há nenhuma necessidade de acrescentar algo a si ou criar algo fora de si para a realização do amor que existe entre as pessoas da Trindade. Deus sempre foi, é e será amor, porque existe em três pessoas. No entanto, é importantíssimo enfatizar que, no próprio ser de Deus, sempre houve e haverá igualdade; pensar de outra forma é abrir as portas para algum tipo de subordinação entre as pessoas resultará em distorção do ensino bíblico.

O outro estudo sobre a trindade é chamado de **Trindade Econômica**, que é a forma como a Trindade Santa se revela na história e de sua ação com vistas à nossa participação na comunhão trinitária. Na redenção da humanidade, cada pessoa faz parte de um plano perfeito para salvar o homem. Cada pessoa faz obras distintas para tornar possível essa salvação. O Pai elege os salvos e envia o Filho; o Filho paga o preço do pecado, compra a salvação pelos eleitos e intercede por eles; e o Espírito Santo aplica a salvação aos eleitos, regenerando-os e santificando-os.

## **APLICAÇÕES PRÁTICAS DA TRINDADE**

---

<sup>20</sup> Adaptado da Teologia Sistemática de Franklin Ferreira & Alan Myatt

Depois de toda essa revisão sobre a Trindade, devemos trazer algumas implicações e aplicações a respeito dessa doutrina:

1. Ela possibilita a revelação definitiva de Deus – ele passa a ser conhecido em Cristo (João 1:18).
2. A Salvação é uma obra da Trindade e conduz a ela – o Pai planejou e dirigiu a encarnação do Filho; o Filho voluntariamente obedeceu ao Pai e realizou a salvação; o Espírito aplica a salvação à vida das pessoas (Romanos 5:5-8; 1 Coríntios 6:11; 2 Tessalonicenses 2:13; 1 Pedro 1:2).
3. A Trindade possibilita a expiação – a redenção do pecador é realizada por meio da atividade distinta e unificada de cada pessoa da divindade (Hebreus 9:14).
4. Por ser triúno, Deus é, desde a eternidade, pessoal e relacional em seu próprio ser, pois Deus é amor e só pode amar se tiver a quem amar na eternidade (1 João 3:23,24)
5. A Trindade proporciona o modelo supremo para os relacionamentos dentro do corpo de Cristo (1 Coríntios 12:4-6; Efésios 4:4-6).
6. Por fim, na nossa vida devocional, devemos ter em mente que a nossa oração é trinitária, é dirigida ao Pai, em nome do Filho, em sintonia com o Espírito (João 15:16, 16:23; Romanos 8:26; Efésios 5:20; Judas 1:20).

### UMA APRESENTAÇÃO BÍBLICA DA TRINDADE ATRAVÉS DOS ATRIBUTOS:

1. Pessoas com a mesma essência: Atributos aplicados a cada pessoa;
2. Igualdade com diferentes funções: Atividades que envolvem as três pessoas.

ATRIBUTOS	PAI	FILHO	ESPÍRITO SANTO
<b>Eternidade</b>	Salmos 90:2	João 1:2; Apocalipse 1:8,17	Hebreus 9:14
<b>Poder</b>	1 Pedro 1:5	2 Coríntios 12:9	Romanos 15:19
<b>Onisciência</b>	Jeremias 17:10	Apocalipse 2:23	1 Coríntios 2:11
<b>Onipresença</b>	Jeremias 23:24	Mateus 18:20	Salmo 139:7
<b>Santidade</b>	Apocalipse 15:4	Atos 3:14	Atos 1:8

<b>Verdade</b>	João 7:28	Apocalipse 3:7	1 João 5:6
<b>Benevolência</b>	Romanos 2:4	Efésios 5:25	Neemias 9:20
<b>Criação do Mundo</b>	Salmo 102:25	Colossenses 1:16	Gênesis 1:2; Jó 26:13
<b>Criação do Homem</b>	Gênesis 2:7	Colossenses 1:16	Jó 33:4
<b>Batismo de Cristo</b>	Mateus 3:17	Mateus 3:16	Mateus 3:16
<b>Morte de Cristo</b>	Hebreus 9:14	Hebreus 9:14	Hebreus 9:14
<b>Ressurreição de Cristo</b>	Gálatas 1:1	João 2:18-22	Romanos 8:11; 1 Pedro 3:18

## CONCLUSÃO

O fato de não compreendermos totalmente a doutrina da Trindade não implica em sua inexistência. Essa doutrina representa um paradoxo, mas não é uma contradição. Ela é de difícil compreensão, mas é um fato e faz parte das coisas “encobertas” que Deus não revelou na sua totalidade a nós (Deuteronômio 29:29).

A natureza de Deus é o fator mais fundamental na teologia evangélica. Nela apoiam-se todas as outras doutrinas teológicas, explícita ou implicitamente. De acordo com o sadio raciocínio bíblico, teológico e histórico, o Deus da Bíblia é o Deus do monoteísmo trinitário.

Ele é tri-pessoal, infinito, indivisível, imutável, eterno, todo-conhecedor, Todopoderoso, absolutamente perfeito e justo. Divergência de quaisquer desses atributos resulta em um ponto de vista não ortodoxo de Deus<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> GEISLER, Norman, Teologia Sistemática, pág. 818.

## A DOCTRINA DO HOMEM

*“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gênesis 1:27)*

### INTRODUÇÃO

Nessa lição vamos estudar sobre a Doutrina do Homem segundo a Bíblia, ou Antropologia Bíblica.

Na lição 2, vimos sobre Deus e a Criação de uma forma geral e hoje falaremos especificamente sobre a criação do homem, entendendo que esse termo se refere à humanidade.

Vamos discutir a questão da imagem e semelhança do homem e sobre sua constituição (material e imaterial).

Aproveitaremos para falar também sobre a sua queda e sua salvação em Cristo. São temas bastante extensos que precisariam de uma revista da EBD para cada um deles, mas, por enquanto, vamos apenas apresentar alguns pontos e discussões sobre cada um deles, desejando termos uma oportunidade de nos aprofundar em cada tema em outra ocasião.

### IMAGEM E SEMELHANÇA

O texto chave para a compreensão da natureza dos seres humanos é Gênesis 1:26-28: *“Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra.”*

Deus criou os seres humanos à sua imagem, fazendo deles os seres mais semelhantes a Ele mesmo, dentre todos os que criou e dotando-os de dignidade e



importância.<sup>22</sup> Segundo o ensino da teologia, diz-se que o homem é *imago Dei* (imagem de Deus em latim), ou seja, ele existe como portador da imagem de Deus e todo o resto – cor da pele, dos olhos, altura e tipo de corpo são características secundárias.

É importante destacar que, no passado, para explicar esse ensino, era feito uma distinção entre os termos “imagem” e “semelhança”. Porém, hoje, sabe-se que esses dois termos são praticamente sinônimos (Gênesis 5:3) e identificam um paralelismo judaico, muito comum na literatura hebraica.

Explicando isso melhor, vamos usar a explanação apresentada por Wayne Grudem na sua Teologia Sistemática, pág. 634: “As *palavras hebraicas que exprimem ‘imagem’ (tselem) e ‘semelhança’ (demût) se referem a algo similar, mas não idêntico, à coisa que representa ou da qual é uma ‘imagem’.* A palavra ‘imagem’ também pode ser usada para exprimir algo que representa outra coisa.” Diante dessa definição dos termos, podemos afirmar que o que o autor bíblico quis dizer ao registrar o texto de Gênesis 1:26 é – “*Façamos o homem como nós, para nos representar”*”

Deixando a definição dos termos mais clara, resumimos a apresentação que Gregg Alisson resume em seu livro “50 Verdades Centrais da Fé Cristã” sobre as concepções que a igreja desenvolveu a respeito desse ensino ao longo da história:

1. CONCEPÇÃO SUBSTANTIVA: é alguma característica como racionalidade, livre-arbítrio ou consciência moral, ou seja, alguma qualidade ou atributo da natureza humana.
2. CONCEPÇÃO RELACIONAL: considera a experiência de comunidade que homens e mulheres desfrutam entre si, e secundariamente, que os seres humanos e Deus desfrutam, baseado no relacionamento que Deus tem em si mesmo (*façamos, nossa*).
3. CONCEPÇÃO FUNCIONAL: considera a atividade humana como “imagem de Deus”, visto que Deus criou os seres humanos para exercerem domínio sobre as criaturas, como “mordomos” da criação.
4. VISÃO HOLÍSTICA: considera as outras concepções como reducionistas e concebe o ser humano na totalidade do seu ser, de seus relacionamentos e de suas atividades. Essa visão é a que mais se aproxima do que o texto bíblico quer expressar, pois mesmo concordando que as concepções anteriores são verdadeiras, não é necessário optar entre elas.

---

<sup>22</sup> ALISSON, Gregg R., 50 Verdades Centrais da Fé Cristã, pág. 143.

Os seres humanos individualmente, e a humanidade como um todo, são criados à imagem divina, não por alguma necessidade que Deus tivesse em si (Jó 41:11; Salmos 50:9-12; Atos 17:24-25), mas, essencialmente para ser glorificado neles, à medida que eles se comprazem em Deus e refletem seu caráter (Isaías 43:7; cf. Efésios 1:11-12).

É importante destacar que ao terminar a criação no sexto dia, *“Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom.”* (Gênesis 1:31), isso significa que tudo que Deus criou foi muito bom, tudo responde aos propósitos de Deus e manifesta a sua própria bondade abundante, apesar das mudanças que ocorreram com o pecado (Gênesis 3), tema que abordaremos daqui a pouco.

Para concluir, devemos salientar dois pontos importantes: Jesus é a imagem perfeita de Deus (João 1:18; 2 Coríntios 4:4; Colossenses 1:15), de modo que podemos saber quem é Deus e o que ele planejou para nós, conhecendo o caráter de Jesus, como ele se relacionava com as pessoas e suas atividades. Nossa busca é nos tornarmos progressivamente mais parecidos com essa imagem (Romanos 8:29 cf. 1 João 3:2) atingindo a estatura da plenitude de Cristo (Efésios 4:13), sabendo que essa renovação não se completa nessa vida, mas na vindoura (1 Coríntios 15:48-49).

O segundo ponto é que existem implicações éticas por causa da criação segundo a imagem divina, por isso que todo ser humano deve ser tratado com dignidade e respeito desde o momento da concepção até sua morte (Gênesis 9:6; Levítico 19:32; Salmos 139:13-16; Provérbios 20:29; Mateus 19:13-15; 1 Timóteo 5:1), sendo dever do cristão repudiar o assassinato, o aborto, a eutanásia, entre outros.

## **CONSTITUIÇÃO DO HOMEM**

Uma pergunta que sempre é feita: o que é uma pessoa? O texto de Gênesis 2:7 registra: *“Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”* Isso mostra que biblicamente, existem pelo menos dois aspectos distintos em cada ser humano: o aspecto imaterial (alma/espírito) e o aspecto material (corpo).

Considerando que todos os cristãos concordem sobre o componente material (corpo), há discordância sobre o componente imaterial e que leva à duas concepções sobre a natureza humana:

1. Tricotomia: divisão em 3 partes – onde além do corpo, considera que a alma e o espírito são partes distintas do ser humano. Sendo que a alma abrange a vontade,

o intelecto e as emoções e o espírito é a parte do homem que se relaciona com Deus. Essa visão é baseada principalmente nos textos de 1 Tessalonicenses 5:23 e Hebreus 4:12

2. Dicotomia: divisão em 2 partes – que além do corpo, existe a alma/espírito, que são considerados sinônimos e são utilizados de forma intercambiável nas Escrituras. Essa visão é baseada nos textos de Mateus 10:28 e Lucas 1:46-47.

Existe uma visão errônea, defendida em alguns círculos, chamada de “monismo”, que acredita que exista apenas o corpo e que os aspectos considerados da esfera da alma – consciência, racionalidade, moralidade, fé – são explicadas por processos físicos no cérebro.

Essa visão é contrária ao ensino bíblico que afirma a existência dos mortos em um estado intermediário no céu. A dualidade material/imaterial, que caracteriza a existência do ser humano é rompida na morte do corpo, e será restaurada quando for ressuscitado, permitindo que os seres humanos existam do modo para o qual foram planejados (Lucas 23:43; 1 Coríntios 15:35-57; Apocalipse 6:9), falaremos mais sobre isso na lição 12.

Por fim, é importante salientar que as posições dicotomia e tricotomia são bíblicamente plausíveis e não devemos ser dogmáticos sobre isso, ao contrário do monismo que não tem respaldo bíblico.

## **A QUEDA**

Como vimos anteriormente, ao criar o homem, Deus declarou que tudo que Ele havia criado era “muito bom” (Gênesis 1:31). Mas uma tragédia acontece: o homem peca (Gênesis 3) e isso acaba por corromper a imagem/semelhança do homem com Deus. Na teologia bíblica isso é chamado de QUEDA, mas é mais conhecida como PECADO.

A Bíblia de Estudo NAA traz uma definição objetiva sobre o que é o pecado: *“pecado é tudo (seja em pensamento, ações ou atitudes) que não expressa ou não condiz com o caráter de Deus, manifestado em sua lei moral.”*

Ela também apresenta alguns elementos que embasam essa definição:

1. PECADO É UM MAL MORAL: é a rebelião pessoal contra Deus; foi ele que trouxe o mal natural ao mundo. Por exemplo, homicídio é oposto ao mal natural (por exemplo, câncer) (Gênesis 3; Romanos 1:18, 8:20-22);

2. PECADO É SEMPRE E, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, DIRIGIDO A DEUS: muito embora tenha ramificações sociais, físicas e relacionais devastadoras, o problema do pecado é que ele ofende e incorre na ira de Deus (Salmos 51:4);
3. PECADO É A TRANSGRESSÃO DA LEI DE DEUS: a unificada lei de Deus é um reflexo de sua natureza pessoal e de suas exigências, o que significa que rejeitar uma de suas leis equivale a rejeitar o próprio Deus (Romanos 7:7-11; Tiago 2:10 cf. Gálatas 3:10);
4. O PECADO ESTÁ PROFUNDAMENTE ENRAIZADO NA NOSSA PRÓPRIA NATUREZA: as ações pecaminosas revelam a condição de um coração interiormente depravado (Eclesiastes 9:3; Jeremias 17:9; Marcos 7:20-23);
5. TODOS SÃO CULPADOS DIANTE DE DEUS: o pecado levou a uma condição de culpa diante de Deus, bem como uma condição corrompida de todos os seres humanos (Salmos 14:1-3; 53:1-3; Romanos 3:10-12, 5:12).

O pecado manchou a imagem de Deus no homem, apesar do homem ainda ser portador da imagem de Deus e por isso que ninguém consegue cumprir o principal objetivo humano de glorificar a Deus relacionando-se com ele. E para isso precisávamos de um salvador!

## **A SALVAÇÃO**

Como vimos, o pecado nos afastou de Deus, sendo que fosse necessário sermos salvos e reconciliados com Deus.

No plano de salvação de Deus, o próprio Deus é o único que pode prover por nossa salvação. Somos totalmente incapazes de nos salvar por causa do nosso pecado e suas consequências.

Deus se tornou um ser humano na pessoa de Jesus Cristo (João 1:1, 14). Jesus viveu uma vida sem pecado (2 Coríntios 5:21; Hebreus 4:15; 1 João 3:5) e ofereceu-se como um sacrifício perfeito em nosso favor (1 Coríntios 15: 3; Colossenses 1:22; Hebreus 10:10). Visto que Jesus é Deus, Sua morte foi de valor infinito e eterno. A morte de Jesus Cristo na cruz pagou completamente pelos pecados do mundo inteiro (1 João 2:2). Sua ressurreição dos mortos demonstrou que Seu sacrifício foi de fato suficiente e que a salvação está agora disponível.

Tudo o que precisamos fazer é receber a salvação pela fé, confiando plenamente e somente em Jesus como Salvador (João 14: 6; Atos 4:12). Esse é o plano de salvação de Deus. Esse plano é a boa notícia da salvação, mais conhecido como Evangelho (Lucas 2:10-11; João 4:42).

Quando o Evangelho é apresentado a uma pessoa e é recebido pela fé, duas coisas acontecem simultaneamente:

1. **REGENERAÇÃO** – que é a poderosa obra divina pela qual os incrédulos recebem uma nova natureza por intermédio do novo nascimento, lembrando que essa obra é uma atribuição particular do Espírito Santo (João 3:1-8; Efésios 2:5; Colossenses 2:13; Tito 3:5; Tiago 1:18; 1 Pedro 1:23-25; 1 João 2:29, 3:9, 4:7, 5:1,3,4,18);
2. **CONVERSÃO** – que é a resposta humana ao Evangelho. Consiste em arrependimento e fé em Jesus Cristo. Importante destacar que ela não é meramente humana, pois tem ajuda divina (Mateus 3:2, 4:17; Marcos 1:15; Lucas 24:47; João 3:16; Atos 2:38, 17:30-31; Romanos 3:1-4:25, 10:9; 2 Coríntios 7:9-11; Efésios 2:8-9; 1 João 5:1).

## SISTEMAS DE SALVAÇÃO

Ao longo de desenvolvimento da Teologia, foram desenvolvidos dois sistemas de salvação, chamados de Calvinismo e Arminianismo. Vamos apresentá-los aqui à título de informação, visto que eles são cercados de muita discussão, podendo inclusive chegar à bate-bocas destemperados. Os dois sistemas apresentam base bíblica e são defendidos por importantes teólogos.

É importante ressaltar que não se deve criar divisão dentro da Igreja por causa disso, até mesmo porque nenhum dos dois sistemas é doutrinariamente defendido pela nossa Igreja e nem mesmo pela Convenção Batista Brasileira. Além disso, existem entre os batistas todo tipo de combinação entre os pontos defendidos por um sistema ou outro, por exemplo, os que defendem 4 pontos do arminianismo e 1 ponto do calvinismo.

Os dois sistemas podem ser resumidos em cinco pontos, conforme o quadro abaixo:

ARMINIANISMO	CALVINISMO
<b>LIVRE-ARBÍTRIO</b> – A queda do homem foi	<b>DEPRAVAÇÃO TOTAL</b> – Ensina que o

<p>total, porém é corrigida pela graça preveniente, com isso o homem é reabilitado e capaz de querer aceitar ou rejeitar Cristo como salvador (Marcos 9:47-48; Romanos 14:10).</p>	<p>homem foi afetado plenamente pelo pecado, não sendo capaz de produzir nada espiritualmente aceitável a Deus. É filho da ira e escravo de Satanás (Salmos 58:3; Romanos 3:9-20; Efésios 2:1).</p>
<p><b>ELEIÇÃO CONDICIONAL</b> – A eleição está baseada no pré-conhecimento de Deus em relação àquele que deve crer. O ato de fé, por parte do homem, é a condição para ele ser eleito para a vida eterna, uma vez que Deus previu que ele exerceria livremente sua vontade, num ato de escolher a Cristo (Tiago 1:14; 1 Pedro 1:2).</p>	<p><b>ELEIÇÃO INCONDICIONAL</b> – Ensina que Deus escolheu antes da fundação do mundo, predestinando um povo para si e isto em sua livre e soberana vontade e não naquilo que os homens poderiam fazer ou deixar de fazer (Provérbios 16:4; Marcos 4:11-12).</p>
<p><b>EXPIAÇÃO ILIMITADA</b> – Deus ama a todos, visto que Cristo morreu por todos e o Pai não quer que ninguém se perca. A morte de Cristo oferece a base para salvar a todos os homens, basta apenas eles decidirem aceitar (João 17:21; 1 Timóteo 2:3-4).</p>	<p><b>EXPIAÇÃO LIMITADA</b> – Ensina que o sacrifício de Jesus não foi para todas as pessoas individualmente, mas para aqueles que foram escolhidos pelo Pai antes da fundação do mundo (Mateus 1:21; Romanos 11:32).</p>
<p><b>GRAÇA RESISTÍVEL</b> – Deus quer que todos os homens sejam salvos. Ele envia seu ES para atrair todos os homens a Cristo. No entanto, desde que o homem goza de livre-arbítrio, ele pode resistir à vontade de Deus em relação a sua própria vida (Lucas 18:23; 19:41-42).</p>	<p><b>GRAÇA IRRESISTÍVEL</b> – ensina que a graça de Deus não pode ser resistida pelo homem. Quando Deus resolve agir em sua vida de forma salvífica, nada e nem ninguém podem impedir seu agir (Romanos 8:31; Isaías 43:13).</p>
<p><b>DECAIR DA GRAÇA</b> – O homem não pode continuar na salvação de maneira irreversível. Uma vez que o homem escolhe aceitar a Cristo por sua livre escolha, também pode perder-se depois de ter sido salvo (Lucas 21:36; Gálatas 5:4).</p>	<p><b>PERSEVERANÇA DOS SANTOS</b> – ensina que já que a salvação é uma obra completamente divina e que o homem nada pode fazer para cooperar nisso, é o próprio Deus que garante e sustenta essa salvação (Filipenses 1:6; Efésios 4:11-12).</p>

O que podemos deixar claro, a despeito de toda a discussão é que a Bíblia deixa claro que Deus **sabe** quem será salvo (Romanos 8:29; 1 Pedro 1:2). Efésios 1:4 nos diz que Deus nos **escolheu** “antes da fundação do mundo”. A Bíblia descreve várias vezes os crentes como os “**escolhidos**” (Romanos 8:33; 11:5; Efésios 1:11; Colossenses 3:12; 1 Tessalonicenses 1:4; 1 Pedro 1:2; 2:9) e “**eleitos**” (Mateus 24:22,31; Marcos 13:20, 27; Romanos 11:7; 1 Timóteo 5:21; 2 Timóteo 2:10; Tito 1:1; 1 Pedro 1:1). O fato de os crentes serem **predestinados** (Romanos 8:29-30; Efésios 1:5, 11) e **eleitos** (Romanos 9:11; 11:28; 2 Pedro 1:10) para a salvação é totalmente claro.

A Bíblia também diz que **somos responsáveis** por receber a Cristo como Salvador - tudo o que temos que fazer é acreditar em Jesus Cristo e seremos salvos (João 3:16, Romanos 10:9-10).

Deus sabe quem será salvo, Deus escolhe quem será salvo e nós temos que escolher a Cristo para sermos salvos. É impossível que uma mente limitada compreenda como estas três coisas trabalham juntas (Romanos 11:33-36). Nossa responsabilidade é levar o Evangelho a todo o mundo (Mateus 28:18-20; Atos 1:8). Devemos deixar a parte que diz respeito à presciência, eleição e livre-arbítrio nas mãos de Deus, simplesmente sendo obedientes em compartilhar o Evangelho, pois ir longe demais para qualquer lado resulta em uma compreensão distorcida da salvação.

## AS BENÇÃOS DA SALVAÇÃO

Existe uma série de bênçãos advindas da salvação, pois o pecado, apesar de abundante, não obscureceu a graça divina, conforme o apóstolo Paulo bem afirmou em Romanos 5:20-21: *“Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.”*

Essas bênçãos envolvidas na obra da salvação são resumidas aqui:

1. **UNIÃO COM CRISTO:** é o maravilhoso ato de Deus de unir seu povo em aliança eterna com o Filho, que realizou sua salvação por meio do Espírito Santo, que aplica essa salvação (João 14:23, 15:1-5, 17:20-23; Romanos 6:1-11, 12:4-5; 1 Coríntios 12:12-27; Gálatas 2:20, 3:28; Efésios 1:3-14, 2:4-7, 3:14-17; Colossenses 2:12-13, 3:1-5);
2. **PROPICIAÇÃO:** diz respeito a Cristo ter sofrido a ira divina no lugar de toda a humanidade (Romanos 3:25; João 19:30; 1 João 4:10);

3. PERDÃO: diz respeito ao alto preço pago pelo pecado, livrando o homem de sua penalidade (Miqueias 7:19; Efésios 1:7; 1 Pedro 1:18-19; Colossenses 2:14);
4. JUSTIFICAÇÃO: é o poderoso ato de Deus pelo qual Ele declara que pessoas pecadoras não são culpadas, mas justas, ao imputar-lhes a perfeita justiça de Cristo (Gênesis 15:1-6; Romanos 3 – 8; 2 Coríntios 5:21; Gálatas 2:15-3:29; Efésios 2:8-9; 1 Pedro 3:18);
5. ADOÇÃO: é o poderoso ato divino de tornar pecadores – inimigos alienados e separados de Deus – e trazê-los para sua família, como filhos amados, para sempre (João 1:12; Romanos 8:15-17, 21, 29; Gálatas 3:26-28, 4:4-7; Efésios 1:5, 2:13-22; Colossenses 1:20-22);
6. BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO: quando Deus salva uma pessoa por meio de Jesus Cristo, um dos poderosos atos salvíficos de Cristo é batizar esse novo cristão com o Espírito Santo, incorporando-o ao corpo de Cristo, a Igreja (Joel 2:28-32; Lucas 3:15-17, 24:49; João 1:33, 7:37-39; 14:16,26, 15:26, 16:7; Atos 1:4,5,8; 2:1-4,33; 1 Coríntios 12:13).
7. PRESERVAÇÃO DOS SANTOS: também conhecido como perseverança da santos, trata-se da poderosa obra divina de preservar os cristãos, pelo poder divino, por meio da fé contínua, até que sua salvação esteja completa. A segurança da salvação é a confiança subjetiva, privilégio de todos os crentes genuínos, de que cada um deles permanecerá cristão por toda a vida (João 6:37-40, 10:27-30; Romanos 8:16,28-39; Colossenses 1:21-23; Hebreus 2:1-3, 3:12-15, 6:4-9, 7:23-25, 10:26-31; 1 Pedro 1:3-9; 2 Pedro 2:1-2; 1 João 5:11-13);
8. SANTIFICAÇÃO: mais especificamente a santificação progressiva – é a obra colaborativa entre Deus e os cristãos pela qual ocorre a contínua transformação em maior semelhança com Cristo (João 17:17; Romanos 6:1-14; 1 Coríntios 1:2, 6:11; 2 Coríntios 3:18; Efésios 5:25-27; Filipenses 2:12-13; 1 Tessalonicenses 5:23; Hebreus 10:24-25, 12:14,23, 13:21; 1 Pedro 1:1-2, 2:2).

## CONCLUSÃO

Nessa lição, vimos, de forma bem resumida, as três primeiras partes da doutrina bíblica – criação, queda e redenção (salvação).

O homem foi criado “muito bom”, à imagem e semelhança de Deus, mas caiu em tentação e pecou, contaminando toda a raça humana.



Porém, Deus, em toda graça e misericórdia, preparou um plano maravilhoso de redenção que está disponível a todo homem e através dele, ser reconciliado com Deus.

Revise essa lição, releia os textos bíblicos e faça seu próprio guia para pregar o Evangelho, espalhando a boa nova a todos aqueles que você encontrar.

## **ANJOS E DEMÔNIOS**

*“Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares,” (Ap 5:11)*

### **INTRODUÇÃO**

O tema anjos e demônios sempre levanta muitas dúvidas, ainda mais hoje em dia, quando vemos filmes, séries, livros entre outros programas de entretenimento falando sobre esse assunto.

Muito se discute, mas a maior parte do que se fala sobre anjos na mídia escrita e falada está mais baseado em especulações e opiniões pessoais do que a Bíblia realmente diz.

A maior dificuldade sobre esse assunto é que embora haja abundantes referências a anjos na Bíblia, elas não são muito úteis para uma plena compreensão do tema, pois toda referência a anjos é secundária a algum outro tema, não sendo tratados como um assunto em si.

Nessa lição falaremos sobre o que a Bíblia afirma sobre a doutrina dos anjos, chamada de angelologia e sobre os demônios, chamada de demonologia, tomando cuidado para não entrar em teorias mirabolantes, aprendendo qual seu papel na história dos homens e do mundo.

### **OS ANJOS**

Os diversos povos da antiguidade, como babilônios, persas e gregos, defendiam em sua mitologia a existência de seres espirituais que eram tratados como deuses, semideuses ou gênios.

Várias religiões dão muita importância ao tema, pois foram fundadas a partir de revelações de anjos, como os Mulçumanos (Maomé recebeu o Alcorão a partir de revelações do anjo Gabriel) ou os Mórmons (Joseph Smith recebeu a revelação do Livro dos Mórmons através de um anjo chamado Moroni) e mesmo as Testemunhas de Jeová e

os Adventistas, que acreditam que o arcanjo Miguel e Jesus são a mesma pessoa, numa interpretação totalmente equivocada de alguns textos bíblicos.

Nessa lição não abordaremos o tema ANJO DO SENHOR, visto que já tratamos desse assunto na lição 7, sobre DEUS FILHO, quando falamos sobre teofania no AT.

A palavra anjo – “*mal’ak*” no Antigo Testamento e “*angelos*” no Novo Testamento – significa “mensageiro” ou “enviado” sendo essa a função dos anjos, a de serem portadores de mensagens para o povo de Deus.

Segundo definido por Wayne Grudem, em sua Teologia Sistemática na pág. 579, “*anjos são seres espirituais criados, dotados de juízo moral e de alta inteligência, mas desprovidos de um corpo físico.*”

Explicando a definição:

1. OS ANJOS SÃO CRIATURAS: os anjos foram criados por Deus, porém são habitantes de uma existência radicalmente diferente da nossa. Algumas passagens se referem aos anjos como “hostes do céu” ou “exércitos do céu”, sendo identificado dessa forma quando Deus concluiu a criação em Gênesis 2:1, dando a entender que foram criados juntos com os céus (Neemias 9:6 cf. Salmos 148:2,5; Colossenses 1:16).
2. SÃO SERES ESPIRITUAIS e DESPROVIDOS DE CORPO FÍSICO: os anjos são simples por natureza, sendo apenas imateriais, dessa forma, os anjos são também chamados de “espíritos”, não possuindo um corpo material (Lucas 24:39; Efésios 6:12; Hebreus 1:14), porém podem ser vistos, geralmente apresentando uma aparência humana, podendo ser confundidos com seres humanos, isso ocorre de 2 formas:
  - a. Os anjos podem adquirir formas ou materializar-se temporariamente – chamados de “angelofanias” (Gênesis 18:2, 19:1; Ezequiel 9:2; Marcos 16:5; Lucas 24:4);
  - b. Deus pode dar uma capacidade especial que é permitido enxergá-los (Números 22:31; 2 Reis 6:17; Lucas 2:9,13);
3. SÃO DOTADOS DE JUÍZO MORAL: alguns são caracterizados como santos (Mateus 25:31; Marcos 8:38; Lucas 1:26; Atos 10:22; Apocalipse 14:10), enquanto outros, que caíram, são descritos como mentirosos e pecadores (João 8:44; 1 João 3:8-10);

4. POSSUEM ALTA INTELIGÊNCIA: os anjos falam às pessoas (Mateus 28:5; Atos 12:6-11), cantam louvores a Deus (Salmos 148:2; Apocalipse 4:11, 5:11), são obedientes à Deus (Salmos 103:20; Efésios 1:21).

Importante destacar que a bíblia afirma que seu número é incontável, existindo milhares e milhares de anjos (Deuteronômio 33:2; Salmos 68:17; Hebreus 12:22; Apocalipse 5:11) e somos levados a crer que já foram criados todos de uma vez, visto que aparentemente não podem se reproduzir conforme afirma Jesus em Mateus 22:30 cf. Lucas 20:34-36.

## **CLASSIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO**

Na Bíblia, são apresentadas diversas criaturas de Deus que são genericamente chamados de anjos, mas possuem nomes e funções específicas:

1. QUERUBINS: estão relacionados com a guarda da santidade de Deus, destacando o poder e a majestade divinos. Foram colocados guardando a entrada do jardim do Éden (Gênesis 3:24). Diz-se que Deus está entronizado acima deles (Salmos 18:10, 99:1; Isaías 37:16; Ezequiel 10). Foram esculpidos na tampa da arca da aliança (Êxodo 25:22, 37:9);
2. SERAFINS: são mencionados apenas em Isaías 6:2-7, onde adoram ao Senhor continuamente. São apresentados possuindo 6 asas, 2 cobrindo o rosto, 2 cobrindo os pés e com 2 voando;
3. SERES VIVENTES: criaturas que circundam o trono de Deus e O adoram continuamente, possuindo aparência de leão, boi, homem e águia, representando os seres mais poderosos das várias partes da criação divina – animais selvagens, animais domésticos, seres humanos e pássaros (Ezequiel 1:5-14; Apocalipse 4:6-8).

As Escrituras indicam que há hierarquia e ordem entre os anjos, fazendo referência a diferentes classes de anjos, os quais ocupam lugares de autoridade no mundo angélico (Romanos 8:38; Efésios 1:21, 3:10, 6:12; Colossenses 1:16, 2:10,15), formando um grande exército organizado (2 Reis 6:16-17; Salmos 103:21)

1. ARCANJO: apenas um arcanjo é citado nominalmente na Bíblia – Miguel – que significa “quem é como Deus?”. O prefixo “arc” (do grego “*arch*”) sugere uma posição de liderança, significando chefe, príncipe ou primeiro-ministro. Miguel é

identificado como príncipe do povo judeu (Daniel 10:13,21, 12:1; Judas 9; Apocalipse 12:7);

2. TRONOS: do grego “*thronoi*”, designa uma classe de anjos que está diretamente ligada à majestade e soberania de Deus;
3. DOMÍNIOS: do grego “*kuriotes*”, tem como função executar as ordens de Deus sobre as coisas criadas;
4. PRINCIPADOS: classe de anjos que tem poderes de príncipes;
5. POTESADES: anjos especiais que executam tarefas especiais da parte de Deus;

Apenas mais um anjo tem seu nome identificado na Bíblia, trata-se de Gabriel, que significa “homem forte ou fortaleza de Deus?” e possui a função básica de transmitir revelações divinas (Daniel 9:21-27; Lucas 1:19, 26-38).

## **FACULDADES E FUNÇÕES**

Conforme já dissemos, as Escrituras afirmam que os anjos são dotados de grande inteligência e conhecimento, transmitindo a revelação (Gálatas 3:19) e interpretando visões (Daniel e Zacarias), mas não são oniscientes e podem crescer em conhecimento por meio da observação das ações humanas e ao ouvirem sobre o arrependimento humano (Lucas 12:8-9, 15:10; 1 Coríntios 4:9; Efésios 3:10).

Os anjos também possuem grande poder, sobre-humano inclusive, mas não possuem onipotência (2 Pedro 2:11; Salmos 103:20). Os anjos obtêm de Deus seu grande poder e permanecem dependentes de seu consentimento ou permissão para exercê-lo, estando limitados a agir dentro dos limites da permissão de Deus (Jó 1:12, 2:6; 2 Crônicas 32:21; Atos 12:7-10).

As escrituras também retratam os anjos se deslocando de um lugar a outro (Lucas 1:26; Daniel 10:12-14) podendo estar num só lugar de cada vez, ou seja, não são onipresentes. Nesse momento é interessante comentar que existe uma associação entre anjos e asas, pois parecem ser muito velozes, porém essa descrição não é explícita falando dos anjos propriamente ditos, mas apenas na descrição dos serafins.

Normalmente a descrição bíblica dos anjos são de seres parecidos com homens, de vestes brancas, brilhantes e que causam grande temor (Mateus 28:2-5; Marcos 16:5-6 Lucas 1:11-12, 30, 2:9, 24:4; João 20:12).

Dentre as funções dos anjos, podemos destacar as seguintes:

- Eles louvam a Deus (Salmos 148:1,2; Isaías 6:3).
- Eles adoram a Deus (Hebreus 1:6; Apocalipse 5:8-13).
- Eles se regozijam nos feitos de Deus (Jó 38:6-7).
- Eles servem a Deus (Salmos 103:20; Apocalipse 22:9).
- Eles se apresentam perante Deus (Jó 1:6; 2:1).
- Eles são instrumentos dos julgamentos de Deus (Apocalipse 7:1; 8:2).
- Eles trazem respostas às orações (Atos 12:5-10).
- Eles ajudam a ganhar pessoas para Cristo (Atos 8:26; 10:3).
- Eles observam a ordem cristã, obra e sofrimento (I Coríntios 4:9; 11:10; Efésios 3:10; I Pedro 1:12).
- Eles dão encorajamento em tempos de perigo (Atos 27:23-24).
- Eles cuidam dos justos no momento da morte (Lucas 16:22).
- Estarão envolvidos na segunda vinda de Cristo (Mateus 25:31).
- Participarão da reunião dos eleitos (Mateus 24:31; 1 Tessalonicenses 4:16-17).

## SATANÁS E OS DEMÔNIOS

Devemos estudar demonologia para compreendermos melhor quem são e como trabalham Satanás e seus demônios.

Deus criou todas as coisas e os anjos foram criados bons (Gênesis 1:31-2:1), porém alguns anjos não guardaram a sua posição diante de Deus, se rebelaram e caíram de seu estado original, portanto, opõem-se a Deus, têm como missão afligirem o povo de Deus e estão sob as ordens de Satanás (2 Pedro 2:4; Judas 6). Não sabemos o momento exato que os anjos caíram, mas deve ter acontecido entre o momento que Deus terminou a criação e disse que tudo era “muito bom” e a tentação e queda dos seres humanos descrita em Gênesis 3.

O primeiro anjo a cair em pecado ficou conhecido como Satanás (do hebraico “*satan*”) que significa adversário ou diabo (do grego “*diabolos*”) que significa adversário, acusador (Apocalipse 12:9).

É dito que o nome dele antes da queda seria Lúcifer, porém essa é a tradução da Vulgata Latina de uma descrição que aparece em Isaías 14:12 “*ó estrela da manhã*”, não sendo propriamente seu nome, mas um título e não se repete em mais nenhuma parte das Escrituras.

A Bíblia não descreve de forma clara e explícita como ocorreu a queda de Satanás e seus demônios, mas os textos de Isaías 14:12-17 e Ezequiel 28:11-19 que, apesar de falarem sobre os reis de Babilônia e Tiro respectivamente, descrevem a queda de um ser que é mais do que humano:

1. ANTES DA QUEDA: ele recebe uma série de elogios e é descrito como “sinete de perfeição”, “cheio de sabedoria e formosura”, querubim da guarda ungido”, “perfeito era nos seus caminhos”. Deus o criou perfeito, mas fez criaturas com possibilidade de escolher a obediência ou a desobediência;
2. A QUEDA: Satanás não se contentou em permanecer no estado e na função que possuía, mas buscou subir além da esfera e propósito para o qual fora criado. Algumas declarações mostram esses fatos como “eu subirei ao céu”, céu este que é a habitação que pertencia somente a Deus, “acima das estrelas porei o meu trono”, “no monte da congregação me assentarei”, “subirei acima das nuvens”, “serei semelhante ao altíssimo”.
3. APÓS A QUEDA: Satanás provocou uma rebelião e arrastou um terço dos anjos consigo, sendo todos eles expulsos do céu. Isso não é explicado na Bíblia, mas é inferido no texto de Apocalipse 12.

## **ATIVIDADES DOS DEMÔNIOS**

Satanás é apresentado nas Escrituras como um ser astucioso (Efésios 6:11); poderoso (Mateus 24:24), mas com atuação limitada pelo próprio Deus (Jó 2:4-6); enganador (João 8:44), transfigurando-se em anjo de luz para enganar os crentes (2 Coríntios 11:14); príncipe da potestade do ar e Príncipe desse mundo (Efésios 2:2).

Satanás deu origem ao pecado (Gênesis 3:1-6) e junto com seus demônios opõem-se a toda a obra de Deus buscando destruí-la: além da tentação de Eva, tentou a Jesus no deserto (Mateus 4:1-11), lançam de qualquer artifício para gerar as pessoas aos Evangelho (2 Coríntios 4:4); mantêm as pessoas presas a coisas que as impedem de aproximar-se de Deus (Gálatas 4:8).

Os demônios usam a tentação, a dúvida, a culpa, o medo, a confusão, a doença, a inveja, o orgulho, a calúnia ou qualquer outro meio para obstruir o testemunho e a utilidade do cristão.

Também podem causar doenças: mudez (Marcos 9:17), surdez e mudez (Marcos 9:25), cegueira e surdez (Mateus 12:22); convulsões (Marcos 1:26, 9:20; Lucas 9:39), paralisia ou aleijamento (Atos 8:7).

## **POSSESSÃO DEMONÍACA**

A Bíblia relata diversos casos de possessão demoníaca. O termo técnico é “ter demônio” ou “estar endemoninhado”. Além das doenças destacadas acima, podem acontecer outras manifestações variadas: ter força descomunal (Marcos 5:2-4), agir de maneira bizarra (Lucas 8:27) e adotar um comportamento autodestrutivo (Mateus 17:15; Marcos 5:5). É digno de nota o fato que os autores bíblicos não atribuem todas as enfermidades à possessão demoníaca, distinguindo as situações de possessão das doenças propriamente ditas (Mateus 4:24; 10:8; Marcos 1:34, 6:13; Lucas 4:40-41, 9:1, 13:32).

Ainda hoje é possível que a possessão demoníaca possa ocorrer, devendo o cristão estar alerta para essa situação. Ao mesmo tempo, não se deve ter pressa em atribuir fenômenos físicos e psíquicos à possessão demoníaca.

É importante destacar que o crente verdadeiro não pode ser possuído por demônios, pois é selado pelo Espírito Santo (Efésios 1:13; 2 Coríntios 1:22), já tendo ressuscitado em Cristo, o pecado não tem domínio sobre eles (Romanos 6:14). Mas devemos reconhecer que as pessoas, mesmos as cristãs, podem sofrer graus variados de ataque ou influência demoníaca.

Jesus expulsou os demônios (Marcos 1:25, 9:25) e investiu seus discípulos de autoridade para expulsar demônios (Mateus 10:1), mas os discípulos precisavam ter fé (Mateus 17:19-20) e a oração também é mencionada como requisito para a expulsão de demônios (Marcos 9:29). Dentro desse contexto, Paulo ensina que existem armas para lutar contra as hostes espirituais (2 Coríntios 10:3-4; Efésios 6:10-18), também Tiago e Pedro falam que se deve resistir ao diabo e ele fugirá do cristão (Tiago 4:7; 1 Pedro 5:8-9).

## **CONCLUSÃO**

Aprendemos que Deus criou seres diferentes dos seres humanos, dotados de grandes capacidades e que desempenham funções importantes para nós, como serem



exemplos de perfeita obediência a Deus e de servirem a Deus, nos auxiliando com sua proteção, resgate, orientação e muito mais.

Diante disso, devemos evitar dois extremos que acontecem em diversas igrejas:

1. ERRO DO EXAGERO: envolver em vasta especulação sobre anjos e demônios, indo além do que a Bíblia ensina sobre o assunto. Exemplos: crer em anjos da guarda, orar aos anjos, superestimar a influência de Satanás e dos demônios, atribuir o pecado pessoal à atividade demoníaca e muitos outros.
2. ERRO DA IGNORÂNCIA: tratar essa doutrina com uma “benigna negligência” quase se sentindo constrangido por ela ou rejeitando-a completamente. Exemplos: dificuldade de compreender as narrativas bíblicas em que aparecem anjos e demônios, viver na ignorância do mundo espiritual real, que é parte da realidade e menosprezar os cristãos ao redor do mundo que vivem diariamente a realidade dos anjos e demônios.

## ESCATOLOGIA INDIVIDUAL E GERAL

*“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.” (Mateus 24:30)*

### INTRODUÇÃO

O termo “Escatologia” tem sua definição a partir de duas palavras gregas: “*eschatos*” – último, fim e “*logia*” – estudo, doutrina. Portanto, escatologia significa “o estudo das últimas coisas”.

Dentro da teologia bíblica, a escatologia se encaixa como seu último pilar: criação, queda (pecado), redenção (salvação) e **consumação (escatologia)**.

Millard Erickson afirma ainda em sua Teologia Sistemática que a escatologia “*lida com questões concernentes à consumação da história, a conclusão da atuação de Deus no mundo.*” Sendo... “*literalmente o último assunto considerado no estudo da teologia.*”<sup>23</sup>

Ela se divide em duas partes: a escatologia individual ou pessoal e a escatologia geral ou cósmica. A primeira estuda a sequência de eventos que acontecem após a morte física, passando pelo Estado Intermediário e culminando com a Ressurreição. A segunda estuda o desenvolvimento do reino de Deus na história e terá seu clímax com a Volta de Cristo, o Juízo Final e o Novo Céu e a Nova Terra.

Estudaremos esses temas nessa lição de uma forma mais objetiva e abordaremos também dois temas polêmicos e de grande debate entre os cristãos: a tribulação e o milênio, temas que estão diretamente relacionados à Volta de Cristo e o estabelecimento de seu Reino.

Devemos destacar que o estudo das últimas coisas, envolve uma tensão entre o “já” e o “ainda não”. Já vivemos o fim, onde Jesus anunciou o seu Reino (Mateus 21:5; Marcos 15:2; João 1:49), mas ainda não experimentamos completamente o Reino de Deus e devemos ansiar pelo seu pleno estabelecimento (Mateus 6:10; Marcos 1:15; Apocalipse 17:14).

---

<sup>23</sup> ERICKSON, Millard J. – Teologia Sistemática, pág. 1098.

Por último, sugerimos a leitura da Revista da EBD – “PALAVRA VIVA ESCATOLOGIA – O Futuro à luz do Novo Testamento – Evangelhos e Epístolas” que faz uma análise detalhada sobre o texto de Mateus 24 e 25 e trata de temas como o Já e o Ainda Não de forma bem mais detalhada, sobre o Anticristo, a apostasia e a corrupção dos últimos tempos, dentre outros. Ela está disponível no aplicativo da Igreja.

## PARTE 1 – ESCATOLOGIA INDIVIDUAL

### A MORTE

Gregg Allison explica esses conceitos da seguinte forma: “A morte, que é um castigo pelo pecado, é a cessação do funcionamento do corpo e sua separação temporária da alma. A morte não é fim de toda a existência, pois a pessoa sem corpo físico continua a existir no estado intermediário até a ressurreição.”<sup>24</sup>

Na lição 10, sobre a Doutrina do Homem, falamos rapidamente sobre esses temas quando estudamos sobre a composição do homem entre sua parte material (corpo) e sua parte imaterial (alma/espírito). A morte envolve a separação temporária entre esses dois estados (Eclesiastes 12:7), mas é importante destacar que o estado de existência sem o corpo físico é anormal, não é o estado habitual de como as coisas deveriam ser (2 Coríntios 5:2-4).

A morte é mencionada pela primeira vez nas Escrituras como uma ameaça divina de punição divina pela desobediência, conforme lemos em Gênesis 2:16-17 – “E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, **certamente morrerás.**”

Dessa forma, podemos desenvolver os seguintes conceitos sobre a morte:

1. É uma penalidade pelo pecado (Romanos 6:23);
2. É uma inevitabilidade da existência humana (Eclesiastes 3:1-2);
3. É ordenada acontecer uma única vez (Hebreus 9:27);
4. Há uma ligação inseparável entre a morte de todas as pessoas e a morte de Adão (Romanos 5:12-21; 1 Coríntios 15:21-22);
5. Refletir sobre a morte sem introspecção mórbida dá sabedoria para viver (Salmos 90:3,10; Eclesiastes 7:2,4).

---

<sup>24</sup> ALLISON, Gregg R. – 50 Verdades Centrais da Fé Cristã, pág. 387.

Millard Erickson chama a atenção para o fato de que *“Vida e morte, de acordo com as Escrituras, não devem ser concebidas como existência e não existência, mas como dois estados de existência. A morte é simplesmente a transição de uma forma diferente de existência; ela não é, como alguns tendem a pensar, a extinção da vida.”*<sup>25</sup>

Por fim, devemos chamar a atenção de que a Bíblia fala de alguns tipos de morte. A primeira morte foi a que aconteceu a partir de Adão, se dividindo em duas etapas – a primeira etapa é a morte espiritual, que aconteceu imediatamente após o pecado e se define pela separação de Deus (Romanos 5:12; Efésios 2:1) e a segunda etapa é morte física, onde a alma é separada do corpo (Gênesis 3:19; Eclesiastes 12:7);

Existe outro tipo de morte que é a morte daqueles que morreram no pecado, sem usufruir da redenção conquistada por Jesus na cruz. Ou seja, além de morrer fisicamente e espiritualmente, essa pessoa é separada de Deus por toda a eternidade em sua condição de pecadora. É também designada por segunda morte. (Apocalipse 20:6, 21:8).

## **O ESTADO INTERMEDIÁRIO**

O Estado Intermediário diz respeito à condição dos seres humanos entre a sua morte e ressurreição. Embora tanto os crentes quanto os incrédulos morram (Eclesiastes 9:2-3), seus destinos como pessoas desencarnadas são muito diferentes.

A história do Rico e de Lázaro em Lucas 16:19-31 é bastante esclarecedora a esse respeito. Cabe ressaltar que esse texto pode não ser uma parábola, primeiro que não é assim identificado pelo autor e segundo porque ele menciona um nome próprio, o que não acontece em nenhuma outra parábola. E mesmo que seja uma parábola, esse texto não é um conto e, portanto, possui inúmeros elementos verdadeiros que podemos extrair para nosso aprendizado:

1. O texto mostra que a morte não é um estado de inconsciência (v. 24);
2. Lázaro e o rico estão em plena posse de suas faculdades (v. 23);
3. O texto mostra destinos diferentes conforme a vida que viveram conforme lhes estava revelado na palavra e que se manifesta em consolo ou tormento (v. 23);
4. Também é mostrado que não se pode alterar as condições da pessoa após sua morte (v. 26);
5. O texto aponta também que não existe possibilidade de se fazer contato entre o mundo dos vivos e dos mortos (v. 31);

---

<sup>25</sup> ERICKSON, Millard J. – Teologia Sistemática, pág. 1116.

6. Por último, que os vivos devem crer naquilo que é revelado na Palavra (v. 29).

Ao morrerem, os salvos entram imediatamente na presença do Senhor no céu (Lucas 16:22, 23:43). Paulo diz: *“preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor.”* (2 Coríntios 5:8) e que essa existência é *“incomparavelmente melhor.”* do que a existência terrena (Filipenses 1:23).

Quanto aos incrédulos, quando morrem, entram imediatamente em agonia no inferno (Lucas 16:23-31). A Bíblia retrata de forma assustadora o sofrimento deles, com expressões como *“choro e ranger de dentes”* (Mateus 8:12, 25:30), afirmando que *“A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite”* (Apocalipse 14:11).

Por último, em vários textos, a Bíblia usa as palavras *“Sheol”* e *“Hades”* de forma intercambiável e que são traduzidas como *“sepultura”, “além”, “inferno”, “sepulcro”, “morte”, “abismo”* e *“cova”,* além de expressões como *“reino dos mortos”* (Isaías 14:15) e *“mundo invisível”* (Salmos 89:18), todas para falar de um lugar ou estado entre a morte e a ressurreição (Salmos 16:10; Atos 2:27), sendo o destino tanto para os que são salvos quanto para aqueles que irão para o tormento.

Como podemos ver, a Bíblia não trata esse assunto de forma exaustiva, portanto muita especulação surge e vários ensinoss errados aparecem:

1. VER A MORTE COMO ALGO NATURAL E POSITIVO: esse ponto de vista não entende que a morte não é o que deveria acontecer com o homem, porque é uma penalidade pelo pecado. É um inimigo que rouba a vida.
2. SONO DA ALMA: os Adventistas e as Testemunhas de Jeová acreditam que as pessoas existem em uma condição inconsciente no estado intermediário. Usam as passagens que falam sobre *“sono”* (1 Reis 2:10; João 11:11; Atos 7:60, 13:36; 1 Tessalonicenses 4:13) que é caracterizado pela ausência de memória, louvor e esperança (Salmos 6:5, 115:17; Isaías 38:18). Esse ponto de vista não entende que a Escritura usa o *“sono”* como um eufemismo para a própria morte, sendo que esse ensino sobre o *“sheol”* no AT foi esclarecido na revelação posterior do NT e não explicam as passagens bíblicas que mostram os crentes na presença de Cristo após a morte (Lucas 16:22, 23:43; João 11:11-16).
3. PURGATÓRIO: segundo o catolicismo romano, o purgatório é o estado temporário de purificação dos católicos fiéis que não foram totalmente obedientes durante a sua existência terrena. Levando a mancha do pecado, esses fiéis *“purgam”* (purificam, extirpam, eliminam) esses pecados mediante um sofrimento passivo e podem ser ajudados pelos que estão vivos por meio de missas, orações e boas obras. São utilizados o texto apócrifo de 2 Macabeus 12:38-45 e de 1 Coríntios 3:15

e Mateus 12:32 em uma interpretação bastante equivocada. Essa doutrina não é certa, pois defende uma salvação por obras e que pode ser alcançada após a morte (Efésios 2:8-9; Hebreus 9:27).

4. **REENCARNAÇÃO:** a doutrina espírita ensina que a morte é vista como uma transformação feliz, pois o corpo é considerado uma prisão para a alma e a morte representa sua libertação, que exerce melhor sua atividade sem um corpo. Essa alma, através de sucessivas reencarnações em corpos diferentes que vão sendo formados para recebê-la, vai “evoluindo” através da prática do bem e da justiça até alcançar um “grau” que não necessita do corpo e passa a habitar em um mundo “espiritual” e não em um mundo físico, que é considerado “inferior”.
5. **A NEGAÇÃO DA EXISTÊNCIA APÓS A MORTE:** o entendimento moderno tem afirmado que conceitos como racionalidade, livre-arbítrio, consciência moral e fé estão intimamente ligados a processos neurológicos e que quando a pessoa morre, esses processos se encerram, defendendo uma existência completamente física. Essa teoria tem dificuldades de explicar o conceito de consciência humana e a noção universal de vida após a morte, além de contrariar frontalmente os ensinamentos da Escritura.

Como esse estado incorpóreo é anormal, tanto os crentes quanto os descrentes no estado intermediário, aguardam a ressurreição dos seus corpos.

## **RESSURREIÇÃO**

Já mencionamos aqui que a ressurreição é o ato final que acontece com o corpo. É levantar-se novamente, com um corpo transformado, depois da morte. A ressurreição dos crentes é a sua glorificação, o último ato poderoso de Deus que compõe a sua salvação.

É importante salientar que na Bíblia, a ressurreição sempre envolve o retorno à vida em corpos reais, de carne e osso e existem três maneiras em que isso é descrito:

1. Para falar sobre indivíduos que morreram e, então, miraculosamente, receberam a sua vida de volta (1 Reis 17:22; 2 Reis 4:32-37; João 11:1-44);
2. Em referência a Jesus saindo da tumba, de maneira literal e física no domingo de Páscoa (Mateus 28:1-10; Marcos 16:1-8; Lucas 24:1-49; João 20:1-23);
3. Para falar da ressurreição de toda a humanidade ao fim dos tempos (João 5:28-29; Atos 24:15).

Essa última maneira é a que estamos estudando nesse tópico e vemos a semente dessa esperança no AT em Jó 19:26 e em Isaías 26:19 conforme Daniel 12:2.

Jesus amplia essa esperança na ressurreição de Lázaro (João 11:23-26) e na previsão de sua própria morte e ressurreição (Mateus 16:21).

Assim, Jesus é chamado de “primogênito entre os mortos” (Colossenses 1:18; Apocalipse 1:5), sendo protótipo de seus seguidores (1 Coríntios 15:20-21).

Por fim, essa esperança na ressurreição se tornou um importante ponto da mensagem dos apóstolos (Atos 26:22-23; 1 Coríntios 15:3-4; 1 João 3:2).

É importante salientar que a perfeição que se espera alcançar na glorificação (1 Coríntios 1:8; Filipenses 1:10-11; Colossenses 1:22) inclui a integridade física, onde o corpo será transformado assim como de Cristo (Filipenses 3:21; 1 Coríntios 15:42-44).

Na volta de Cristo, haverá crentes sem corpo físico no céu com ele e crentes com corpo físico na terra. Os mortos serão ressuscitados primeiro, recebendo seus corpos ressurretos (1 Tessalonicenses 4:15-17). A eles se seguirão os crentes que estiverem vivos na terra, os quais não morreram, mas terão seus corpos atuais revestidos com os corpos ressurretos (2 Coríntios 5:1-5).

Existem dois erros que devem ser evitados no estudo dessa doutrina:

1. No Liberalismo, assim como a ressurreição de Cristo foi rejeitada, a ressurreição dos crentes foi descartada como mística e fisicamente impossível. Esse ensino nega que milagres existam e a vida eterna não tem nenhum componente físico.
2. Na ciência moderna, a ressurreição física tem sido rejeitada, bem como a nova corporificação dos crentes com base na crença que a existência humana é apenas física não há existência incorpórea nos céus após a morte, portanto após a morte do corpo físico, a existência humana termina.

Como existe muita confusão a respeito desse tópico, um esclarecimento final é importante: a suprema esperança da salvação não é que os crentes morram e vivem para sempre com Cristo no céu como almas incorpóreas. Ao contrário, a suprema esperança é a ressurreição física, a nova corporificação dos crentes, que então viverão eternamente no novo céu e na nova terra – um futuro físico (Apocalipse 21:1).

## **PARTE 2 – ESCATOLOGIA GERAL**

### **A VOLTA DE JESUS**

A segunda vinda de Cristo é um elemento que deve ser fundamentalmente confessado por todo cristão. Existem elementos de divergência em escatologia (milênio e tribulação – falaremos sobre eles na próxima parte), mas também existem elementos de convergência que são confessados por todos os crentes e esse é um deles. Antes de falarmos em “quando” ela ocorrerá, um ponto de divergência, falaremos de “como” ela ocorrerá, o ponto de conformidade.

Primeiramente, vários textos bíblicos apontam para a volta de Cristo de forma direta (Mateus 24 e 25, 26:64; João 14:3; Atos 1:11; Filipenses 3:20-21; 1 Tessalonicenses 4:15-16; 2 Tessalonicenses 1:7, 10; Tito 2:13) e de forma indireta (1 Coríntios 1:7; 15:23; 1 Tessalonicenses 2:19; 3:13; 5:23; 2 Tessalonicenses 2:1, 8; 1 Timóteo 6:14; 2 Timóteo 4:1, 8; Hebreus 9:8; Tiago 5:7-8; 1 Pedro 1:7, 13; 2 Pedro 1:16; 3:4, 12 e 1 Jo 2:28).

Assim, somos levados a ansiar pela sua volta em corpo tal qual subiu aos céus. Crer em qualquer outra forma de volta de Cristo é contrário às Escrituras. Ele não voltará de outra forma, senão em corpo vindo dos céus tal qual subiu.

Conforme os muitos textos citados, a Bíblia nos dá a certeza de como Jesus voltará. Não é meramente uma linguagem figurada, de que Jesus voltará em “nossos corações” como diziam os liberais, mas será um evento histórico mundial.

Ainda que isso venha sendo anunciado há 2000 anos, esperamos a sua volta ardentemente. Assim podemos exercitar nossa paciência, pois ele voltará no tempo certo que está determinado. Olhamos para Cristo e para o que seremos para encontrar força, consolo e instrução para esses dias de agora em que vivemos.

O segundo ponto é que apesar de termos a certeza da sua volta, não podemos dizer o quando ela acontecerá precisamente. Muitos já tentaram através de cálculos criativos e estipulações para tentar prever o tempo da volta de Cristo. Porém, a Bíblia não dá elementos suficientes para esse tipo de comportamento.

Sabemos certamente que ele voltará, mas não quando especificamente isso ocorrerá (Marcos 13:32, 33, 35; Atos 1:7). O próprio Cristo deixa claro que ninguém além do Pai sabe disso, nem mesmo os anjos nos céus. (Mateus 24:36). Temos que combater a ansiedade de previsões com a certeza da esperança da sua volta. Qualquer movimento que tente dar datas para a volta de Cristo, é um movimento errado, falso e inimigo da verdadeira escatologia bíblica.

A natureza de sua vinda será pessoal, corpórea, visível, inesperada, triunfante e gloriosa:

1. Ela é pessoal porque A Bíblia nos mostra que ela será tão pessoal como foi a sua partida (João 14:3).



2. Ela será corpórea porque é o cumprimento da promessa que ele deixou (Atos 1:11).
3. É visível porque todo olho o verá, não é algo que só os crentes verão. Nem é algo que acontece de maneira espiritual internamente, mas é um testemunho mundial (Mateus 24:30).
4. Ainda que a Bíblia nos mostre os sinais de sua vinda, o evento cataclísmico da sua volta será repentino como foi o dilúvio nos dias de Noé (Mateus 24:37; 25:8-10).
5. E será triunfante e gloriosa porque ele voltará em poder. O Cristo que morreu como cordeiro, voltará como leão. Ele julgará as nações em seu trono de glória (Mateus 25:31-33).

## O JUÍZO FINAL

O Juízo Final é o futuro veredito público e universal proferido por Cristo, no qual ele avaliará todos os seres humanos e angélicos.

Esse evento é chamado de o “Julgamento do Grande Trono Branco” (Apocalipse 20:11-15) é um assunto importante para a escatologia, mas pouco debatido – normalmente se fala que todos serão julgados quando Jesus voltar e nada mais.

Apesar de já termos visto que imediatamente depois da morte, os indivíduos já vão para o céu ou para inferno, isso é, um estado intermediário, todos ainda precisarão passar pela ressurreição para ter seus corpos e adentrar no estado definitivo após o julgamento final.

Dessa forma, o juízo final não mudará a sentença de ninguém: quem foi salvo permanecerá assim, e quem foi condenado permanecerá assim. Aqueles que estiverem vivos na época do julgamento também serão julgados como condenados ou como salvos.

O próprio Cristo será o juiz. Muitos cristãos imaginam Jesus somente como uma figura que salva, mas ele também julgará. Alguns evocam que “Cristo não veio para julgar o mundo, mas para salvar” (João 12:47), mas isso se refere à sua primeira vinda.

Porém, uma vez que ele veio exercer salvação, para tirar-nos da condenação, na sua segunda vinda, ele virá julgar (Mateus 25:31-33). Jesus também disse que o Pai lhe entregou todo o julgamento (João 5:22,27). Pedro também disse que haverá um dia de juízo que será feito pelo próprio Jesus (Atos 10:42). Paulo também falou disso quando pregou aos atenienses (Atos 17:31) e quando escreveu para Timóteo – *“Conjuro-te,*

*perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino” (2 Timóteo 4:1).*

Millard Erickson chama atenção para algo interessante: *“parece que os crentes participarão do julgamento. Em Mateus 19:28 e Lucas 22:28-30, Jesus dá a entender que os discípulos julgarão as doze tribos de Israel. Somos informados de que os crentes se assentarão em tronos e julgarão o mundo (1 Coríntios 6:2-3; Apocalipse 3:21, 20:4). Embora não saibamos os detalhes exatos, evidentemente Cristo permitirá aos santos partilhar desse trabalho.”*<sup>26</sup>

Portanto, todos passarão pelo julgamento do trono branco do Cordeiro, como é dito em Apocalipse, sejam crentes, sejam descrentes (Romanos 14:10). Todos os segredos serão revelados, tudo que ocorreu será avaliado.

Conforme já dissemos, os crentes não precisam temer esse julgamento, pois ao morrer, ele sabe que irá para o céu e no julgamento ele sabe que sua vida eterna será efetivada. Os crentes entendem que vão para o juízo final, diante do grande trono branco de Deus para receber as suas recompensas, os galardões (2 Coríntios 5:10). O que se entende é que existem níveis de perfeição no céu. Existem gradações de glória que recebemos do Senhor (Apocalipse 22:12). Deus vai devolver em glória para cada um de nós de forma diferente conforme o modo que vivemos nessa vida. O nosso julgamento não é para nossa condenação. Nós não tememos o juízo de Deus, porque Cristo terá o seu sangue derramado sobre nós.

Por outro lado, o ímpio deve temer tal julgamento. Mesmo havendo uma condenação no momento da morte, nesse julgamento haverá uma efetivação da condenação. A Bíblia fala de um julgamento com mais rigor do que foi feito a Sodoma e Gomorra (Mateus 11:24). Paulo também fala desse julgamento quando pregou no Areópago (Atos 17:31), quando falou com Félix (Atos 24:25) e deixou isso explicado na sua carta aos Romanos (Romanos 2:5). O autor de Hebreus também falou disso ao abordar que o homem só tem uma vida e depois morreria (Hebreus 9:27). Esse julgamento é claramente ensinado que ocorrerá depois da segunda vinda de Cristo (Mateus 13:37-43, 16:27, 24:29-35; 25:31-46; 1 Coríntios 4:5).

A descrição de João em Apocalipse nos mostra que o destino dos ímpios ressurretos é serem jogados no lago de fogo, a segunda morte, juntamente com o Diabo, a besta e o falso profeta (Apocalipse 20.10 cf. 20:14). Assim, a descrição do julgamento não é nenhum pouco boa para os descrentes. Há uma etapa final que é pior que o inferno, porque o inferno será lançado no lago de fogo. Além disso, vemos também que o próprio Satanás será julgado e condenado juntamente com seus demônios. Ele não é o

---

<sup>26</sup> ERICKSON, Millard J. – Teologia Sistemática, pág. 1146.

senhor do inferno. Jesus é o Senhor do inferno e ele condenará todos os descrentes e os demônios por toda a eternidade (2 Pedro 2:4; Judas 6).

## NOVO CÉU E NOVA TERRA

O estado final e eterno do Universo é o novo céu e a nova terra. Resulta da renovação da decaída criação atual, para a glória de Deus.<sup>27</sup>

Conforme já estudamos, *“No princípio Deus criou os céus e a terra”* (Gênesis 1:1) tudo era *“muito bom”* (Gênesis 1:31) e a terra era fértil, exuberante, bela, em harmonia com os seres humanos, a quem foi dada a responsabilidade de cuidar dela e preservá-la (Gênesis 2:8-9, 15).

Mas Adão e Eva se rebelaram contra Deus e toda a terra foi amaldiçoada: ela deixou de ser um lugar hospitaleiro para se tornar um lugar de dificuldades para o homem (Gênesis 3:17-19, 23-24) e que anseia por renovação (Romanos 8:18-25).

Após a segunda vinda de Jesus e o julgamento final, Deus prometeu criar um novo céu e uma nova terra (Apocalipse 21), sendo essa a suprema esperança de tudo o que existe. Sendo possível ver essa realidade descrita em Isaías 65:17-25 – *“Pois eis que eu crio novos céus e nova terra; e não haverá lembrança das coisas passadas, jamais haverá memória delas.”* (Isaías 65:17).

Esse novo mundo será maravilhoso e não precisaremos mais temer a dor ou a tristeza, pois na cidade celestial estaremos na presença do poder e da santidade da glória de Deus: *“A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada”* (Apocalipse 21.23). Esse será o cumprimento do propósito de Deus em nos chamar *“para a sua própria glória e virtude”* (2 Pedro 1.3).

Sobre a doutrina do novo céu e da nova terra, devemos evitar alguns erros:

1. Negar a materialidade do novo céu e terra, espiritualizando essa esperança.
2. Acreditar numa visão secularista que afirma uma “evolução” desse mundo por seus próprios meios, sem uma transformação proporcionada diretamente pelo próprio Deus agindo com justiça.
3. Adotar uma visão comum entre os crentes que a suprema esperança é morrer e ficar junto de Jesus no céu. **Nossa esperança é o estado eterno!**

---

<sup>27</sup> ALLISON, Gregg R. – 50 Verdades Centrais da Fé Cristã, pág. 435.

## PARTE 3 – AS QUESTÕES POLÊMICAS

### TRIBULAÇÃO E MILÊNIO

Nós vimos até aqui as questões de escatologia que são consenso nas mais diversas denominações cristãs. Todas afirmam a Volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, o Grande Julgamento e o Novo Céu e a Nova Terra. Mas existem algumas questões que são motivo de discussão: qual é a ordem desses acontecimentos, se o Milênio é literal ou não e se a Igreja passará pela Grande Tribulação ou não.

### A GRANDE TRIBULAÇÃO

É um tempo descrito como o período da ira divina, quando o seu juízo será manifestado sobre toda a terra. Trata-se da manifestação daquilo que no AT era chamado de “Dia do Senhor” ou “Dia da Ira do Senhor” (Daniel 12:1; Mateus 24:21).

Este tempo de manifestação da ira divina, também é o tempo do reinado do Anticristo e seu governo mundial (2 Tessalonicenses 2:4).

Será um período de enorme sofrimento, não somente por causa da Besta que reinará nesse período, mas também devido às grandes catástrofes e pragas enviadas ou permitidas por Deus (Apocalipse 6:1-8, 12-17).

O momento de tribulação nos termos escatológicos se refere à 70ª semana descrita no livro de Daniel 9:24-27.

Existem três concepções sobre a tribulação:

1. O PRÉ-TRIBULACIONISMO é a ideia que a igreja é levada aos céus em um arrebatamento secreto antes da tribulação. A ideia de que os crentes serão levados, desaparecendo da terra, em um período antes à grande tribulação, a qual seria o período em que se acirrará a perseguição do anticristo sobre o mundo.
2. O MESO-TRIBULACIONISMO ensina que a igreja estará presente na terra durante uma parte da tribulação e assim experimentará parte dela, mas será poupada da pior parte dela. A igreja passará pela primeira metade da chamada grande tribulação.
3. O PÓS-TRIBULACIONISMO entende que a igreja será arrebatada após o período de tribulação final no momento do retorno de Cristo em glória, a *parousia*.

É importante destacar que a discussão sobre a Grande Tribulação praticamente se restringe aos chamados pré-milenistas conforme veremos a seguir.

## O MILÊNIO

Esse termo se refere ao texto contido em Apocalipse 20:1-6 quando ele fala de um período de mil anos, o Milênio (do latim “*mille*” – mil e “*annum*” – ano).

A natureza do milênio e sua relação com a volta de Cristo e a tribulação são objeto de controvérsia.

Existem quatro concepções principais: o amilenismo, o pós-milenismo, o pré-milenismo histórico ou clássico e o pré-milenismo dispensacionalista.

Faremos aqui uma abordagem reduzida sobre cada uma delas para que sejam conhecidas sem tomar uma posição dogmática sobre isso visto que as discussões que surgem sobre o tema são fruto da falta de clareza sobre ele na Bíblia<sup>28</sup>.

1. O AMILENISMO adota uma abordagem não literal do texto. Afirma que não existe (por isso -a) milênio, ou seja, nenhum período futuro de mil anos em que Cristo reinará na terra. Essa posição identifica o milênio com a era atual da Igreja. A prisão de Satanás é a atual restrição que Deus lhe impõe, permitindo que o Evangelho progrida em todos os lugares. Os Santos que governam são cristãos que morreram e agora estão com Cristo no céu. Sua primeira ressurreição é uma realidade espiritual (sua conversão ao cristianismo) enquanto a segunda ressurreição é uma realidade física. No final da era atual, Cristo voltará e derrotará Satanás que foi solto, dando início ao juízo final, à ressurreição e ao novo céu e à nova terra.



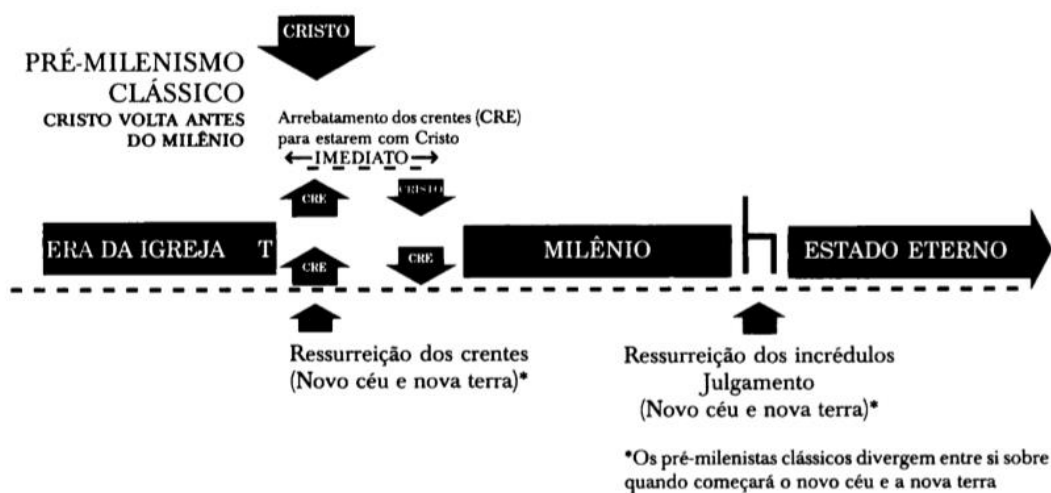
2. O PÓS-MILENISMO é a posição de que a volta de Cristo ocorrerá depois (por isso, *pós*-) do milênio, que será uma era de paz e prosperidade na terra. Ele também interpreta Apocalipse 20:1-6 de forma não literal. O milênio não é a era atual da Igreja, nem um período futuro em que Cristo reinará na terra. Em vez disso, será

<sup>28</sup> (resumo elaborado a partir do livro 50 Verdades Centrais da Fé Cristã, pág. 404 a 407 e imagens extraídas da Teologia Sistemática de Wayne Grudem).

uma época de ouro que emerge do período atual, à medida que o Evangelho exerce seu poderoso impacto. A prisão de Satanás abre caminho para a expansão de Evangelho. As parábolas que falam do desenvolvimento gradual do reino de Deus são textos utilizados para justificar essa posição (Mateus 13:31-33).

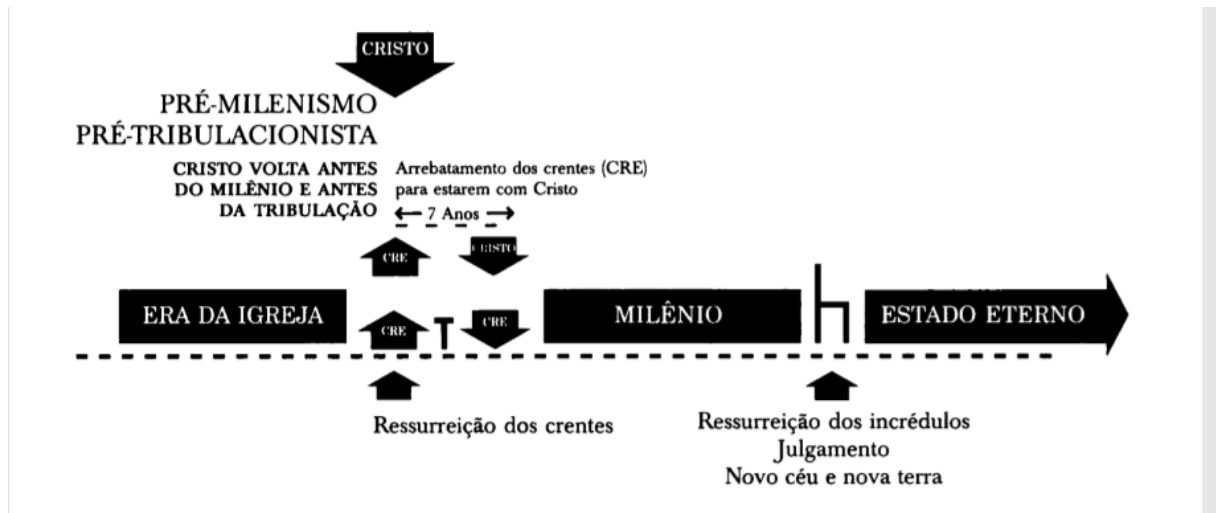


3. O PRÉ-MILENISMO CLÁSSICO ou HISTÓRICO é a posição de que a volta de Cristo ocorrerá antes (por isso, *pré-*) do milênio, que será um reino literal de mil anos de Cristo na terra. Antes da volta de Cristo, acontecerá a grande tribulação na terra, sendo que Igreja experimentará, pelo menos em parte, esse período de sete anos de intenso sofrimento. Assim, a volta de Cristo ocorrerá após a tribulação (pós-tribulacional) e antes do milênio.



4. O PRÉ-MILENISMO DISPENSACIONALISTA também faz uma leitura literal de Apocalipse 20:1-6 e a grande diferença dessa posição para o pré-milenismo

histórico é a de que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação para que não passe por esse período de sete anos de intenso sofrimento.



## CONCLUSÃO

Devemos entender que o estudo da Escatologia não é meramente um exercício de “futurologia” tentando adivinhar como será o fim dos tempos, mas é uma forma de trazer a esperança para a vida cristã, sabendo que a vitória do crente já está definida e aguardamos ansiosamente a vinda do Senhor Jesus e o estabelecimento do novo céu e da nova terra.

Também devemos evitar discussões infrutíferas sobre os acontecimentos futuros, mas trabalhar intensamente para levar o Evangelho a todo mundo sabendo que esse é o marcador para a “vinda do fim” (Mateus 24:14).

Que possamos clamar como João disse ao final de Apocalipse: *“O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.”* Apocalipse 22:17

## BIBLIOGRAFIA

- Bíblia de Estudo Indutivo – Almeida Corrigida Fiel; São Paulo, SP: Editora Vida, 1997;
- Bíblia de Estudo NAA – Nova Almeida Atualizada; Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018;
- Bíblia Sagrada – Edição do Centenário da Primeira Igreja Batista em Divinópolis; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019;
- Allison, Gregg R.*; 50 Verdades Centrais da Fé Cristã: um guia para compreender e ensinar teologia; São Paulo: Vida Nova, 2021;
- Bird, Michael F.*; Toda Escritura É...: Sete perspectivas que todo cristão deveria ter sobre a Bíblia; Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022;
- Cone, Christopher*; Hermenêutica e Método Teológico; Brasília, DF: Editora 371, 2020;
- Ferreira, Franklin*; Curso Vida Nova de Teologia Básica: teologia sistemática; São Paulo: Vida Nova, 2013;
- Ferreira, Franklin e Myatt, Alan*; Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual; São Paulo: Vida Nova, 2007;
- Geisler, Norman L.*; Enciclopédia de Apologética: respostas aos críticos da fé cristã; São Paulo: Editora Vida, 2002;
- Geisler, Norman L., Nix, William*; Introdução Bíblica; São Paulo: Editora Vida, 2006;
- Grudem, Wayne*; Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva; 2ª edição revisada e ampliada; São Paulo: Vida Nova, 2022;
- Grudem, Wayne*; Manual de Doutrinas Cristãs: Teologia Sistemática ao Alcance de Todos; São Paulo: Editora Vida, 2007;
- Horton, Michael*; Cristianismo essencial; Santos, SP: Editora Cultura Cristã, 2018 – Kindle;
- House, Wayne*; Teologia Cristã em Quadros, São Paulo: Editora Vida, 2000;
- Hudson, Christofher D.*; Panorama Ilustrado da Bíblia: Santo André, SP: Geográfica, 2022;
- Lewis, C. S.*; Cristianismo Puro e Simples; São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2009;
- Marques, Reinaldo Ribeiro – organizador*; Teologia sistemática para hoje – com estudos organizados em quadros; Presidente Prudente, SP: Livraria Cristã Emmerick, 2023;
- Millard, Erickson J.*; Teologia Sistemática; São Paulo: Vida Nova, 2015;
- Pfeiffer, Charles F., Vos, Howard F. e Rea, John*; Dicionário Bíblico Wycliffe; Rio de Janeiro: CPAD, 2015;
- Sawyer, M. James*; Uma Introdução à Teologia: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico; São Paulo: Editora Vida, 2009;
- Ware, Bruce*; Cristo Jesus Homem: Reflexões Teológicas sobre a Humanidade de Cristo; São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2013;
- Won, Paulo*; E Deus falou na Língua dos homens: uma introdução à Bíblia. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020;
- Revista Fundamentos – Revista da Nossa Escola Bíblia Dominical 2013; Primeira Igreja Batista em Divinópolis;
- Revista Palavra Viva – Escatologia, 2019; Primeira Igreja Batista em Divinópolis;
- Site [www.gotquestions.org](http://www.gotquestions.org)
- Site [www.sbb.org.br/historia-da-biblia-sagrada/historia-da-traducao-da-biblia](http://www.sbb.org.br/historia-da-biblia-sagrada/historia-da-traducao-da-biblia)



